

JOSUÉ ALENCAR BEZERRA

*A REAFIRMAÇÃO DO BAIRRO:  
um estudo geo-histórico do bairro do Alecrim na cidade de Natal-RN*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, área de concentração: Dinâmica e Reestruturação do Território, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do título de Mestre em Geografia, sob a orientação do professor Dr. Ademir Araújo da Costa.

Natal  
2005

JOSUÉ ALENCAR BEZERRA

*A REAFIRMAÇÃO DO BAIRRO:*

*um estudo geo-histórico do bairro do Alecrim na cidade de Natal-RN*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, área de concentração: Dinâmica e Reestruturação do Território, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em Natal-RN, 25 de agosto de 2005.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ademir Araújo da Costa  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Presidente da Banca

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Doralice Sátyro Maia  
Universidade Federal da Paraíba  
Examinadora Externa

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Maria Soares Pontes  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Examinadora Interna

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA.

Bezerra, Josué Alencar.

A reafirmação do bairro : um estudo geo-histórico do bairro do Alecrim na cidade de Natal / Josué Alencar Bezerra. - Natal, RN, 2005.  
187 f.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Araújo da Costa. .

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Área de concentração: Dinâmica e Reestruturação do Território.

1. Espaço urbano – Bairro - Dissertação. 2. Bairro do Alecrim – Dissertação. 3. Geografia histórica – Dissertação. I. Costa, Ademir Araújo da. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 911.3.75.6(043.3)

## AGRADECIMENTOS

Quando nos envolvemos em um trabalho acadêmico como este, sabemos que estamos partindo para um momento muito difícil e bastante nebuloso em nossas vidas. É um momento que nos isolamos do mundo e abdicamos de alguns prazeres. É um momento de crise pessoal.

Entretanto, quando vemos que estamos chegando ao final desta importante etapa de crescimento pessoal, começamos a lembrar das pessoas que sempre estiveram nestes momentos de crise. Algumas são rostos antigos, outras são amizades que foram conquistadas durante este período de pesquisa. É assim que se torna possível entender que a pesquisa desenvolvida rege em um processo cumulativo e, portanto, coletivo, o que significa que muitas mãos trabalharam para escrever esta dissertação.

Quando dos momentos de maior temor, Deus sempre esteve ali, nas minhas orações, para me sustentar e ensinar que as coisas estavam guardadas para mim e que ninguém poderia tomá-las. A Ele, a minha mais profunda gratidão.

Chamo pelo meu outro pai, que me viu entrar na universidade, mas não pôde me acompanhar crescendo e tornando-me um homem. Que ele tenha orgulho de mim.

À minha eterna e querida mãe, Dona Jozelia que, acima de tudo, me fez ver o verdadeiro caminho na vida: honestidade, cuidado e sapiência... Nunca errou uma! À Mãe-Lena, “mulher guerreira que não foge à luta”. Quem tem uma avó como essa, tem estímulo para enfrentar qualquer problema que o mundo há de nos mostrar. Aos meus irmãos, Nado, Kalina, Katarina, Kátia e, com muito carinho, ao meu cunhado Fernando, e sobrinhas Bárbara e Clarinha, que sempre me deram

força para enfrentar os problemas que surgiram durante esta caminhada. Enfim, à minha família que, sem dúvida, cumpriu a tarefa mais difícil: conviver com as angústias e ansiedades de quem está fazendo um trabalho desta ordem. A compreensão, carinho, amor e dedicação de todos foi primordial.

À **Lidiane**, mulher doce, exemplo de feminilidade. Minha maior alegria. Meu bem. São várias as palavras corrigidas por ela, mas o amor que sinto nenhuma língua do mundo consegue explicar.

Um agradecimento muito especial ao meu amigo e orientador, **Ademir**, um professor que soube me conduzir durante o crescimento intelectual, através de discussões, sugestões e inúmeras conversas informais que tivemos no decorrer do curso. Uma pessoa que confiou em mim do início ao fim. Espero que estejamos sempre juntos fazendo a Geografia.

A alguns amigos que sempre estiveram próximos, ajudando na elaboração deste sonho: **Luiz Eduardo**, amigo pra toda hora, confidente dos maiores segredos, um abraço; **Ednardo**, em quem todos desejam se espelhar, amigo de várias aventuras geográficas. Mais alguns colegas que encontrei nesta trajetória geográfica: **Aristotelina**, **Gerson Gomes**, **Bruno Halley**, suas contribuições me ajudaram muito.

Aos professores do Departamento de Geografia da UFRN, em especial, a **Aldo**, **Anelino**, **Edna**, **Lacerda** e **Rita**, pessoas que me fizeram ver o verdadeiro caminho da universidade. À professora **Bia**, mulher forte e de pura sensibilidade, pelas preciosas colaborações e incentivos dados desde o período da Graduação até aqui, neste trabalho. Aproveito também para agradecer e mostrar minha sincera admiração pela professora **Doralice** da UFPB, que vem se destacando na Geografia

brasileira contemporânea. Todos, mestres na essência da palavra, merecem o meu profundo respeito.

Aos meus amigos da Base de Pesquisa de Estudos sobre Habitação e Espaço Construído, sob a coordenação do professor Márcio Valença, em especial a Daniela, Gilene e Rosaltiva. Pela ajuda e acolhimento neste importante reduto de pensar do Departamento.

Aos colegas de mestrado, Alberani, Adauto, Ana Maria, Ana Lúcia, Alessandra, Edilson, Gleydson, Iriene, Mardineuson, Maria Luiza, Márcio, Neide Maciel, Otânio, Patrícia, Raquel, Reinaldo, Ricélia, Severino, Rosana, Vanda Regis e Virginia. Foram muitas as conversas e inúmeros os momentos de alegria.

Ao CNPq pelo apoio financeiro para a realização deste mestrado. Sem esta ajuda, seria muito mais difícil levar à frente o desenvolvimento deste trabalho, seja na confecção da dissertação ou mesmo nos inúmeros campos que tivemos que realizar no nosso objeto de estudo.

Aos secretários e amigos da Pós-graduação e da biblioteca setorial, Márcia, Ricardo, Angelike e Janilson, pela paciência e dedicação presenciada por todos nós que fazemos o Mestrado. Muito obrigado.

Àqueles que nos receberam durante a pesquisa, seja o popular no bairro do Alecrim ou mesmo os representantes das repartições públicas e estabelecimentos privados que nos atenderam com muito profissionalismo.

Enfim, são muitos os que acompanharam nossa caminhada. Para todos vocês, que sempre estiveram ao meu lado para dar uma palavra de apoio e incentivo, meus sinceros agradecimentos!

*O bairro é uma forma de organização concreta do espaço e do tempo na cidade. [...] é o âmbito natural da vida social e a unidade social da escala humana.*

*Lefebvre (1975, p. 195-200).*

## RESUMO

No limiar do século XXI, a globalização da economia mostra-se como um processo veloz através do qual o mercado se expande caracterizado por um intenso seguimento de internacionalização do capital, concentrando e, por conseguinte, marginalizando a periferia dos espaços sociais. Observa-se que esse processo, ocorrido nos países menos desenvolvidos, dar-se de maneira mais acentuada em vista principalmente da distribuição de renda bastante regressiva e da insuficiente abrangência dos programas sociais, situação encontrada em grande parte das cidades brasileiras. O processo de marginalização socioeconômica observado em Natal, cidade localizada no litoral da região Nordeste do Brasil e que detém de uma população estimada em 778 mil habitantes, está intimamente ligado à extensão do comércio de mercadorias e de serviços. A instalação de novos atributos urbanos na cidade, muitos destes destinados à promoção de Natal no cenário nacional e internacional, apontou a atividade turística como a grande impulsionadora deste fenômeno, privilegiando, pungentemente, a zona Sul, com empreendimentos como *shoppings*, hipermercados e inúmeros condomínios residenciais, acarretando a perda da funcionalidade de alguns bairros tradicionais localizados em áreas centrais da cidade. Entretanto, alguns espaços, como, por exemplo, o bairro do Alecrim, criado oficialmente em 1911, tem resistido notadamente ao processo de expansão urbana apontado nos últimos anos em Natal, o que o coloca como um bairro de características originais remontadas ao longo de processos que vêm de um outro tempo histórico. A predominância de algumas características residenciais, como a incidência de vilas e a concentração de um grande e confuso comércio popular distribuído pelas suas ruas, o coloca como um espaço de resistência em Natal. Sendo assim, analisamos o Alecrim sob o prisma Geo-histórico, pois entendemos



cumprir um fundamental papel no desenvolvimento teórico-metodológico do nosso trabalho, quando analisamos a categoria tempo no objeto de estudo. Ainda dentro do campo teórico, realizamos uma breve revisão sobre a definição de bairro, sob a ótica de diversas fontes cadastrais e científicas resgatadas no decorrer deste trabalho, pois entendemos que era preciso pensar esta importante unidade espacial, sobretudo, para saber exatamente a que estamos nos referindo, para, assim, podermos reafirmar o Alecrim como um bairro tradicionalmente importante para Natal, uma vez que o mesmo vem resistindo às transformações socioespaciais verificadas nos últimos anos na cidade. Para apoiar nossa reflexão, utilizamos os instrumentos metodológicos, no que diz respeito ao conhecimento de vida do habitante, e o estudo do bairro do Alecrim como um espaço que proporciona uma centralidade na cidade, como indicadores para a permanência de características originais neste bairro de Natal.

**Palavras-chave:** Espaço urbano. Geo-história. Bairro. Bairro do Alecrim.

## **ABSTRACT**

By the end of the 21<sup>st</sup> Century, economy globalization trends to show a velocity process through which market being expanded characterized by an intense going on of the internationalization of finance, after that marginalizing the periphery of the social spaces. It is clear to see that this process occurred in those less developed countries happens in an accentuated way just because income distribution that is so regressive and also because the insufficient enclosing of the social programs, we find this situation in a big part of Brazilian cities. The marginalizing social economical process observed in Natal, a city located in the east coast part of Northeast region in Brazil and that owns a population upper to 778 thousand in habitants is nearly linked to the extension of goods and services commerce. The installation of new urban activities in the city pointed out tourist activity as the greater impulsive thing in the phenomenon promotion, most of them aiming to promote Natal to the national and international scenery. It privilege strongly in the South zone with economical implementations such as shopping's centers, supermarkets, and home buildings condominiums leading to a loss of functionality of some traditional district located in central areas of the city. Notwithstanding, some spaces, for instance Alecrim district officially created in 1911, has notably resisted to the expansion of the urban process pointed out in Natal in the last years. So that this put Alecrim District as a district with originally characteristics reaffirmed along the historical process form old times. The predominance of some residential characteristics such as the incidence of some villages and a concentration of a big and confuse popular commerce distributed along streets puts Alecrim District as a resistant space in Natal. The same way analyze Alecrim District under the prism of Historic Geography because we understand this way it accomplishes a fundamental role in the theoretical

methodological development of our work, just when we analyze the time as a variant in our object of study. It is still inside this theoretical field that we carry out a brief reviewing about quarter/district definition, under the optic from several registered and scientific resources taken into account along this work, because we understand that it was necessary to think this important spatial unit especially to know exactly what we are referring to as a district and so we can reaffirm Alecrim as an important and traditional district to Natal and it has been resisting to spatial transformation verified in the last years in Natal city. To give support to our reflection we used methodological tools related to inhabitants lifestyles knowledge and also the study of Alecrim District as a space that promote a certain centrality in Natal as some indicators to keep original characteristics in the district in Natal.

**Key words:** Urban space. Historic Geography. District. Alecrim district.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução da população do bairro do Alecrim (1950-2000).....	98
Gráfico 2 - Estrutura etária da população do bairro do Alecrim com a cidade de Natal.....	133
Gráfico 3 - Número de pessoas empregadas nas residências do bairro do Alecrim.....	134
Gráfico 4 - Situação dos imóveis residenciais visitados no bairro do Alecrim.....	136
Gráfico 5 - Percentual correspondente ao tempo de moradia da população do bairro do Alecrim.....	139
Gráfico 6 - Maiores problemas do bairro do Alecrim, apontados pelos moradores.....	146
Gráfico 7 - Qualidades do bairro apontadas pelos moradores do Alecrim.....	156

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diferentes escalas urbanas de uma cidade.....	56
Figura 2 - Ilustração representativa do período em que Natal estava sob dominação dos holandeses (1630-1654).....	79
Figura 3 - Granjas localizadas no antigo Refoles e a população que usufruía do riacho do Baldo na lavagem de roupas, dentre outros serviços (início do século XX).....	83
Figura 4 - Arquitetura original da ponte de Igapó construída em 1916.....	86
Figura 5 - O alistamento dos retirantes fugidos da seca chegando ao Alecrim na primeira metade do século passado.....	90
Figura 6 - A praça Almirante Tamandaré nos anos 1950 e a praça Gentil Ferreira na década de 1980 e atualmente (à direita).....	93
Figura 7 - A antiga Escola de Aprendizes de Marinheiro, local da atual Base Naval de Natal (Marinha do Brasil).....	96
Figura 8 - Alguns dos principais corredores viários do Alecrim: rua Ary Parreiras (1); avenida Manoel Miranda (2); avenida Presidente José Bento (3); avenida Coronel Estevam (4); rua Dr. Mário Negócio (5) e avenida Presidente Bandeira (6).....	103
Figura 9 - Cruzamento das avenidas Coronel Estevam com Presidente Bandeira: área de concentração comercial do bairro do Alecrim.....	115
Figura 10 - Igreja de São Pedro em vários momentos: missa campal em 1916 (1); desenrolar de sua construção em 1918 (2); primeiras décadas do século passado (3); a estrutura da igreja atualmente (4).....	124
Figura 11 - Estrutura de uma família patriarcal, típica do interior do nordeste brasileiro e vinda para o Alecrim no século XX.....	131
Figura 12 - Festejos juninos entre os moradores da travessa Manoel Miranda; (1) 1979, (2) 2003; (3) 2005.....	135
Figura 13 - Estrutura das residências na rua Cabugy e na travessa Regis, no Alecrim.....	137
Figura 14 - Costumes rurais trazidos do interior para o bairro do Alecrim.....	140
Figura 15 - Empreendimentos comerciais construídos nos últimos 15 anos ao longo da zona Sul da cidade de Natal.....	152

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do bairro do Alecrim no município de Natal-RN.....	25
Mapa 2 - Zona urbana de Natal no final do século XIX.....	81
Mapa 3 - Fluxo migratório dos moradores do bairro do Alecrim, segundo os municípios do Rio Grande do Norte e de outras unidades da federação.....	142
Mapa 4 - Percentual dos moradores do Alecrim, segundo o bairro de origem em Natal.....	143
Mapa 5 - Distribuição dos moradores do bairro do Alecrim por naturalidade nos municípios do interior do Rio Grande do Norte.....	144
Mapa 6 - O bairro do Alecrim entre os principais corredores viários da cidade de Natal.....	154

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Referências das avenidas atingidas pelo Plano Palumbo no bairro do Alecrim.....	104
---	-----

## LISTA DE SIGLAS

ABLC - Academia Brasileira de Literatura de Cordel

BA - Bahia

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

BNH - Banco Nacional de Habitação

CAMANA - Casa de Marinheiro Natal

CEF - Caixa Econômica Federal

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COHAB-RN - Companhia de Habitação Popular do Rio Grande do Norte

COVISA - Coordenadoria de Vigilância Sanitária de Natal

E.U.A. - Estados Unidos da América

ES - Espírito Santo

GO - Goiás

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGRN - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

LTDA - Limitada

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PB - Paraíba

PE - Pernambuco

PETROBRAS - Petróleo Brasileiro S. A.

PPGe - Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia

RN - Rio Grande do Norte

SDIHB - Subprograma de Desenvolvimento Institucional Habitar Brasil

SEMTAS - Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social

SEMURB - Secretaria Especial de Meio Ambiente e Urbanismo

SFH - Sistema Financeiro da Habitação

SP - São Paulo

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

USP - Universidade de São Paulo



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
1.1	CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO DO ALECRIM.....	24
1.2	METODOLOGIA.....	29
<b>2</b>	<b>O ESPAÇO URBANO E O ESTUDO DE BAIRRO.....</b>	<b>34</b>
2.1	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO.....	35
2.1.1	<i>O cotidiano no espaço urbano.....</i>	<i>43</i>
2.2	UMA DISCUSSÃO SOBRE BAIRRO: DIVERSAS DEFINIÇÕES E ALGUNS ESTUDOS.....	47
2.2.1	<i>Bairro: uma copiosidade em definição.....</i>	<i>47</i>
2.2.2	<i>Algumas experiências no estudo de bairro na Geografia.....</i>	<i>63</i>
<b>3</b>	<b>A GEO-HISTÓRIA DO BAIRRO DO ALECRIM.....</b>	<b>70</b>
3.1	RECONSTRUINDO A CIDADE: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO ALECRIM.....	77
3.2	A CRIAÇÃO DO BAIRRO DO ALECRIM.....	82
3.3	AS BASES PARA A PRODUÇÃO DO ESPAÇO ALECRINENSE.....	87
3.3.1	<i>A influência dos retirantes na formação do Alecrim.....</i>	<i>88</i>
3.3.2	<i>As marcas da guerra para o desenvolvimento do Alecrim.....</i>	<i>94</i>
3.3.3	<i>As ruas e avenidas.....</i>	<i>99</i>
3.3.4	<i>O sistema de transporte no bairro.....</i>	<i>105</i>

3.3.5	<i>A atividade comercial: uma ligação íntima com o Alecrim.....</i>	108
3.3.6	<i>As vilas: um estilo próprio de se viver .....</i>	117
3.3.7	<i>Os incrementos religiosos do bairro do Alecrim.....</i>	123
<b>4</b>	<b>ALECRIM: A REAFIRMAÇÃO DO BAIRRO.....</b>	<b>128</b>
4.1	OS MORADORES E UM INDICATIVO DE PERMANÊNCIA DO BAIRRO.....	130
4.2	O BAIRRO DO ALECRIM: UM ESPAÇO DE CENTRALIDADE NA CIDADE.....	148
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>162</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>168</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>179</b>

## 1 INTRODUÇÃO

**B**aseado em estudos da Geografia Urbana, entendemos que o processo de urbanização vivenciado atualmente reflete alguns problemas sociais como a pobreza e a falta de emprego, juntamente com a implantação das políticas de industrialização nas cidades brasileiras, mais atuantes nas regiões Sul e Sudeste, áreas que, tradicionalmente, concentram as atenções governamentais e econômicas no país. A inclusão da região Nordeste, nesse processo, aconteceu em um ritmo mais tardio, movido basicamente pela implantação de políticas de apoio às médias indústrias.

Mesmo assim, o investimento no setor secundário na região atingiu desde as capitais até as cidades circunvizinhas, o que implicou nas demandas sociais que, de certa maneira, estão ligadas às instabilidades entre o crescimento econômico e os investimentos infra-estruturais dos centros urbanos.

Semelhante ao que tem acontecido na maioria das cidades nordestinas, no cenário potiguar, o processo de urbanização espalhou-se de forma rápida e intensa. Na década de 1960, por exemplo, 37,6% das pessoas viviam nas cidades e, hoje, praticamente 75% dos habitantes do Rio Grande do Norte residem nos centros urbanos do estado (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000). Mesmo com este crescimento populacional, verificamos que, atualmente, o estado dispõe de apenas dois grandes pólos demográficos em seu território: no extremo Oeste, a cidade de Mossoró, com uma população estimada em 227.357 habitantes, e a Leste, os municípios componentes da Região Metropolitana de

Natal<sup>1</sup>, área esta que concentra mais de 40% de toda a população do estado, alojados principalmente nas cidades de Natal e Parnamirim (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2005).

Tanto na cidade de Natal, como em outras áreas que compõem sua região metropolitana, é possível observar fenômenos derivados do crescimento desordenado, como a favelização, a violência urbana, os problemas de trânsito, dentre outros. Surgidos como consequência do rápido processo que vem atingindo a região, e que se intensificou nas últimas décadas do século passado.

Como tem se verificado em outras áreas metropolitanas do país, a Região Metropolitana de Natal vem atingindo, nos últimos anos, grandes taxas de crescimento urbano, representadas historicamente pelo processo migratório que faz do grande centro urbano o principal destino das pessoas oriundas do interior em busca de melhores oportunidades de emprego e moradia, enfim, de uma melhor qualidade de vida.

Hoje, com uma população estimada em 778 mil habitantes, distribuídos em uma área de aproximadamente 15.821,98 ha, a cidade de Natal, dividida em quatro regiões administrativas e estas subdivididas em 36 bairros, aparece como palco principal para a investigação dos maiores fenômenos urbanos existentes no Rio Grande do Norte (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2005).

Sendo assim, a partir de inúmeras discussões desenvolvidas sobre as questões urbanas oriundas deste processo de urbanização das cidades brasileiras

---

<sup>1</sup> A Região Metropolitana de Natal, criada pela Lei Complementar 6.998, de 16 de janeiro de 1997, constitui o “aglomerado urbano” composto pela capital e os municípios de Macaíba, Extremoz, São Gonçalo do Amarante, Parnamirim e Ceará-Mirim. Em 2002, a região incluiu, em seu perímetro, os municípios de Nísia Floresta e São José do Mipibú (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).

e, em especial, de Natal<sup>2</sup>, optamos por estudar um dos espaços que mais tem sido afetado por este fenômeno urbano – o bairro.

Algumas das indagações surgidas foram absorvidas, daí pensamos que poderíamos retirar do espaço urbano de Natal o estudo de um bairro tradicional da cidade que acreditamos ser um espaço de resistência ao processo de urbanização implementado na capital potiguar.

As transformações socioespaciais advindas do processo de urbanização proporcionaram o crescimento vertical e horizontal do espaço urbano, o surgimento de inúmeros espaços especializados, o emprego da terceirização da economia, o surgimento de problemas ambientais e sociais e, conseqüentemente, a alteração dos hábitos da população. E como estaria um bairro, considerado tradicional na cidade, diante destas transformações oriundas do crescimento urbano observado nos últimos anos em Natal? O bairro do Alecrim, foco de inúmeras discussões acerca da história de vida e do cotidiano urbano verificado naquele tradicional espaço da cidade.

Após a interlocução com alguns professores de diversas áreas do conhecimento, cujos pensamentos testemunham a configuração socioespacial do bairro na cidade, objetivamos analisar o Alecrim como um espaço de resistência e de importante representatividade socioespacial na cidade de Natal. Procuramos entendê-lo como um bairro, de maneira a não ignorar sua história, estudando o passado dos moradores que produziram, ao longo do tempo, a essência de bairro no Alecrim.

---

<sup>2</sup> No decorrer do curso de graduação em Geografia e, principalmente, quando integrante da Base de Pesquisa em Estudos Socioespaciais e de Representações Cartográficas do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), desenvolvemos uma pesquisa sobre o setor terciário na cidade de Natal.

Assim, observando estas transformações socioespaciais em Natal, entendemos que o Alecrim vem mantendo, consideravelmente, suas características tradicionais adquiridas desde o início de sua ocupação. Dentre elas, podemos citar o espaço de moradia.

A evolução urbana do bairro do Alecrim, desenvolvida diferentemente dos demais espaços natalenses, mostra-se um campo rico e praticamente inexplorado pela comunidade científica. Para tanto, torna-se necessário entender melhor este bairro, resgatando alguns importantes elementos concebidos no decorrer de sua história, contribuindo para um saber científico sobre o bairro.

Assim, buscamos compreender as conseqüências que deram ao Alecrim uma forte identidade com o espaço em que está inserido na cidade. Para isso, foi necessário entender o grau de realidade dos seus moradores, consultar os indivíduos que participam do bairro.

Isso posto, para substanciar nossa pesquisa, iniciamos o trabalho desenvolvendo uma breve leitura sobre o estudo do espaço urbano e uma síntese do entendimento do cotidiano urbano. A exposição deste conteúdo mostrou-se possível após um resgate teórico, no qual visitamos alguns autores da Geografia e afins à ciência, como Carlos (1994, 2001a, 2001b, 2004, 2005), Corrêa (1989, 1995, 2001), Costa (2000), Damiani (1999), Lefebvre (1976), Santos (1978, 1997, 1999), dentre outras fontes de reflexão do tema.

Ainda dentro do campo teórico, realizamos uma breve revisão sobre a definição de bairro, a partir de diversas fontes cadastrais e científicas resgatadas no decorrer deste trabalho, pois entendemos que era preciso pensar esta importante unidade espacial, sobretudo, para saber exatamente a que estamos nos referindo. Tendo em vista que, como afirma Ramos (2001, p. 9), “[...] ao escolhermos o bairro

como, objeto de análise, fazemos a opção pelo estudo do espaço social, o que, por conseguinte, inclui o estudo da cidade, enquanto totalidade”. Sendo assim, buscamos entender o bairro do Alecrim na ótica da cidade, e este sob o cunho histórico-social. Para atender a esta busca, consultamos alguns trabalhos como o de Ramos (2001), Barros (2004), Seabra (2003), Souza (1989) e Lefebvre (1975).

Embasamos nossas análises e interpretações do espaço geográfico, utilizando o conhecimento fornecido pela Geografia Histórica, que disponibiliza metodologias voltadas para reflexão temporal do espaço. Esta parte da Geografia foi deixada por muito tempo no esquecimento pela Geografia brasileira e, nos últimos anos, vem sendo resgatada principalmente por Abreu (1988, 1998) e Vasconcelos (1999). Seguindo a linha da Geografia Histórica, conseguimos desenvolver os encaminhamentos teórico-metodológicos do nosso trabalho, quando analisamos a categoria tempo no objeto que estudamos. Essa descoberta providenciou de iniciar a terceira seção deste trabalho com a construção da geo-história do bairro do Alecrim, desde o período de sua ocupação (meados do século XIX) até os dias atuais.

Na quarta seção, tentamos reafirmar o Alecrim como um bairro tradicionalmente importante para Natal que vem resistindo às transformações socioespaciais verificadas nos últimos anos na cidade. Para apoiar nossa reflexão, utilizamos os instrumentos metodológicos, no que diz respeito ao conhecimento de vida do habitante, e o estudo do bairro do Alecrim como um espaço que proporciona uma centralidade na cidade, como indicadores para a permanência de características originais neste espaço de Natal.

Assim sendo, focalizamos nossos estudos no bairro do Alecrim, objeto empírico de referência para esta pesquisa, área repleta de elementos a serem analisados pela ciência geográfica, tendo em vista o seu longo período de

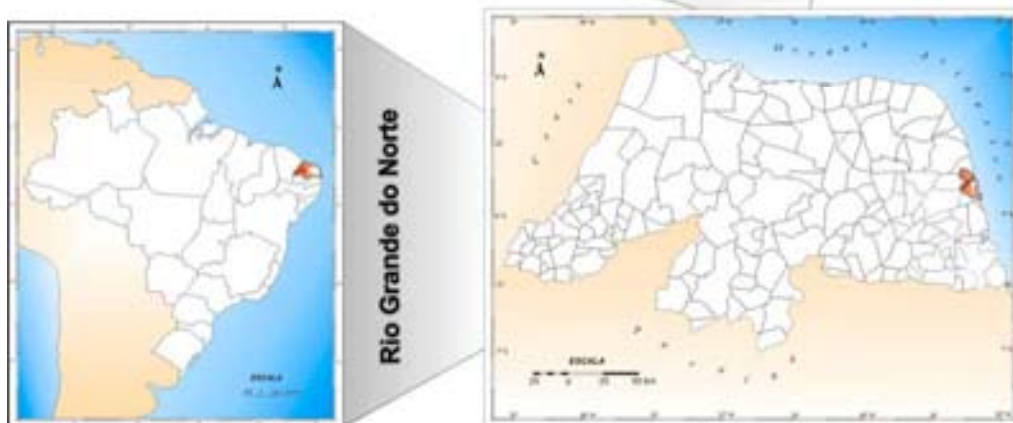
existência, marcado por acontecimentos importantes para a formação do espaço urbano da cidade. A seguir, apresentaremos a caracterização da área de estudo e, posteriormente, detalharemos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

## 1.1 CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO DO ALECRIM

Localizado na zona administrativa Leste da cidade de Natal, o bairro do Alecrim dispõe de uma área de 309,37 ha e uma população de 32.356 habitantes, o sétimo mais populoso da cidade, representando uma densidade demográfica de 104,59 hab./ha (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000). O bairro faz limite a Norte com o estuário Potengí/Jundiaí e o bairro de Cidade Alta, ao Sul com os bairros de Lagoa Nova e Dix-Sept Rosado, a Leste com os bairros de Barro Vermelho e Lagoa Seca e a Oeste com o bairro das Quintas (Mapa 1).

Atualmente, o bairro do Alecrim dispõe de 8.650 domicílios, sendo, em sua maioria, formados de casas particulares. Deste total, 67,27% dos domicílios participam da rede geral de esgotos e os restantes são equipados com fossas sépticas ou rudimentares. Praticamente todo o lixo produzido pelas residências do bairro é coletado pelo serviço de limpeza pública, embora não seja o morador quem mais produza a sujeira, mas sim, estabelecimentos comerciais amplamente presentes no bairro (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).





**Mapa 1** - Localização do bairro do Alecrim no município de Natal-RN.

**Fonte:** Secretaria Especial de Meio Ambiente e Urbanismo (2003).

**Nota:** Cartografia e organização de Josué Alencar Bezerra, 2005.

Dos seus moradores, 29,5% possuem um rendimento que varia entre 1 a 3 salários mínimos, percentual bem inferior aos que ganham mais que 20 salários

mínimos (pouco mais de 2%). Comparado ao rendimento nominal médio mensal em salários mínimos do município (6,09) e da região administrativa leste (9,0), o bairro do Alecrim (4,86) não se encontra muito bem posicionado no que diz respeito à distribuição de renda entre a sua população economicamente ativa, o que revela um quadro socioeconômico bastante preocupante, refletido na posição que o mesmo ocupa no cenário municipal, ou seja, 17º lugar em distribuição de renda entre os 36 bairros existentes em Natal (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).

Segundo Cascudo (1999), o bairro do Alecrim foi criado oficialmente na gestão do presidente da Intendência Municipal de Natal, Joaquim Manuel Teixeira de Moura, em exatos 23 de outubro de 1911<sup>3</sup>. Mas sua ocupação deu-se há alguns anos atrás, com a construção de algumas edificações importantes para a cidade e devido, principalmente, à chegada de inúmeras caravanas de mercadores e sertanejos vindos do interior do nordeste em busca de melhores condições de vida em Natal. A partir da produção do espaço urbano natalense, observada no decorrer do século passado, o bairro do Alecrim ganhou uma representatividade socioespacial importante para Natal, constituindo-se num abrigo de características emblemáticas na cidade.

Alguns dos elementos até hoje importantes para Natal foram construídos neste bairro da cidade, como: o cemitério, instalado em 1856; a igreja de São Pedro, concluída em 1919, e a tradicional feira do Alecrim, criada na década de 1920 e que deu um incremento à feição comercial do bairro (SOUZA, 2001).

---

<sup>3</sup> Apesar de ter sido criado oficialmente em 1911, o Alecrim passou por uma regulamentação regida pela Lei nº. 251, de 30 de setembro de 1947, pelo prefeito Sylvio Pedroza e teve seus limites redefinidos pela Lei nº. 4.330, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial, em 07 de setembro de 1994 (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).

Para se ter idéia, segundo a Secretaria Especial de Meio Ambiente e Urbanismo da cidade de Natal (SEMURB), atualmente, as atividades econômicas desenvolvidas no Alecrim são compostas, em quase sua totalidade, pela atividade comercial e pela prestação de serviços, preenchendo, respectivamente, 54,62% e 42,27% do total de estabelecimentos existentes no bairro (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).

No que diz respeito à representatividade do setor terciário no bairro, 12,7% de todas as atividades comerciais e 10,4% das de serviço encontram-se no Alecrim. Sem citar o setor informal, marca registrada do bairro.

A atividade industrial é compreendida basicamente por vidraçarias, marcenarias, padarias, gráficas e até mesmo indústrias fornecedoras de equipamentos voltados para atender outros setores da economia, como as fábricas de embalagens e de carrinhos de cachorro quente (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).

Com relação ao sistema educacional, o bairro dispõe de 22 estabelecimentos de ensino, sendo 9 particulares e 13 públicos. Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000), a taxa de alfabetização da população com idade igual ou superior a 15 anos é de 91,61%, percentual razoável se comparado aos mais de 20% da população, neste grupo de idade, que não sabia ler nem escrever no início dos anos 1990.

No Alecrim, existem alguns estabelecimentos importantes voltados para a assistência médica da população da cidade. No bairro, são encontradas 6 unidades de saúde, sendo 4 públicas, 1 privada e 1 sindical, bem como da Coordenadoria de Vigilância Sanitária de Natal (COVISA). No que se refere aos equipamentos voltados para o lazer existentes no Alecrim, os dados da Secretaria Especial de Meio

Ambiente e Urbanismo (2003) revelam que o bairro dispõe de apenas 1 quadra poliesportiva e 6 praças públicas, algumas bastante conhecidas pelo natalense, como as praças Gentil Ferreira, ou praça do relógio, e a Almirante Tamandaré, ambas localizadas em algumas das principais vias de circulação do bairro natalense, as avenidas Manoel Miranda, Mario Negócio e as ruas Fonseca e Silva e Olinto Meira.

Ao longo de sua expansão urbana, o Alecrim proporcionou a construção de importantes conjuntos habitacionais em seu perímetro, o maior deles é o da Marinha, com 332 moradores, seguido pelo da Caixa Econômica Federal (CEF), com 303 e, por fim, o conjunto Santa Maria, compreendendo 117 habitantes. No bairro, são encontradas duas áreas denominadas subnormais, as favelas do Formigueiro, com 18 famílias, e a Ocidental de Baixo, com 127, somando um total de 451 habitantes, o que representa 1,4% da população do Alecrim. Ambas as favelas são compostas por construções de alvenaria ou por alguns barracos, embora disponham de serviços básicos como o fornecimento de água e energia elétrica (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000).

A importância do Alecrim para a cidade de Natal não se resume apenas à disponibilidade dos serviços e à existência de um grandioso espaço comercial. É mais que isso. Localizado em uma área central da cidade, com a existência de longas avenidas, o deslocamento para qualquer parte da cidade torna-se facilitado.

O fluxo viário, as ruas especializadas pelo comércio em toda a sua organização urbana e a nova configuração socioespacial da cidade não implicaram na mudança de algumas características originais do bairro, como a permanência de um grande número de residências e a manutenção de importantes feiras populares, tendo em vista o advento das transformações observadas no espaço natalense. Por

isso, decidimos reafirmá-lo como bairro em um espaço tradicionalmente importante para a cidade de Natal.

## 1.2 METODOLOGIA

Entendemos que, para analisar o processo geo-histórico do bairro do Alecrim, era necessário analisar tanto o cunho teórico quanto o empírico de sua produção do espaço. Para isso, foram consultadas várias fontes bibliográficas durante toda a pesquisa, como também foi feito um levantamento de dados primários e secundários acerca deste espaço tradicional da cidade.

A análise bibliográfica serviu de subsídio teórico para a produção de textos preliminares, como também para a elaboração do trabalho como um todo. Nesta etapa, foram considerados os acervos encontrados sobre questões relevantes à pesquisa, como o estudo do espaço urbano e de bairro, a história da cidade de Natal e outros temários que se remeteram à área enfocada. Para tanto, fez-se necessário um levantamento da existência destes trabalhos em bibliotecas, fontes cadastrais e, principalmente, em discussões realizadas em alguns eventos da Geografia brasileira que tivemos a oportunidade de participar nos últimos anos.

No que se refere aos dados secundários, recorremos a vários órgãos públicos, sindicatos e representantes da sociedade civil, para levantamentos de informações vinculadas à infra-estrutura e organização espacial da área de estudo.

Os dados primários foram obtidos junto aos representantes, empresários e, principalmente, aos moradores do Alecrim. A sistemática de coleta desses dados constituiu-se de observações diretas e de entrevistas formais e informais aos indivíduos ligados à temática.

As entrevistas formais constaram de um formulário semi-aberto cuja parte constituída de questões fechadas destinou-se a obter respostas com relação a dados pessoais e aos aspectos socioeconômicos dos entrevistados, representados, principalmente, pelos moradores do Alecrim, tendo em vista que estes são os que vivem o bairro.

Na parte correspondente às questões abertas, o entrevistado respondeu livremente aos quesitos ligados à problemática da pesquisa propriamente dita como, tempo de moradia, os problemas existentes no bairro, justificativas para viver no Alecrim, história de vida, entre outras questões, colhidas indiretamente no trecho destinado às observações.

As entrevistas informais foram gravadas, e muitas delas estruturadas antecipadamente com perguntas abertas e dirigidas ao entrevistado ou com questões não estruturadas que surgiram com o desenvolvimento das respostas apresentadas pelo entrevistado. Nesse tipo de entrevista, colhemos inúmeros relatos de vida de antigos moradores do bairro que sempre tinham algo mais a acrescentar no questionamento.

A utilização do tipo de pesquisa histórica empregada neste trabalho foi compreendida pela pesquisa oficial, representada pelos documentos e arquivos, como cartas, ofícios e leis encontrados no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), nos acervos cadastrais da prefeitura da cidade e em jornais da época. E pela pesquisa construída pelo povo, adquirida com base no relato dos moradores e seu documentos pessoais, que testemunharam a formação do bairro.

O trabalho de campo desenvolveu-se sob a ótica da pesquisa qualitativa que, segundo Triviños (1987, p. 117), “[...] compreende e analisa a realidade sob

dois enfoques: o subjetivista-compreensivista e o crítico-participativo com visão histórico-estrutural-dialética da realidade social”, ou seja, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (GIL, 1995).

Seguindo estas observações, elaboramos um formulário com 23 perguntas objetivas e 3 discursivas, relacionadas à ordem econômica, infra-estrutural, educacional, demográfica e, principalmente, social da população do bairro.

Um total de 200 formulários foram aplicados em residências distribuídas em todas as quatro áreas do bairro, no período de 23 a 30 de dezembro de 2004, analisando os diversos perfis socioeconômicos da população, ou seja, buscou-se obter informações das famílias de todas as classes, pois entendemos que todos vivenciam o bairro, ora em condições diferentes.

Quando desenvolvemos uma pesquisa social, existem diversos tipos de técnicas para se obter a amostragem. Já na pesquisa qualitativa, o critério numérico não é encarado como base principal. Assim sendo, optamos por adotar a amostra do tipo não-probabilística, “[...] que depende unicamente dos critérios do pesquisador, sendo selecionada por intencionalidade e acessibilidade” (GIL, 1995, p. 97).

Assim, visitamos 200 residências em 69 ruas, avenidas, travessas ou vilas do bairro do Alecrim, contudo, procuramos não ultrapassar o máximo de 10% das residências de cada via. Inúmeras outras vias foram visitadas, mas não foram

abordadas com os formulários<sup>4</sup>, mas sim em entrevistas gravadas, que totalizaram quase cinco horas de depoimentos, e em registros fotográficos que somam um total de 491 fotos. Ao banco de dados da nossa pesquisa, foram acrescentados 116 registros fotográficos antigos disponibilizados pelos moradores e instituições do bairro do Alecrim.

A tabulação e a análise dos dados foram realizadas simultaneamente ao levantamento de campo. Isso quer dizer que tanto a pesquisa de campo quanto a tabulação dos dados transcorreu em um mesmo momento do trabalho, primando a execução destas atividades sem nenhuma interrupção.

Com os dados e as informações devidamente tabuladas e analisadas, elaboramos o documento final, que consiste de uma análise geral e sistemática de todas as constatações levantadas durante as etapas desenvolvidas no decorrer da pesquisa.

---

<sup>4</sup> Os nomes das avenidas, ruas, travessas e vilas juntamente com o dia da visita podem ser encontrados no apêndice deste trabalho (Apêndice - B).



## 2 O ESPAÇO URBANO E O ESTUDO DE BAIRRO

*O enfoque do espaço geográfico, como o resultado da conjugação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, permite transitar do passado ao futuro, mediante a consideração do presente.*

*Santos (1999, p. 81).*

*A* partir das idéias de Milton Santos, buscamos compreender o espaço, trabalhado pela Geografia, e o processo de produção deste no urbano, com o propósito de entender a essência do Alecrim, representada na vida cotidiana do bairro. Sendo assim, iniciaremos esta parte intermediando as idéias construídas sobre o conceito de espaço, lavrado em algumas obras construídas pelos autores precedentes, a fim de adquirirmos uma maior abertura teórica sobre o tema.

Desde o início da nossa vida acadêmica, aprendemos que o conceito de espaço está inserido como um dos principais instrumentos de estudo da ciência geográfica. Assim, consideramos que a sua discussão trouxe complacência a este trabalho e, em particular, à Geografia desenvolvida por nós no departamento da UFRN. Isso não quer dizer que estamos limitados ao universo do pensamento geográfico, pois visitamos produções que integram um considerável campo das ciências humanas, como na Antropologia, História, Filosofia e Sociologia, uma vez que à margem da discussão especulativa de espaço e, especialmente, de espaço urbano, faremos uma pequena revisão acerca do estudo do cotidiano urbano, discussão que consideramos necessária para entender o bairro do Alecrim.

No segundo momento desta parte, lançamos uma leitura, a título de contribuição, sobre a noção de bairro, pois percebemos que a definição deste vocábulo ainda possui algumas lacunas que não foram preenchidas suficientemente em experiências geográficas, embora corroboramos com a idéia de que o conhecimento científico nunca estará pronto e acabado, mas sempre passível de receber novas críticas e interpretações diversas. Com este trabalho, não pretendemos necessariamente preencher tais lacunas, mas se possível, participar com algumas discussões fundamentais para o entendimento deste importante recorte espacial da cidade.

Inicialmente, apresentaremos um conjunto do repertório construído para definição do que seria um bairro, recorrendo a algumas fontes bibliográficas e cadastros que enunciem de alguma forma a temática. A partir desta busca, organizamos o material de modo que fosse posta a problemática da sua definição, o que facilitou o entendimento do nosso objeto de estudo.

Finalizaremos, porém, apontando algumas contribuições científicas que versam sobre a pesquisa geográfica desta unidade espacial – o bairro, elencando os trabalhos mais representativos que foram encontrados como referência no desenvolvimento desta dissertação.

Sustentamos nossa maior discussão teórica pensando o entendimento de espaço e, especificamente, espaço urbano, juntamente com a busca da noção de bairro, arquitetado por alguns autores consultados em nossos registros da pesquisa.

## **2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO**

Partimos para investigar o espaço, numa ótica histórico-social, tecendo considerações no campo teórico deste importante conceito da Geografia, uma vez

que visitamos algumas fontes acerca da produção social do espaço, matéria de análise para este trabalho.

Apesar de serem muitas as evidências, o conhecimento sobre o espaço e, especificamente, o espaço urbano, permeia entre o pensamento teórico construído pela Geografia como também por alguns outros ramos das ciências humanas. No entanto, deixamos claro que não é nosso objetivo estudar todo o banco de dados produzido sobre o tema, mas sim contribuir na sua discussão e ao mesmo tempo dar suporte às questões trabalhadas nesta pesquisa.

Assim, entendemos que, desde quando iniciamos o estudo da Geografia, aprendemos que o espaço é produzido socialmente, e que essa produção ocorre paralela à produção dos bens materiais essenciais à sobrevivência do homem. O espaço é visto por Trindade Júnior (1997, p. 5-6) como produto social resultante “[...] do trabalho dos homens no seio das relações que eles estabelecem entre si e com a natureza”, ou seja, o produto das relações fundamentadas na divisão social do trabalho que ocorrem num determinado momento entre os homens e a natureza.

Corrêa (1995, p. 15), por sua vez, nos revela que o uso do conceito de espaço está “[...] associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global, continental, regional, da cidade, do bairro, da casa e de um cômodo no seu interior”, isto é, o homem constrói o seu próprio espaço, podendo ocorrer de forma restrita ou de forma ampla, dependendo do nível de escala em que esse espaço tenha sido produzido.

Com base nesta definição, cabe a nós trabalharmos a escala de um bairro – o Alecrim, objeto de análise deste estudo e reduto de inúmeras relações sociais empreendidas pelo homem. O espaço no qual nasceram, cresceram e estão guardadas muitas recordações da cidade de Natal.

Nessa perspectiva, entendemos que o espaço se manifesta de forma desigual e contraditória, o que tem se acentuado enormemente no contexto econômico atual, impulsionado pelos processos globalizantes, fazendo com que os espaços não sejam privilegiados uniformemente.

Para isso, Santos e Silveira (2001) tentam combinar um número de variáveis responsáveis pelas desigualdades espaciais existentes no Brasil, denominando-as como espaços luminosos, espaços opacos ou mesmo os que mandam e os que obedecem. Esta discussão também pode ser vista no trabalho de Castells (1999), o qual analisa as relações sociais desenvolvidas pelo homem no contexto da globalização.

Quanto à importância do conceito de espaço, alguns autores fundamentam suas teorias baseados em uma mesma linha de pensamento. Para Damiani (1999), o conceito de espaço, enquanto produto do meio, pode variar tanto mental quanto socialmente. Para a autora, esta definição é posta como alvo de grandes discussões interdisciplinares:

Aparece em muitas ciências e, por muito tempo, invadiu a filosofia, nela pode estar latente a sua concepção social, mas a relação entre o mental e o social não está constituída claramente. O espaço se decifra como uma das categorias, através da qual, se caracteriza o objeto, dando-lhe universalidade, identidade, para além de sua feição sensível (DAMIANI, 1999, p. 3).

Outros autores dão a esta proposição uma definição um tanto simplista, relatando que o espaço não passa de uma localização física, uma peça de bem imóvel e ao mesmo tempo o local existencial e uma expressão mental resumida a um “[...] local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação” (GOTTDIENER, 1993, p. 126). Há os que dizem que o espaço é dotado de objetos

geográficos, objetos naturais e objetos sociais, cuja dinamicidade está relacionada à movimentação interna da sociedade.

O próprio Lefebvre (1976), por sua vez, ocupava-se no debate sobre espaço, assimilando-o como de fundamental importância para a sociedade. O filósofo francês afirma, ainda, que o espaço não pode ser comparado como um produto qualquer, como um objeto, como uma mercadoria etc., mas sim, como algo mais importante do que qualquer outro instrumento existente na sociedade, uma vez que ele reflete as características da mesma. Deste modo, “[...] o espaço é o *locus* da reprodução das relações sociais de produção” (LEFEBVRE, 1976, p. 30, grifo do autor), ou seja, é no espaço que ocorrem os processos de produção, reprodução e transformação dos modos de produção da sociedade, processo que não deixamos de atentar no nosso trabalho.

Assim sendo, entendemos que o espaço não é estático, mas dinâmico, e sua dinâmica é inerente à dinâmica da sociedade, pois cada sociedade produz seu próprio espaço de acordo com sua realidade. Santos (1978, p. 149) já revelava que a dinâmica do espaço lhe assegura, antes de mais nada:

[...] a tendência a reproduzir a estrutura global que lhe deu origem, ao mesmo tempo em que se impõe a essa reprodução social como uma mediação indispensável que às vezes altera o objetivo inicial ou lhe imprime uma orientação particular.

Nosso objeto de estudo passa por algumas destas definições. O bairro do Alecrim, de fato, traz consigo esta dinamicidade. Vamos além, o recorte espacial alecrinense é um dos principais espelhos da dinâmica da cidade, tendo em vista os elementos de reprodução e resistência socioespaciais verificados em Natal. Assim, corroboramos com Castells (1983, p. 146, grifo do autor) quando revela que:

O espaço é um produto material em relação com outros elementos materiais - entre outros, os homens, que entram também em *relações sociais determinadas*, que dão ao espaço (bem como aos outros elementos da combinação) uma forma, uma função, uma significação social.

Ainda assim, não nos damos por satisfeitos em trabalhar somente com espaço, buscamos o conceito de espaço urbano como produto social para subsidiar nossos debates na pesquisa, tendo em vista as mudanças que vêm ocorrendo na cidade de Natal. Inicialmente, nos deteremos à afirmação de Costa (2000, p. 41), que diz:

O espaço urbano como produto social, por efeito, apresenta as mesmas características já analisadas sobre a noção de espaço, ou seja, ele constitui um reflexo e um condicionante da sociedade e se apresenta também fragmentado e articulado.

Assim, como produto social, o espaço urbano caracteriza-se pela dinamicidade e pelas transformações existentes no seu interior, uma vez que reflete as características de uma sociedade feroz que, além de capitalista e parcialmente segregada, deixa para este recorte o reflexo desigual do acesso aos meios por parte dos seus agentes sociais. E ainda:

O espaço urbano é estruturado, quer dizer, ele não está organizado ao acaso, e os processos sociais que se ligam a ele exprimem, ao especificá-los, os determinismos de cada tipo e de cada período da organização social (CASTELLS, 1983, p. 146-147).

Isto posto, perseguimos o processo de evolução do espaço urbano, uma vez que as cidades convivem com um constante processo de mutação, tendo em vista, naturalmente, o seu desenvolvimento espacial.

Devemos pensar estes espaços como produtores e produtos do movimento criado pelo desenvolvimento das relações capitalistas de produção. Nesse sentido, os intensos processos de urbanização são montados em reflexos de acumulação e concentração do capital. Talvez seja por isso que, para compreender esta problemática, grande parte dos autores analisa os parâmetros industriais e, principalmente, da urbanização sob o prisma da espacialidade. Segundo Castells (1983, p. 24, grifo do autor):

O termo *urbanização* refere-se ao mesmo tempo à constituição de formas espaciais específicas das sociedades humanas, caracterizadas pela concentração significativa das atividades e das populações num espaço restrito, bem como à existência e à difusão de um sistema cultural específico, a cultura urbana.

A dinâmica econômica, que há um século vem ditando as mudanças observadas na sociedade e se utilizando das conexões e interligações dos seus movimentos, é que vem pronunciar todo o processo de reprodução do trabalho acolhido atualmente no espaço urbano.

O aumento das atividades no espaço urbano é próprio do modo de produção capitalista, pois é aí onde se concentram, em maior proporção, a força de trabalho e os meios de produção. Esse crescente aumento gera a aglomeração urbana, que necessita de mais espaços para se expandir. Contudo, a dinâmica presente nas relações, principalmente econômicas, tem afetado o homem de maneira que seu direito ao espaço, elemento fundamental para sua sobrevivência, tem sido comprometido. Para inibir este processo, o espaço precisa ser planejado para que possa ser protegido dos abusos e das distorções sociais bastante comuns no mundo atual. Para isso, temos, recentemente, o Estatuto da Cidade, criado sob a Lei 10.257/2001, de 10 de julho de 2001, que vem legitimar a regulamentação do

espaço urbano nas cidades, buscando uma justiça social<sup>5</sup> na sua utilização (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).

Mesmo com estes mecanismos de controle vemos que a dinâmica do espaço urbano nunca se dá acabado, e sim, reproduzido sem interrupção, encontra-se em permanente processo de transformação, acompanhando e condicionando a evolução da sociedade (SANTOS, 1999). Dessa forma, a cidade deve ser vista como um espaço em constante metamorfose, principalmente pelo ritmo acelerado do crescimento nas últimas décadas, sobretudo nos países subdesenvolvidos quando o espaço urbano, “[...] especialmente o da cidade capitalista, é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista” (CORRÊA, 1989, p. 8).

O processo de produção do espaço alecrinense impõe-se na estrutura urbana da cidade de Natal, gerando meios de produção e de concentração e circulação de pessoas. Esta postura pode recriar “[...] constantemente as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de reprodução do capital” (CARLOS, 1994, p. 83).

Em um dos vários artigos dedicados à primeira parte do livro *O espaço no fim de século: a nova raridade* (Parte I – as contradições do espaço), Carlos (2001a, p. 73) revela que o espaço é analisado sob o prisma das transformações do mundo moderno, fragmentado para análise de sua reprodução enquanto confronto “[...] entre o local e o global, entre o público e o privado, entre o uso e a troca”.

Assim, o espaço urbano, como produto social, por efeito, apresenta as mesmas características já analisadas sobre o espaço, quando se constitui num reflexo e condicionante da sociedade e se apresenta também fragmentado e

---

<sup>5</sup> Harvey (1980, p. 82) ressalta que a justiça social seria uma “aplicação particular de princípios justos e



articulado. Mesmo assim, outros momentos de apreensão desse espaço urbano podem ser também estudados em busca de algumas respostas para nossas inquietações: Como se deu o processo de produção socioespacial no bairro do Alecrim? Qual o papel dos principais agentes responsáveis pelo perfil urbano verificado neste importante espaço natalense?

Carlos (2004), após um árduo estudo na literatura de Henri Lefebvre, lança algumas reflexões que não podemos deixar de observar quando na busca de algumas respostas para nosso trabalho: o espaço que estamos tratando é aquele construído historicamente; é o espaço percebido, ouvido, que está associado estreitamente à vida cotidiana, à realidade cotidiana e às realidades urbanas, que a autora elenca como sendo as redes que ligam os lugares de trabalho, da vida privada e do lazer, pelo território onde se desenvolvem a modernidade e a cotidianidade do mundo moderno. O que nos permite dizer que o espaço temporal (construído historicamente pela sociedade) tem trazido alguns conflitos acerca da perda da memória urbana das cidades.

O professor Santos (1978) ressalta que os elementos espaciais estavam se remodelando, sobretudo no que diz respeito às suas funções e conteúdos. Estas mudanças só poderão ser percebidas se analisarmos o espaço numa perspectiva do seu processo histórico. Assim:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá (SANTOS, 1999, p. 51).

Atualmente, o espaço urbano assumiu um papel fundamental numa forma produtiva da sociedade contemporânea. A reorganização das funções dos territórios, seguindo a produção e internacionalização do capital, proporcionou a fragmentação e articulação da sociedade reproduzindo-se entre si e tendo o espaço como o *locus* desta reprodução (SANTOS, 1997).

A problemática do espaço urbano escoa no nosso trabalho para uma discussão voltada para o plano do espaço vivido, construído historicamente, o que acreditamos, seja de grande serventia para o entendimento do processo de reprodução do espaço alecrinense na cidade de Natal.

Como aponta Corrêa (1989, p. 8), “[...] o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizam no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente”.

### *2.1.1 O cotidiano no espaço urbano*

No decorrer das nossas inquietações, na obtenção de novas leituras e, principalmente, nas constantes visitas ao bairro do Alecrim, observamos que o estudo das práticas cotidianas veio a ser de grande serventia para o entendimento das questões abordadas nesta pesquisa. O acervo de trabalhos acerca desta temática vem crescendo nos últimos anos no Brasil, porém, em nosso recinto acadêmico, estes ainda não podem ser encontrados com facilidade, uma vez também que o temário do cotidiano vem, somente nos últimos anos, se constituindo como campo propriamente conceitual de pesquisa científica na Geografia.

As leituras nos mostraram que o estudo do cotidiano vem a ser uma categoria de análise da realidade socioespacial da cidade, que mexe com sua

história, com o vivido e com o concebido, ou seja, com a realidade construída pelo homem.

De acordo com Heller (1992, p. 18), “[...] todo homem vive o cotidiano, por isso, é heterogêneo, isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade”.

Segundo a referida autora, não importa qual seja sua posição na divisão do trabalho intelectual e físico. Não há quem consiga se desligar completamente da cotidianidade como também não há nenhum homem que viva somente na cotidianidade. O cotidiano é:

[...] ao mesmo tempo abstrato e concreto; institui-se e constitui-se a partir do vivido. Com isso ele traz o vivido ao pensamento teórico e mostra aí uma certa apropriação do tempo, do espaço, do corpo e da espontaneidade vital. Apropriação esta sempre em vias de expropriação. O cotidiano, ele próprio, é uma mediação entre o econômico e o político, objetivação e estratégias do Estado no sentido de uma gestão total da sociedade; lugar de realização da indústria cultural visando os modelos de consumo, no que se destaca o papel da mídia (SEABRA, 1996, p. 77).

O cotidiano vem à tona em pleno duelo do permanente *versus* o mutável e algo construído pela sociedade, o qual vem a fragmentar seus componentes (CARLOS, 2001a). “Com o papel que a informação e a comunicação alcançaram em todos os aspectos da vida social, o cotidiano de todas as pessoas assim se enriquece de novas dimensões” (SANTOS, 1999, p. 257). Dimensões que, em particular, caracterizam o papel da vizinhança na produção da consciência, identificando-o no íntimo da densidade social, pela “[...] acumulação que provoca uma mudança surpreendente movida pela afetividade e pela paixão, e levando a uma percepção global, holista, do mundo e dos homens” (SANTOS, 1999, p. 255). Este sistema de vizinhança compreende ao menos duas dimensões distintas:

[...] As *atividades* relativas à vizinhança (a ajuda e o empréstimo mútuos, as visitas, os conselhos, etc.) e as *relações sociais propriamente ditas* (a saber, a ligação entre relações de amizade, familiares, de vizinhança, participação em associações e centros de interesse, etc.). O conjunto destes comportamentos exprime a definição cultural do papel do *vizinho*; este papel varia em intensidade e intimidade, segundo as dimensões e segundo as normas culturais interiorizadas pelos diferentes grupos sociais (CASTELLS, 1983, p. 125, grifo do autor).

Segundo Park (1973, p. 31), temos que atentar ainda que a:

Proximidade e contato entre vizinhos são bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida citadina. Interesses e associações locais desenvolvem sentimento local e, sob um sistema que faz da residência a base da participação no Governo, a vizinhança passa a ser a base do controle político. Na organização social e política da cidade, é ela a menor unidade local.

Encontramos, nestes espaços, um ambiente propício para a reprodução das relações sociais na cidade. Nesse aspecto, temos a produção do espaço como um processo fundamental para a compreensão destas relações inseridas e enfocadas em todas as dimensões e escalas espaciais de uma cidade como, por exemplo, de um bairro, uma rua ou mesmo dentro de sua casa.

A cotidianidade das cidades passa por esse processo de produção de espaço. Assim, tanto o indivíduo produtor de materiais e mercadoria como aquele produtor de práticas cotidianas mostram-se como sendo a mesma pessoa, aptas a reafirmar a nossa condição de humanidade.

Portanto, o termo produção torna-se bastante amplo, quando nos remetemos à produção de obras e de relações sociais; conteúdos do espaço produzido pelo homem. Lefebvre (1991, p. 47, grifo do autor) ressalta que:

[...] houve na história uma produção de cidades assim como houve produção de conhecimentos, de cultura, de obras de arte e de civilização, assim como houve, bem entendido, produção de bens materiais e de objetos prático-sensíveis. [...] a cidade como *obra* de certos “agentes” históricos e sociais, isto leva a distinguir a ação e o resultado, o grupo (ou os grupos) e seu “produto”.

Assim, o estudo do cotidiano urbano perpassa pela investigação de um processo histórico de produção do espaço, e os eventos históricos supõem a ação humana desta construção e manutenção do espaço geográfico (SANTOS, 1999).

Entretanto, não podemos deixar de colocar que, no complexo dinamismo presente na sociedade urbana moderna, o cotidiano urbano vem se configurando como modo de vida adaptado às circunstâncias e formatos de emprego do tempo, traduzido nas formas de uso do espaço (SEABRA, 2004).

O cotidiano urbano mostra-se como um importante campo das ciências humanas a ser explorado pela Geografia e utilizado com mais frequência em nossos trabalhos acadêmicos. Inserir a discussão do cotidiano como uma de nossas preocupações foi uma decisão que nos ajudou a perceber o espaço do bairro alecrinense. Entendemos ainda que o fazer histórico não pode ser estabelecido apenas pelo pensamento. Torna-se necessário buscar a compreensão da vida cotidiana no processo de construção da realidade daquele espaço.

Com essa visão, percebemos, nos dias atuais, o rápido processo de expansão do espaço urbano, uma vez que as cidades convivem com uma dinâmica de mutação, com a complexidade cada vez maior imposta ou determinada pelo desdobramento das relações capitalistas, que por sua vez tem, na divisão do trabalho; o seu processo de expansão, acarretando, assim, a desconfiguração do espaço vivido, das comunidades urbanas, ou seja, dos espaços conhecidos como bairro.

## 2.2 UMA DISCUSSÃO SOBRE BAIRRO: DIVERSAS DEFINIÇÕES E ALGUNS ESTUDOS

Será que o bairro existe? Esta seria uma questão que buscamos responder na tentativa de entender o Alecrim, e que proporcionou uma instigante pesquisa acerca do conteúdo teórico já construído sobre o tema. Algumas fontes básicas, como Lefebvre (1975), tiveram um impulso fundamental no estudo do conceito de bairro. Porém, torna-se necessário fomentar, a partir de então, uma discussão a título de contribuição para o debate acerca da reflexão deste importante recorte espacial que entendemos fazer parte do campo de estudo da Geografia.

Nesse sentido, Santos (1999) ressalta que todos os objetos espaciais interessam à Geografia, sejam os móveis ou os imóveis, seja uma estrada ou uma barragem, uma cidade ou um bairro. Tudo isso são objetos de análise da ciência geográfica.

Desse modo, como anunciado, será subscrito nas próximas linhas um resgate teórico sobre o que vem sendo entendido sobre a temática, primeiramente, com a busca de uma definição e, em seguida, ressaltando alguns trabalhos que foram encontrados e visitados no período em que estávamos adquirindo e redigindo um suporte teórico para o desenvolvimento desta pesquisa.

### 2.2.1 *Bairro: uma copiosidade em definição*

Observamos, através de cansativas e surpreendentes buscas em acervos bibliográficos e bancos de dados diversos, que a discussão acerca do entendimento do conceito de bairro é vasta e, por conseguinte, bastante instigante.

Pesquisadores, autores ou mesmo literários de diversas áreas do saber relatam a problemática ao longo de sua definição. Esta discussão cabe no nosso trabalho, pois estamos analisando esta unidade espacial que, à primeira vista, surge como um abrigo dotado de elementos discutidos neste resgate teórico, embora saibamos que boa parte dos estudos deixaram de ser citados, não pela sua representatividade ou importância, mas principalmente pela vasta publicação sobre o tema, em diversas línguas e ciências, e por esta não ser a nossa maior preocupação na pesquisa.

Sendo assim, podemos observar inicialmente que alguns autores, sejam geógrafos, arquitetos, filósofos ou sociólogos, vêm trabalhando o tema de forma bastante diversificada, o que nos fez, devido à ocasião, determo-nos em apenas algumas das fontes encontradas, analisando-as a fim de facilitar a sua compreensão, como, por exemplo, sob a ótica marxista em Lefebvre. Este importante estudioso dedicou uma grande parcela de sua produção no estudo dos espaços sociais urbanos, abordando o bairro como umas das suas maiores preocupações, escrevendo o problema na perspectiva da própria modernidade, com seus limites e contradições, chamando-o de unidade natural da vida social devido à ideologia comunitária inserida na sua base.

Semelhante a algumas metodologias encontradas em alguns trabalhos, vemos a possibilidade de classificar o bairro conforme a delimitação científica atribuída ao termo, observando sua procedência ou particularidades deparadas nas fontes.

As diversas definições de bairro podem ser conformizadas de uma maneira que obedeçam às várias interpretações referentes a esta unidade espacial. Embora saibamos que esta classificação é um tanto pretensiosa, tendo em vista a

complexidade carregada ao termo, acreditamos que o suporte colhido para este trabalho vem nada mais que abrir uma reflexão que possa contribuir na análise do bairro do Alecrim.

A primeira variável que podemos trazer para discussão seria o conteúdo trabalhado nos dicionários e enciclopédias de pesquisa ou mesmo em estudos desenvolvidos com base nestes tipos de documentos.

De uma forma geral, quando pesquisamos a definição de bairro em alguns conjuntos de vocábulos, constatamos que a maioria deles o define como uma simples divisão territorial de uma cidade; como colocado por Aulete (1948), que pronuncia o bairro como sendo cada uma das zonas principais em que se divide uma cidade, ou simplesmente uma porção de território nas proximidades de um núcleo urbano. Ximenes (2000, p. 112) e Almeida (1981, p. 420) praticamente acompanham a reflexão da autora exprimindo, respectivamente, semelhantes definições: “Cada uma das grandes divisões de uma cidade” e “Cada uma das divisões principais de uma cidade; porção do território de uma povoação”.

Alguns outros dicionários esboçam diferentes tentativas de elaboração do significado de bairro. No vocabulário organizado por Corona e Lemos (1972), são levantados três modos para sua definição que analisa o bairro como uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade ou mesmo uma porção do território de uma povoação, mais ou menos separada e a semelhança com um arrabalde ou subúrbio.

Em um dos dicionários mais conhecidos da língua portuguesa, o autor segue a mesma tendência, porém, este incide rapidamente aguçando o debate sobre a utilização deste termo, conceituando o bairro como sendo “Cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade ou vila, para mais precisa orientação



das pessoas e mais fácil controle administrativo dos serviços públicos” (FERREIRA, 2004, p. 252).

Na Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1988), surge a preocupação na delimitação do espaço para fins de controle administrativo de uma parcela da cidade, quando também levanta questões locacionais na discussão. A preocupação dá-se nas questões culturais de um determinado conjunto de moradores traduzido na denominação de bairro, este empregado em algumas áreas como, por exemplo, um arraial ou uma povoação. E, para Ximenes (2000), um arraial nada mais é que um acampamento, aldeota ou lugarejo. Seria um lugar de realização de festas populares no interior do país. Sua definição aproxima-se do que entendemos por um ambiente de vizinhança cujas pessoas ou familiares ajudam-se umas às outras, conforme as necessidades básicas de sobrevivência.

Isso posto, percebemos que o vocábulo bairro, que vem do latim *barrium* ou do árabe *barri* (de fora, exterior, separado), é encontrado de forma bastante comum nestes documentos organizados alfabeticamente. Entretanto, em alguns casos, podemos encontrar uma discussão que passa pela análise de características particulares a uma localidade que, costumeiramente, é identificada pela denominação. Por exemplo, podemos encontrar, em alguns destes documentos, o conceito de bairro atribuído a um pequeno povoado rural, como citado na Encyclopaedia Britannica do Brasil (1981), que se remete especificamente a uma determinada área do interior do Brasil. O termo utilizado nestes registros corresponde “[...] aos pequenos povoados ou arraiais dos municípios” localizados na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, como simplesmente “urbes elementares” (SOUZA, 1961, p. 23).

Em outras passagens, percebemos a preocupação com a questão da identidade do indivíduo a esta unidade espacial. Em um estudo realizado por Sousa (1987) sobre o povoamento do interior do estado de São Paulo, o pesquisador ressalta que os elementos físicos e os laços afetivos estão intimamente ligados à população do bairro. Em um dos seus relatos, Sousa (1987, p. 57-65, grifo do autor) coloca que:

[...] além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o “sentimento de localidade” existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico. [...] O que é bairro? - perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: - Bairro é uma naçãozinha. - Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras.

Nesta situação, podemos observar que o entendimento de bairro passa muito próximo do que os estudos da Geografia entendem por território, este dotado de elementos de dominação e pertencimento.

Em alguns países, o bairro aparece com uma definição um tanto diferente da que nos é mais comum no Brasil. A título de exemplo, em Portugal, a definição de bairro está associada a um conjunto de freguesias que forma uma região político-administrativa espacialmente maior do que é observado no Brasil.

Assim, a cidade de Lisboa encontra-se dividida em apenas quatro grandes bairros (Lisboa Oriental, Lisboa Ocidental, Bairro Alto e Bairro Baixo), que reproduzem 43 freguesias, estas representadas por um santo protetor. Os habitantes da cidade reconhecem as áreas pelas freguesias, já a importância dos bairros

remete-se apenas a abrigar as funções administrativas e de controle de serviços da Câmara Administrativa de Lisboa.

Em um outro estudo desenvolvido por Souza (1989) em diversos vocabulários de algumas línguas faladas no mundo, o autor trabalha o bairro como uma unidade política, analisando a real dimensão deste fonema. Daquilo que, segundo o autor, seria o palco do cotidiano, a arena de lutas imediatas e o referencial organizador do espaço. Entre as várias situações verificadas, o autor cita alguns exemplos da terminologia encontrada em várias partes do mundo.

Na interpretação Castellana:

A etimologia é **barr, bar**, terra, campo, campo imediato a uma população. Bar, barr, barrio, continuou chamando-se esse campo mesmo depois de se haver edificado nele; e por último veio a significar barrio uma das divisões locais ou municipais das povoações, e sobretudo das povoações grandes. Em algumas partes por barrio se entende o mesmo que arrabalde, grupo de população situado no extremo da mesma, ou um pouco separado dela [...] (SOUZA, 1989, p. 153, grifo do autor).

Já “[...] o francês **quartier** designa uma realidade similar à do bairro. E também no caso francês, embora **quartier** e **banlieue** (subúrbio, periferia) não se confundam exatamente, podemos encontrar **quartiers** em áreas periféricas” (SOUZA, 1989, p. 153, grifo do autor).

Na língua inglesa, segundo o autor, a questão é mais complexa:

A palavra inglesa **neighbourhood** parece freqüentemente cobrir uma escala intermediária entre a **unité de voisinage** e o **quartier** da literatura sociológica culturalista francesa. Isto explica o porquê de se enfatizar [...] o papel do **neighbourhood** como uma “área de relações primárias e espontâneas”, o que não combina com o conceito francês de **quartier**, aproximando-se, isto sim, da **unité de voisinage**. No entanto, parece que a **neighbourhood unit** dos anglo-saxões e a **unité de voisinage**, à parte a analogia vocabular,

não são rigorosamente idênticas, embora muitas vezes recubram a mesma escala espacial, pois a **unité** [...] se me afigura elástica a ponto de abarcar escalas muito pontuais (como um prédio de apartamentos), o que não seria o caso do **neighbourhood**. Seja como for, são as relações de tipo primário, e não as de tipo secundário como no **quartier**, que definem em princípio o **neighbourhood** (SOUZA, 1989, p. 153-154, grifo do autor).

E ainda:

O **district**, outro referencial, define-se precipuamente pelas relações de tipo secundário que se dão à sua escala. [...] o **district** estará extremamente próximo do bairro, do “barrio” e do **quartier** [...], varia não somente conforme o indivíduo, mas também segundo a cidade em questão. Por outro lado, talvez justamente por representar uma escala amiúde excessivamente ampla, parece que o **neighbourhood**, e não o **district**, é o recorte territorial preferencial dos ativismos anglo-saxões, o que aparentemente também denuncia seu extremado paroquialismo desses ativismos (SOUZA, 1989, p. 154, grifo do autor).

Podemos observar, sobretudo no trabalho de Souza (1989, p. 154), que o material histórico exprime como os bairros possuem um conteúdo bastante antigo e “[...] que se encontra já em processo de extinção na civilização urbana do nosso tempo”.

Vemos que a dificuldade na busca de uma definição persiste em algumas das principais línguas do mundo. Em umas, referentes a soma dos movimentos específicos de cada conjunto político-cultural de uma nação, em outros casos, à morfologia apresentada por seus elementos.

Até o momento, percebemos que as discussões colocadas pelos autores, quando estes abarcados por pesquisas descritivas, como em dicionários ou enciclopédias, não abrangem uma análise mais verticalizadora e de plena serventia para o que utilizaremos no entendimento do bairro do Alecrim.

Mas, aproveitando as palavras retiradas do artigo de Souza (1989), uma segunda combinação de definições pode ser organizada nesta discussão. Seriam aquelas representadas por características físicas e dimensionais, particulares de cada recorte espacial.

Seguindo o mesmo raciocínio, o bairro é revelado como uma forma física, um pedaço do urbano que cresce segundo tais eixos ou tais direções, e em um determinado tamanho, seu traçado segue uma lógica espaço-social. Assim, o bairro torna-se uma unidade morfológica espacial e morfológica social ao mesmo tempo.

Após uma densa leitura de determinados trabalhos, percebemos que muitos destes resumem-se na apresentação de elementos do espaço para definir um bairro.

Em uma longa passagem, Rossi (1995, p. 63-67) coloca que:

[...] a cidade, na sua vastidão e na sua beleza, é uma criação nascida de numerosos e diversos momentos de formação; a unidade desses momentos é a unidade urbana em seu conjunto, a possibilidade de ler a cidade com continuidade reside em seu preeminente caráter formal e espacial [...] A unidade dessas partes é dada fundamentalmente pela história, pela memória que a cidade tem de si mesma. Essas áreas, essas partes, são definidas essencialmente pela sua localização: são a projeção no terreno dos fatos urbanos, a sua comensurabilidade topográfica e a sua presença, cultural e geográfica suficientemente circunscrita. [...] O bairro torna-se, pois, um momento, um setor da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza, constituído por partes e à sua imagem. Para a morfologia social, o bairro é uma unidade morfológica e estrutural; é caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função; portanto, uma mudança num desses elementos é suficiente para alterar o limite do bairro.

A reunião destas leituras equaciona o bairro como sendo intermediário entre as três escalas básicas que compõem uma cidade que, presumidamente, elencamos como sendo:

- A escala da rua: apresenta como elemento fundamental da paisagem urbana que abriga os imóveis de habitação;
- A escala de bairro: formada pela reunião de quarteirões com características comuns;
- A escala da cidade: composta por um conjunto de bairros.

Na leitura desenvolvida em Lamas (1993), podemos perceber a similaridade na análise das subdivisões de uma cidade, porém, a autora utiliza as dimensões para classificar as escalas urbanas. A menor escala, denominada dimensão setorial, dar-se à rua que é compreendida pela porção de espaço urbano, com forma própria. Neste espaço, os elementos morfológicos identificáveis são os edifícios, o traçado e também a árvore ou a estrutura verde entre outros instrumentos urbanos de escala menor.

Em seguida, vem a dimensão urbana, ou seja, o bairro, pois, a partir desta dimensão, é que:

[...] existe verdadeiramente a área urbana, a cidade ou parte dela. Pressupõe uma estrutura de ruas, praças ou formas de escalas inferiores. Corresponde numa cidade aos bairros, às partes homogêneas identificáveis, e pode englobar a totalidade da vila, aldeia, ou da própria cidade (LAMAS, 1993, p. 74).

Nesta dimensão, os elementos morfológicos terão de ser identificados através das formas. A escala inferior e a análise da forma necessitam do movimento e de vários percursos. São os traçados e praças, os quarteirões e monumentos, os jardins e as áreas verdes que constituem os elementos morfológicos identificáveis.

Finalmente, a dimensão territorial que, segundo Lamas (1993), está compreendida pela cidade propriamente dita. Nesta escala, a forma das cidades

estrutura-se através da articulação de diferentes formas à dimensão urbana com diferentes bairros ligados entre si. A forma das cidades define-se pela distribuição dos seus elementos primários ou estruturantes: o sistema de arruamentos e os bairros, as zonas habitacionais, centrais ou produtivas, que se articulam entre si e com o suporte geográfico (Figura 1).



**Figura 1** - Diferentes escalas urbanas de uma cidade.

**Fonte:** Santos (1988).

**Nota:** Adaptação de Josué Alencar Bezerra, 2005.

Quando nos reportamos ao número de equipamentos e indivíduos necessários para que determinado espaço possa ser considerado como um bairro, percebemos que o número de habitantes, moradias, extensão numérica e número de quadras e lotes são colocados como um critério importante para classificação de uma porção do espaço urbano. Para Barros (2004, s.p.),

[...] um bairro agruparia entre 2.000 e 3.000 moradias (em torno de um centro secundário) teria uma população entre 5.000 e 10.000 habitantes; e uma extensão de 3 a 5 km de perímetro.

No entanto, percebemos que o entendimento de bairro vai mais além do que foi posto até aqui. Isso, tendo por base a organização da interpretação trabalhada por algumas fontes normativas.

Para isso, não podemos deixar de visitar a posição interpretária do poder público, parte responsável para gerir as questões de ordem político-administrativa da sociedade, seja na esfera federal, estadual ou municipal. Na maioria dos casos, estes instrumentos encaram o bairro como uma área ideal para as reivindicações coletivas.

Inegavelmente, o bairro constitui hoje a unidade urbana, a representação mais legítima da espacialidade de sua população, e não é por acaso que São Paulo conta com 900 “sociedades de moradores”, também conhecidas como “sociedade amigos do bairro”, cuja territorialidade é facilmente estabelecida (WILHEIM, 1982, p. 63, grifo do autor).

Tratado anteriormente por alguns dicionários da língua portuguesa, bairro é a denominação de cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade, definição justificada na promoção da operacionalização das pessoas e do controle administrativo dos serviços públicos, como os correios, telefonia e limpeza.

Algumas prefeituras tornam-se um tanto sucintas quando tentam definir esta porção espacial. Por exemplo, para a prefeitura municipal de Natal, o bairro é tido como uma “[...] unidade territorial de planejamento que utiliza referenciais conhecidos pela população” (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003, p. 2).

Na verdade, sabemos que, na identificação de um bairro, para a maioria dos seus habitantes, não interessa o seu limite imposto por um órgão gestor, porque se já o identificam físico-cognitivamente, pouco lhes importa até onde se estendem seus limites. Seabra (2003, p. 26) lembra que:

A dificuldade em alcançar o seu conceito está em circunscrever, no presente, essa essência gregária do bairro, perpassada por



institucionalidades, porque isto pode levar a um formalismo que pouco esclarece da vida social.

Por isso, insistimos em relatar que as definições de cunho político-administrativo de um bairro encontram-se em crise com a realidade histórico-social do conteúdo que compreendemos abarcar um bairro. Entendemos que um bairro não pode ser compreendido por uma área demarcada para uma simples utilização de ordem administrativa para os seus habitantes, mas sim uma organização do espaço de multiplicidade social numa cidade.

Mesmo assim, percebemos que os limites administrativos devem coexistir assim como os limites subjetivos, pois, na maioria das vezes, eles não coincidem. Entendemos que a divisão administrativa faz-se necessária porque é a partir destes limites que aquele recorte é identificado oficialmente e planejado ou assistido pelo órgão gestor; e os limites subjetivos fazem-se necessários porque, a partir da coletividade, é que as reivindicações tomam corpo e o suporte físico o faz único. O professor Souza (1989, p. 140) revela ainda que o bairro é:

[...] um referencial direto e decisivo, pois define territorialmente a base social de um ativismo, de uma organização, aglutinando grupos e por vezes classes diferentes (em níveis variáveis de acomodação ou tensão); catalisa a referência simbólica e, politicamente, o enfrentamento de uma problemática com imediata expressão espacial: insuficiência dos equipamentos de consumo coletivo, problemas habitacionais, segregação sócio-espacial, intervenções urbanísticas autoritárias, centralização da gestão territorial, massificação do bairro e deterioração da qualidade de vida urbana.

Lefebvre (1975) interpreta o bairro como forma concreta do espaço e do tempo na cidade, que atua como um módulo social de maior convergência entre o espaço geométrico e o espaço social, entre o quantificado e o qualificado. O bairro seria:

[...] a *diferença mínima* entre os espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados pelas instituições e pelos centros ativos. Seria o ponto de contato mais acessível entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de transição entre um e outro; a porta de entrada e saída entre espaços qualificados e espaço quantificado, o lugar onde se faz a tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais etc) em espaço comum, quer dizer, geométrico. (LEFEBVRE, 1975, p. 200-201, tradução nossa).

O bairro seria um espaço que poderia ser dimensionado também na escala paroquial, já que a paróquia não só tinha uma existência religiosa, mas também uma existência civil e política. Não existia o que chamamos estado civil. Os batismos, os casamentos, as bodas comemorativas e os óbitos inscreviam-se nos registros paroquiais e os grupos e associações organizavam-se próximos do aparato eclesiástico. Entretanto, “[...] não podemos deixar de lado a separação do religioso do civil, e da igreja das instituições, é um fato real no conceito teórico” (LEFEBVRE, 1975, p. 197, tradução nossa).

As paróquias constituíam bairros, e quando a cidade, ao fazer-se demasiado grande, perdeu sua unidade e seu caráter de comunidade local, o seu núcleo – a igreja paroquial – perdeu simultaneamente suas funções e sua capacidade estruturante. Em consequência: a conexão bairro-paróquia, que em outros tempos constituía uma realidade, já não tem mais fundamento (LEFEBVRE, 1975, p. 197, tradução nossa).

Como em algumas obras, a noção de centralidade é mais importante do que o reconhecimento de limites, ou seja, para os moradores de um bairro, ele existe em função de seu centro, um ponto de encontro. E esses centros correspondiam à organização das paróquias da Igreja Católica.

Cada paróquia tinha seu templo e seu santo, organizavam-se em torno deles e de outras facilidades como feiras e mercados. Importa mais saber em que

local há maior superposição de significados do que precisar onde começa uma zona homogênea e acaba outra (LEFEBVRE, 1975).

Pierre George, autor clássico da Geografia, também interpreta o bairro como uma unidade de base da vida urbana:

O morador refere-se ao seu bairro, quando quer situar-se na cidade; tem impressão de ultrapassar um limite quando vai a um outro bairro. [...] É com base no bairro que se desenvolve a vida pública, que se organiza a representação popular. Finalmente, e não é menos importante, o bairro tem um nome que lhe confere uma personalidade dentro da cidade (GEORGE, 1983, p. 76).

Acerca do questionamento: o que é um bairro? Certeau, Giard e Mayol (1994, p. 41, grifo do autor) sugerem que o mesmo se apresenta como “[...] o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja colocar-se por ele *a pé saindo de sua casa*”. Apresentando uma relação com o outro, sair de casa, andar pela rua conversar com o vizinho, seria a efetuação de um ato cultural.

Assim, percebemos que, na visão histórico-social, o bairro, espelho das circunstâncias temporais, ainda mais perceptíveis com a urbanização, traduz diferentes espacializações da vida social da cidade, surgindo dentro da história do urbano, como um ícone na busca de resultado da construção histórica e social do espaço citadino.

A partir de então, tornou-se possível pensar a cidade e o urbano numa escala menor, mais detalhada, analisando as práticas sociais como o espaço vivido, o lugar das experiências, das trocas, da reprodução da sociedade no cotidiano.

O entendimento da boa vizinhança é uma característica das práticas tradicionais de bairro, algo que alguns dizem ser prejudicial ao planejamento urbano

e utilizado como solução dos problemas particulares de cada indivíduo daquele espaço.

Um bairro bem-sucedido é aquele que se mantém razoavelmente em dia com seus problemas, de modo que eles não o destruam. Um bairro malsucedido é aquele que se encontra sobrecarregado de deficiências e problemas e cada vez mais inerte diante deles (JACOBS, 2000, p. 123).

Para a autora, o bairro digno teria escolas, parques, moradias limpas e coisas do gênero. “Como a vida seria fácil se isso fosse verdade! Que maravilha poder satisfazer uma sociedade complexa e exigente dando-lhes singelas guloseimas concretas!” (JACOBS, 2000, p. 124). A autora considera os bairros órgãos autogeridos só conseguindo achar produtivos três tipos de bairro: “(1) a cidade com um todo; (2) a vizinhança de rua; e (3) os distritos extensos, do tamanho de uma subcidade, composta por 100 mil habitantes ou mais [...]” (JACOBS, 2000, p. 128-129).

Assim, o bairro “[...] está provido de equipamentos coletivos e acessíveis ao pedestre; mas, além disso, ele se constitui em torno de uma subcultura e representa um corte significativo na estrutura social [...]” (CASTELLS, 1983, p. 131).

O conteúdo do bairro deve ser um espaço regado de:

[...] um acontecer fundado em práticas concretas que articulam, num lugar, parentela, vizinhança, compadrio sob múltiplas formas de solidariedade e, sobretudo de reciprocidade. Define-se como uma unidade em relação à cidade (SEABRA, 2003, p. 26).

É aquele espaço de representação da vida, uma unidade socioespacial quase completa, “Fosse através dos enterros, dos casamentos, das missas, das

festas, das procissões, da feira semanal, da presença do louco conhecido de todos, da presença do bêbado, da meretriz, do padre [...]” (SEABRA, 2003, p. 26).

O ritmo acelerado do cotidiano urbano, principalmente nas grandes metrópoles e nas principais capitais nacionais, tem esvaziado o conteúdo pragmático destes importantes espaços urbanos.

Contudo, quando da identificação do bairro como um espaço carregado de elementos históricos e sociais, consideramos nossa inexperiência na operacionalização da noção de bairro como um desafio que nos trouxe respostas e mostrou caminhos para o entendimento do Alecrim. E, ainda, nos referenciando em alguns trabalhos que foram desenvolvidos neste mesmo viés, ou seja, com a mesma temática em estudos de caso observando as diferentes situações de análise de bairro.

Como utilizar seu conceito, se procuramos algo mais teórico e não tão preciso como uma mera definição, refletida em algumas linhas atrás, pois tememos a possibilidade da extinção dos bairros, como previne Lefebvre (1975). Sobre o debate empirista acerca da existência ou a não existência dos bairros na sociedade moderna, Castells (1983, p. 134, grifo do autor) coloca que “[...] não se descobre ‘bairros’ como se vê um rio; nós os construímos, determinamos os processos que chegam à estruturação ou à desestruturação dos grupos sociais no seu *habitar* [...]”.

Enfim:

O bairro é uma pura e simples sobrevivência [...] é uma unidade sociológica relativa, subordinada, que define a realidade social [...] É ele o maior dos pequenos grupos sociais e a menor dos grandes. A proximidade no espaço e no tempo substituem as distâncias sociais, espaciais e temporais (LEFEBVRE, 1975, p. 201, tradução nossa)

Esta reflexão surge como um ponto fundamental e indiscutível para o entendimento dos elementos constitutivos no Alecrim, e que mais do que uma definição, o conceito de bairro traz consigo um conteúdo teórico importante no encaminhamento das nossas idéias neste trabalho.

### *2.2.2 Algumas experiências no estudo de bairro na Geografia*

A prudência faz parte da nossa modéstia, por isso, pautaremos, neste momento, a produção de alguns trabalhos desenvolvidos por pesquisadores que estudaram a representação do bairro.

Como foi exposto anteriormente, a temática acerca do estudo de bairro é bastante eclética e dotada de alguns trabalhos que se propuseram investigar seu conteúdo teórico ou pragmático.

Na Geografia, percebemos que, no último quartel do século XX, os estudos sobre a cidade e o urbano intensificaram-se de forma bastante representativa nas universidades brasileiras. E as nossas leituras nos mostram que estudos sobre o processo de metropolização, sobre o sistema de transporte urbano, meios de habitação, uso e ocupação do solo, dentre outros temas, tornaram-se cada vez mais comuns às práticas científicas veiculadas pela Geografia.

A professora Seabra (2003, p. 35) ressalta que:

[...] o lugar e o espaço chegam à categoria analítica em um movimento de grande envergadura que pensa a Geografia mais como uma Ciência Humana e Social. Em termos de conhecimento do mundo, dir-se-ia, a Geografia Urbana foi acumulando uma certa densidade de conhecimento que corresponde às premissas teóricas (lógicas e históricas) pelas quais intentamos descobrir as articulações do geral com o particular.

Assim, os dois conceitos, e em particular, o espaço, continuaram presentes nos estudos urbanos da Geografia, os quais foram úteis nas investigações ligadas às dialéticas socioespaciais presentes, principalmente, nos espaços intra-urbanos dos centros brasileiros (SEABRA, 2003).

O bairro veio dar suporte a uma discussão que pleiteava explicar o processo de urbanização, em particular, no Brasil, apresentando as premissas e estabelecendo o debate entre a relação tempo-espaço para poder responder às questões levantadas nos estudos da época, bastante influenciado nas idéias anunciadas na Universidade de Berkeley, na Califórnia (E.U.A.), e pela produção nos principais bolsões científicos da Geografia francesa, como afirmaram nossos professores de teoria geográfica.

Da mesma forma que transcorreu no estrangeiro, o estudo de bairro tem sido abordado com mais frequência pelas ciências humanas e, em especial, pela Geografia brasileira. É bem verdade que estas unidades do espaço tenham sido trabalhadas pela Geografia Urbana, mas a discussão teórica acerca de bairro vinha sendo bastante superficial, embora este conceito tenha sido alvo das grandes obras de sistematização teórica da ciência geográfica<sup>6</sup>.

Após uma vasta busca por diversas bibliotecas e banco de dados nacionais, encontramos alguns trabalhos que retratam a evolução no estudo de bairro no Brasil e versam as preocupações dos geógrafos com esta unidade viva do urbano.

Encontramos trabalhos escritos na década de 1950, como o de Soares (1958), publicado no Boletim Carioca de Geografia, que discute o conceito de bairro sob a ótica da cidade do Rio de Janeiro, uns dos primeiros trabalhos que usaram o

bairro como instrumento para entender a cidade. Todavia, no mesmo ano, Mendes (1958) escreveu um texto em um trabalho organizado por Aroldo de Azevedo que analisa, sob a ótica da Geografia Urbana, os bairros da zona Norte e os bairros orientais da cidade de São Paulo.

Dentre os primeiros trabalhos acadêmicos diligenciados nesta área na Geografia brasileira, destacamos o de Martin (1984), desenvolvido no mestrado de Geografia Humana da USP. Esta dissertação tece considerações sobre a decadência urbana do bairro do Brás, em São Paulo. O autor busca respostas na historicidade do bairro juntamente com o processo de urbanização observado na capital paulista em meados dos anos 1980.

Outro trabalho relevante desenvolvido também no início da década de 1980 foi o de Silva (1982). Este estudo veio discutir o espaço na metrópole, tomando como estudo de caso o bairro da Consolação. Em seu conteúdo, São Paulo é vista como uma metrópole em constante transformação. Atualmente, Seabra (2003, p. 40) defende que:

[...] o estudo do bairro permite compreender a urbanização como um processo total, logo, também as configurações que a metrópole foi adquirindo no seu processo de constituição-configuração-transfiguração.

Outros trabalhos encontrados na academia foram os de Franbach (1999) e Bandeira (1998), desenvolvidos no Rio de Janeiro. Estes discutem questões sobre centralidade e afetividade no bairro - estudos de caso na capital fluminense.

Em São Paulo, além dos já citados, temos mais recentemente a contribuição de Andrade (1991), que analisou a influência do imigrante nos bairros

---

<sup>6</sup> Esta informação também pode ser confirmada com os catedráticos das principais universidades



do Brás, Mooca e Belenzinho, e Duarte (2001), que estudou os bairros de Tatuapé e Vila Aimoré, também sob a ótica da metrópole. O bairro do Brás também foi abordado na dissertação de Hiakuna (2001). Na oportunidade, o bairro paulistano foi analisado sob a ótica do comércio informal, amplamente presente naquele espaço.

Scarlato (1988) defendeu sua tese de doutorado sobre a renovação urbana verificada no bairro do Bexiga, no final da década de 1980, e a forte identidade do bairro ligada aos imigrantes italianos que ocuparam aquele espaço em São Paulo no início do século XX.

Aqui no Nordeste, dentre algumas monografias e poucas dissertações encontradas, não poderíamos deixar de citar a contribuição de Silva (1999). O seu trabalho discute as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre no contexto do crescimento da cidade de João Pessoa-PB.

Em sua dissertação de mestrado, o professor Souza (1988) estudou o papel de oposição e de representatividade da essência de bairro pautado no reflexo de suas limitações na cidade. Este trabalho deu origem ao artigo publicado na Revista Brasileira de Geografia, no qual o autor explora o conceito de bairro numa abordagem política. O texto passeia por uma gama de interpretações culturalistas sobre algumas interpretações das definições de bairro encontradas em algumas línguas no mundo.

O trabalho de Ramos (2001), apresentado ao mestrado em Geografia Humana da USP, mostrou mais algumas proposições teóricas para o estudo do bairro. Neste trabalho, o autor questiona se, em algum momento, o bairro de Água Branca, em São Paulo, poderia efetivamente ter sido um bairro. Segundo o autor, as transformações na cidade como um todo promoveram a sua destruição.

Não podemos deixar de citar a contribuição da professora Carlos (2001b) que vem se dedicando, há muito tempo, ao estudo dos espaços intra-urbanos como o bairro na metrópole paulista, espaços, segundo ela, cada vez mais raros nas grandes cidades brasileiras. Em o Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana, o espaço intra-urbano é analisado sob o prisma da metrópole paulista, e a Geografia da cidade e do urbano na ótica do mundo moderno, regado de metamorfose e que ainda detém de espaços de resistência ao processo. Neste estudo, a autora centraliza sua discussão nas práticas sociais como algo que se revela no plano do vivido.

Os bairros, agora, ganham nova funcionalidade dentro do espaço metropolitano, e o processo de funcionalização dos espaços acompanha uma gradação da vida cotidiana, resumindo-a cada vez mais à esfera da vida privada (CARLOS, 2001b, p. 245).

Por fim, mas não menos importante, temos a tese de livre-docência da professora Seabra (2003), que desenvolveu uma ampla discussão acerca da vida de bairro na metrópole. O estudo problematiza o bairro como unidade de vida e de relações no processo de urbanização e industrialização na cidade de São Paulo. A autora coloca a cidade e o bairro em simbiose, ambos estariam ligados, resistindo ao processo de modernização. Caso este, retratado no bairro do Limão.

Seu objeto de estudo dispõe de características semelhantes ao Alecrim: apesar da existência de grandes empreendimentos industriais, o antigo bairro detém de um amplo cenário comercial e uma grande quantidade de estabelecimentos prestadores de serviços que se mantêm em função do setor secundário, deixando que suas raízes temporais sejam sobrepostas pela dinâmica urbana impregnada pela metrópole paulista.

Estes trabalhos trouxeram uma importante contribuição para o entendimento do bairro do Alecrim, pois, por sermos principiantes nesta teoria, estamos sujeitos a qualquer deslize nos encaminhamentos destas questões. Entendemos que estávamos pisando em um terreno desconhecido, mas aprendemos que cada recorte espacial, como um bairro, se aprecia pela sua singularidade, traduzindo seu conteúdo conjuntivo independente se este tenha estado na essência do processo de urbanização verificado nas últimas décadas na cidade.

O bairro e todo seu conteúdo estarão sempre abertos a renovações impostas em todo âmbito da cidade. É aquilo que nunca deverá permanecer anacrônico. É o que utilizamos para entender o Alecrim.

### 3 A GEO-HISTÓRIA DO BAIRRO DO ALECRIM

*A história da cidade pode ser considerada como a história da humanidade. Ela é o “arquivo de pedra”. Sempre esteve presente nas obras dos grandes filósofos da Antiguidade. Platão e Aristóteles, assim como Hipodamo de Mileto, já a colocavam como alvo de preocupações quando pensavam o destino do homem.*

*Scarlato (2003, p. 400)*

**N**os últimos anos, temos observado que a ciência geográfica, cada vez mais, vem buscando, no passado, respostas para algumas questões presentes na sociedade moderna. A Geografia Histórica tem trazido subsídios para esta procura, uma vez que, principalmente, com o estudo da memória urbana, almeja-se explicar tanto os fenômenos quanto as formas do espaço urbano contemporâneo.

Apesar de muitos confundirem a Geografia Histórica com a História da Geografia e, em falta de uma definição mais precisa, utilizarem expressões como geografia do passado, entre outras descrições, os estudiosos revelam que devemos entender o papel da Geografia Histórica como a reconstrução do passado geográfico.

Como afirma Erthal (2003, p. 30), “[...] se a geografia se coloca como um campo de conhecimento preocupado com a dimensão espacial da sociedade, não se pode esquecer que os fenômenos sociais são, também, temporais”. Por isso, devemos entendê-los para, assim, compreender o espaço presente no qual nos inserimos.

Esta responsabilidade é dada para a Geografia Histórica que, além de estudar as espacialidades pretéritas que marcam as atuais, fornece metodologias voltadas para a reflexão da abordagem temporal do espaço.

Por meio de algumas leituras que tivemos, pudemos observar que, no cenário mundial, a Geografia Histórica tem sido bastante difundida, principalmente nos países desenvolvidos como a França, os Estados Unidos e a Inglaterra, entretanto, no Brasil, este ramo da Geografia não conseguiu se estabelecer completamente. Situação comprovada pelas cansativas buscas que fizemos sobre a temática nos eventos e em algumas universidades do país.

Entretanto, após diversas fases na evolução da Geografia, temos hoje alguns estudiosos que abraçaram a causa da Geografia Histórica, e contribuíram para o desenvolvimento desta parte da ciência no Brasil, como os professores Maurício de Almeida Abreu e Pedro de Almeida Vasconcelos.

Contudo, enveredando no estudo geo-histórico da cidade, os escritos de Vasconcelos (1999) revelam que, há tempos, os precursores do pensamento geográfico discutem temáticas ligadas à evolução das cidades, e o fenômeno do crescimento urbano é um bom exemplo disso, quando estudado o caso brasileiro.

Como bem sabemos, no Brasil, a maior parte dos centros urbanos foi criada no decorrer do século XX, não sendo possível a captação de muitos vestígios materiais consideráveis do passado. Praticamente nada se sabe ao certo sobre o crescimento e a formação inicial das pouquíssimas cidades brasileiras que datam do século XVI, como é o caso de Olinda (1537), Salvador (1549), São Paulo (1554), Rio de Janeiro (1565), João Pessoa (1585) e Natal (1599)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Segundo Azevedo (1994, p. 29), há também outras importantes cidades brasileiras criadas no quinhentismo: São Vicente-SP (1532), Porto Seguro-BA (1535), Igaracú-PE (1536), São Jorge de Ilhéus, atual Ilhéus-BA (1536), Santos-SP (1545), Nossa Senhora da Vitória, atual Vitória-ES (1551), Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, atual Itanhaém-SP (1561), entre outras.

Atualmente, a análise destes espaços é regada por diversos feitos que já foram vencidos em outras cidades do mundo, como é o caso de alguns centros europeus. De fato, logo após o segundo grande conflito mundial, o processo de crescimento urbano vivenciado nos países subdesenvolvidos coloca o Brasil, considerado um país ainda em desenvolvimento, como vítima do processo de migração de sua população (campo-cidade), situação que impõe ao centro urbano o papel de detentor de todo o comando espacial. Acerca do século XIX, Vasconcelos (1999, p. 28) revela que a implantação de indústrias promoveria:

[...] o crescimento das cidades existentes e a criação de novos núcleos industriais com condições de habitações também precárias para o operariado, em grande parte migrante das áreas rurais.

O processo acelerado de urbanização observado, em particular, nas cidades brasileiras, causado também em grande parte pela ausência de uma política agrária que incentive a permanência do homem no campo, e a atração exercida pela esperança de um emprego na cidade, transformam a população rural em urbana, gerando um crescimento desordenado tanto nos aspectos físicos quanto nos sociais e econômicos (OLIVEIRA, 2003). Esta população que chega à cidade instala-se normalmente na periferia, em condições precárias de salubridade e dignidade humana. A partir daí, surgem as favelas ou áreas subnormais, sendo, assim, necessária a intervenção do Estado.

O processo de urbanização brasileiro deu-se excepcionalmente nas últimas décadas do século XX, mesmo esse fenômeno tendo passado a ser confundido pelo crescimento demográfico, originado basicamente de uma natalidade elevada e de uma mortalidade em vias de redução. Na década de 1970, com o crescimento da população urbana no país, o número de pessoas que residiam nas

idades ultrapassou o dos habitantes que viviam na zona rural, situação bem diferente dos menos de 10% dos brasileiros que moravam nos pouquíssimos centros urbanos existentes no Brasil há cem anos (SANTOS, 2005a).

Os dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000) revelam ainda que, atualmente, o Brasil abriga nas suas 5.507 cidades mais de 80% de sua população. Situação cabível, tendo em vista a enorme diversidade e heterogeneidade no seu território, como é mostrado na interiorização do fenômeno urbano, na acelerada urbanização das áreas de fronteira econômica, no crescimento das cidades médias<sup>8</sup>, na periferização dos centros urbanos e na formação e consolidação de aglomerações urbanas, metropolitanas e não-metropolitanas.

Natal, cidade que detem mais de 400 anos de história, vem apresentando, nas últimas décadas, um sintoma destes embates caracterizados pela expansão urbana concentrada em um sentido da cidade, ou seja, ao Sul. Diversos estudiosos das questões urbanas de Natal revelam que este fenômeno é provocado pelo aumento da população inter e intra-urbana, movido pela situação econômica que coloca, para a capital potiguar, traços de segregação observados no acesso de poucos aos melhores serviços e a áreas mais valorizadas, resumidas em condomínios fechados verticalizados<sup>9</sup> e luxuosos, restando para os pobres deslocarem-se para as periferias, instalando-se em localidades sem a menor infraestrutura. Essa situação insustentável de pobreza absoluta muitas vezes provoca a ocupação de terrenos públicos ou privados, facilmente observáveis quando se

---

<sup>8</sup> O estudo sobre as cidades pequenas e médias vem ganhando projeção nos últimos anos na Geografia Urbana, apesar do próprio Santos (2005b) já ter apresentado um trabalho sobre as cidades locais do Terceiro Mundo, na Reunião Anual da Associação de Estudantes Latino-americanos, realizada em Montreal (Canadá), em 1972.

<sup>9</sup> Um importante trabalho desenvolvido sobre o processo de verticalização urbana de Natal é a tese de doutorado do professor Costa (2000), do Departamento de Geografia da UFRN, intitulada: A verticalização e as transformações do espaço urbano de Natal-RN.

transita na cidade, sendo que esta é a única forma que essas famílias encontram para morar.

O Estatuto da Cidade vem nos trazer subsídios para o entendimento da reprodução do espaço urbano, caracterizado pelos fenômenos existentes nestes centros, como ocorre, particularmente, no bairro do Alecrim, em Natal, foco de nossas preocupações e objeto de análise da reestruturação urbana verificada no decorrer de sua formação, uma vez que o bairro faz parte de uma área tradicional da cidade. Com efeito, consideramos que as tendências em curso, como o planejamento urbano, que buscam reverter a expansão desordenada em áreas urbanas, parecem não ter chegado a espaços como o do Alecrim.

Observamos que as políticas de criação de novas funções ou estímulos a estes espaços resultam, muitas vezes, em processos de elitização de centralidades urbana e política, ultimamente desenvolvidas em antigos espaços das capitais brasileiras, sendo alguns projetos de revitalização bem conhecidos no Brasil: o Pelourinho, em Salvador; o Vale do Anhangabaú, em São Paulo; o Recife Antigo, no Recife; o Largo da Ordem, em Curitiba; o Corredor Cultural, no centro do Rio de Janeiro ou ainda o Reviver, em São Paulo.

Mesmo assim, temos observado que, apesar das transformações socioespaciais verificadas na cidade, esta política de revitalização de espaços abandonados não tem funcionado muito em Natal, como é o caso da Ribeira Velha, tendo como âncora a rua do Comércio, atual rua Chile.

Contudo, vários são os responsáveis pela evolução da estrutura urbana no tempo. Analisar todos, e de forma detalhada, seria tarefa por demais complexa para os objetivos de um trabalho desta espécie. A utilização de alguns elementos



instalados no bairro do Alecrim, ao longo de sua existência, tende a suprir a ação destes agentes na modelagem urbana do bairro.

Assim, procuramos trabalhar com a história transcrita por alguns historiadores ou literários locais, utilizando, inclusive, documentos e informativos encontrados durante a pesquisa, como também depoimentos absorvidos do povo na base da vivência do urbano, obtida durante anos de vida naquele espaço. Ao solicitarmos o depoimento dos moradores, sabíamos do risco de registrar exageros ou empolgações perceptíveis quanto à boa qualidade de vida no bairro, mas entendemos, sobretudo, que privilegiar uma única vertente poderia comprometer a análise das informações colhidas para o trabalho.

A utilização de um estudo geo-histórico ressaltará os momentos importantes para a compreensão da configuração socioespacial do bairro, pois entendemos que a investigação de agentes como “O ser social ativamente posicionado no espaço e no tempo, numa contextualização explicitamente histórica e geográfica [...]” responderá a contento alguns questionamentos de um estudo de cunho etnográfico, como perpassa nossa pesquisa (SOJA, 1993, p. 18).

Assim, almejamos recompor alguns cenários que se tornaram marcas presentes no bairro do Alecrim, na tentativa de construir uma geo-história do bairro na cidade de Natal. Mesmo assim, não se trata de uma história local nem tampouco uma evolução linear do tempo no bairro. Estamos procurando entender o Alecrim, elencando alguns fatos importantes para produção do seu espaço.

Justifica-se o emprego metodológico da investigação dos acontecimentos vivenciados nesta área, pois, de alguma forma, estes ainda influenciam a expressão do urbano local, na medida em que, não apenas no Alecrim, mas em grande parte da cidade de Natal, alguns destes fatos contribuem para o estabelecimento de uma

precoce cultura urbana na cidade, ainda não compatível com seu porte e estrutura econômica. Abreu (1998, p. 7, grifo do autor) ressalta que:

O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em "instituições de memória", ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares [...]<sup>10</sup>.

Sendo assim, pretendemos estudar o presente a fim de orientar nosso método, mesmo porque são as ações que redefinem as heranças do passado preparando o futuro. Situação remontada por Santos (1999, p. 42), quando diz que "A geografia histórica pretende retrair o passado, mas ela o faz assentada no presente, isto é, a partir do momento em que é escrita". Para isso, entendemos que a memória urbana responde aos questionamentos lançados neste trabalho, embora afirmemos que esta memória, seja ela coletiva ou individual, muitas vezes é confundida com a história propriamente dita.

Segundo Abreu (1998), a memória é sempre seletiva, ou seja, somente nos lembramos daquilo que queremos lembrar. Por essa razão, a memória é parcial, descontínua e vulnerável a todas as utilizações e manipulações. A história, por sua vez, busca a objetividade, mesmo que nunca consiga alcançá-la, embora chegue muito mais perto do que a memória.

Deste modo, partimos para um inventário histórico, para a geo-história do Alecrim, considerando também o período precedente à criação do bairro, período que se confunde com a construção imagética da cidade de Natal.

---

<sup>10</sup> O autor chama de instituições de memória os museus, os arquivos, as bibliotecas, ou qualquer banco de dados que abrigue um indivíduo histórico.

### 3.1 RECONSTRUINDO A CIDADE: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO ALECRIM

São muitos os autores que contaram a história da cidade de Natal, discutindo seu processo evolutivo e relatando alguns fatos importantes na reprodução do espaço urbano natalense, entre esses autores, destacamos Cunha (1987), Clementino (1995), Costa (2000), Lopes Junior (2000), Souza (2001), Lima (2003) e, principalmente, o historiador Cascudo (1999).

O espaço urbano natalense está regado de contradições que fazem parte da origem de sua organização urbana, manifestando aí a sua forma de reprodução. Assim, ressaltamos que a utilização destes autores passa pela busca do entendimento e construção de uma periodização banhada pela reflexão crítica de suas obras.

Segundo os autores supracitados, a cidade de Natal teve sua posição geográfica determinada originalmente em função de sua localização estratégica, no extremo Nordeste, para a conquista e o monitoramento do território colonial norte-rio-grandense.

O processo de formação de Natal, que já nasceu cidade, reforça o objetivo da coroa portuguesa em dividir o poder territorial na região ligado à primazia social do aparelho político-administrativo que tinha por finalidade fundar núcleos urbanos ao longo da costa litorânea, tendo os fatores econômicos e militares como os mais importantes para garantir o controle do território da então capitania do Rio Grande, contra as investidas dos franceses e holandeses (SOUZA, 2001). Esta situação não era vista em outras áreas do litoral nordestino, pois estas eram vinculadas diretamente ao desenvolvimento da produção da cana-de-açúcar,

criatório do gado, dentre outras pequenas atividades que a capitania não adotava como prioridade.

Mesmo assim, as primeiras décadas de sua existência foram caracterizadas por abandono e muita pobreza para os poucos indivíduos que se encontravam naquela cidade, composta por um pequeno aglomerado de casas. Segundo Cascudo (1999, p. 58), “Os trinta e quatro anos de cidade, 1599-1633, foram lentos, difíceis, paupérrimos. Interessava ao Rei o forte, a situação estratégica” nada mais. Com “Quinze dias depois de fundada ainda estava deserta [...] E com quinze anos de vida, a Cidade de Natal do Rio Grande tinha maior nome que número de moradas” (CASCUDO, 1999, p. 52).

Pode-se dizer que, no período compreendido entre a sua fundação, em 1599, até o início do século XX, a cidade apresentou um crescimento urbano pouco expressivo, não obtendo um desenvolvimento econômico considerável nem mesmo o ganho de população. Ao contrário, Pernambuco continuava a deter a maior importância regional, comandando o complexo agrário representado pela atividade açucareira e algodoeira juntamente com a pecuária.

Costa (2000, p. 109) registrou que esse era:

[...] o cenário de Natal nos seus primeiros anos de existência, enfrentando dificuldades para garantir o seu povoamento, pois a pobreza e a falta de infra-estrutura, atrelada a outros fatores, impediam o seu crescimento.

A situação foi agravada pelos constantes conflitos entre os portugueses e holandeses que lutaram pelo território, provocando a destruição da cidade e, conseqüentemente, o seu despovoamento, porque a população residente, temendo

os conflitos permanentes, migrou para áreas distantes da sede da capitania (COSTA, 2000).

Vale salientar também que, em decorrência de um destes conflitos, os holandeses tomaram e ocuparam a cidade entre o período de 1633 a 1654, fazendo da área um suporte de suprimento, principalmente, de açúcar e carne (Figura 2).



**Figura 2** - Ilustração representativa do período em que Natal estava sob dominação dos holandeses (1630-1654).

**Fonte:** Miranda (1999).

As dificuldades no desenvolvimento econômico de Natal estavam atreladas às condições naturais existentes na cidade, pois os acidentes geográficos não podiam ser vencidos na época, tendo em vista a grande quantidade de dunas e, principalmente, a má estrutura do porto, localizado às margens do estuário Potengi/Jundiaí (SOUZA, 2001).

Assim, a cidade de Natal foi “[...] aos poucos se consolidando como repassadora de produtos agrícolas para o comércio externo, o que fez surgir um centro comercial e administrativo que passou a ganhar importância”, em função da

produção do algodão, da cana-de-açúcar, da cera de carnaúba e da pecuária, que se desenvolvia no interior do estado (COSTA, 2000, p. 111).

Sobre sua evolução urbana, a história fala que, por volta do século XVIII, a cidade de Natal veio a tomar um perfil mais dinâmico com a construção das primeiras ruas e as três primeiras igrejas, duas na Cidade Alta e uma na Ribeira, os dois únicos bairros existentes naquela época em Natal. “O primeiro mapa da população, dirigido pelo capitão-mor José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e com data de 31 de dezembro de 1805, marca 6.393 pessoas [...]” (CASCUDO, 1999, p. 93). Foi somente no século XIX que a Cidade Alta e a Ribeira vieram adquirir algumas feições que indicavam a presença do urbano, como o movimento de pessoas nas ruas, o comércio etc. Pois, segundo o historiador Medeiros Filho (1991, p. 70),

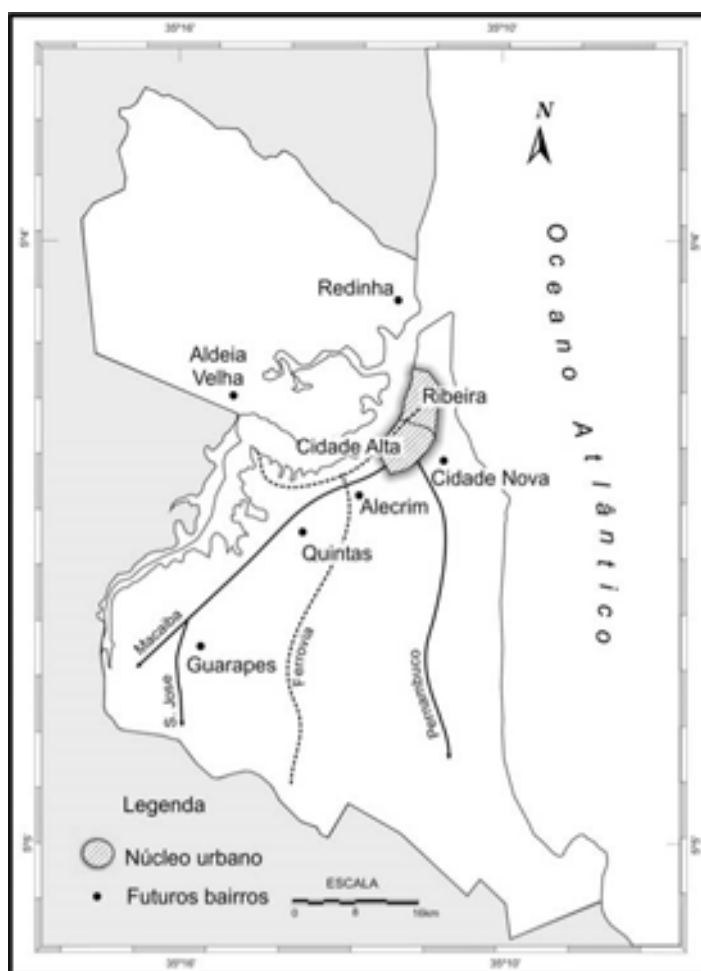
[...] até o ano de 1700, parece ter havido duas ruas em Natal: a primeira corresponde à que fica defronte à Matriz, na atual Praça André de Albuquerque; a segunda, o caminho do rio de beber água, as atuais ruas Santo Antônio e da Conceição.

No que tange ao aumento de sua dinâmica, a Ribeira assume características de urbano com o surgimento de alguns estabelecimentos comerciais, uma população residente e o início da construção do cais do porto, em 1869, considerado como fundamental para a função comercial que ele passava a ostentar, tornando-se mais ativo que a Cidade Alta<sup>11</sup>. Somente com a construção do cais neste antigo porto, marco na vida econômica da cidade, foi que algumas atividades puderam ser diligenciadas no mesmo (CASCUDO, 1999).

---

<sup>11</sup> A transferência do governo provincial para o bairro também contribuiu para sua consolidação como principal bairro da cidade naquele momento (COSTA, 2000).

A grosso modo, até o final do século XIX, existiam apenas dois bairros na cidade de Natal - Ribeira e Cidade Alta, este último adquiriu inicialmente um caráter residencial e, em seguida, um pequeno comércio (Mapa 2).



**Mapa 2** - Zona urbana de Natal no final do século XIX.

**Fonte:** Cunha (1987).

**Nota:** Cartografia de Josué Alencar Bezerra, 2005.

Na periferia deste núcleo principal, encontravam-se outros aglomerados populacionais, como as Rocas, localizado entre a Ribeira e o Forte dos Reis Magos; o Passo da Pátria, fincado às margens do estuário Potengi/Jundiá, entre a Cidade

Alta e a Ribeira; ao Sul, o Baldo e Barro Vermelho e, a Sudoeste, as Quintas e o Refoles<sup>12</sup>, conhecido atualmente como Alecrim.

O início do povoamento de Natal teve forte influência do setor comercial colonial impregnado nas vias de escoamento que saíam do interior e chegavam até o porto da cidade. Estas povoações observadas no mapa anterior surgiram para dar apoio aos que faziam o transporte das mercadorias até o centro comercial de Natal. Posteriormente, com o crescimento da cidade, estes povoados foram absorvidos pela mancha urbana oriunda do centro e, assim, vieram a ganhar o título de bairro de Natal.

### 3.2. A CRIAÇÃO DO BAIRRO DO ALECRIM

No século XIX, o Refoles era um dos pequenos povoados que davam assistência aos viajantes que se dirigiam para o núcleo urbano natalense. Da localidade, existia um caminho que o ligava à Cidade Alta. Posteriormente, foi construído o prolongamento de duas estradas de ferro que, além de intensificar a vinda dos comerciantes do interior, levavam passageiros e produtos para os estados da Paraíba e de Pernambuco, obra de suma importância para o desenvolvimento do povoado (CASCUDO, 1999).

Segundo os escritos, nesta área, existiam sítios, granjas e pequenas criações de animais (Figura 3). Era uma área que se resumia na presença de poucos casebres de taipa, que não chegavam a uma dezena, não muito distante do limite urbano de Natal que se dava ao Norte de um chafariz, localizado no final da Cidade Alta. “Todas essas áreas se situavam fora do perímetro urbano e eram

---

<sup>12</sup> Essa área, afirma Cascudo (1999), relembra a estrada do corsário francês, Jaques Riffault, aventureiro e afoito que ali guardava sua Nau, onde seu nome aportuguesado Riffaul-Refoles, foi o que restou do



habitadas por pessoas que desenvolviam atividades agrícolas e pecuárias” (COSTA, 2000, p. 113). É onde se encontra hoje o riacho do Baldo, do qual a população utilizava a água para lavar roupa, animais, tomar banho e até para fins domésticos.



**Figura 3** - Granjas localizadas no antigo Refoles e a população que usufruía do riacho do Baldo na lavagem de roupas, dentre outros serviços (início do século XX).

**Fonte:** Prefeitura da Cidade do Natal (1999).

Composta em sua maior parte de pessoas humildes, era uma área habitada por pequenos comerciantes, trabalhadores rurais, sítiantes e por uma população muito pobre, essa distribuída de forma heterogênea e espaçada no território. “Seu aspecto era mais rural do que urbano, com habitações precárias, chácaras, sítios, além de pensões, mercearias e outras atividades” (LIMA, 2003, p. 24).

Com o aumento do número de viajantes, devido ao crescimento dos negócios desenvolvidos em Natal, pequenos hotéis e estabelecimentos que serviam refeições foram se instalando na localidade para assistir, principalmente, àqueles que transportavam os produtos para Paraíba e Pernambuco. Entretanto, apenas os patrões eram quem ocupavam os alojamentos. Os empregados instalavam-se em qualquer lugar, geralmente acampados no chão (CASCUDO, 1999).

Desde o início de sua ocupação, já poderiam ser encontradas, na localidade, algumas construções e equipamentos importantes para Natal, como o único cemitério da cidade, assentado na área em que se construíram as primeiras casas do bairro.

A administração municipal, preocupada com a questão sanitária e ordenamental de Natal, escolheu a área para a instalação, primeiramente, do cemitério e, posteriormente, do leprosário Lazarento da Piedade e do hospital dos Alienados, obras construídas longe do convívio coletivo. Segundo Lima (2003), Januário Cicco<sup>13</sup> dizia que o Alecrim apresentava um quadro de salubridade muito preocupante. Certamente, isto decorre menos em função de sua paisagem e topografia e mais pela sua situação de pobreza dos poucos que ainda residiam na localidade.

Próximo do Refoles, existia um outro ponto de concentração demográfica conhecido como Baixa da Égua, localizado entre as atuais Igrejas de Nossa Senhora da Conceição e de São Sebastião e que o então vigário João Maria resolveu mudar o nome para Baixa da Beleza (FURTADO, 2004). Apesar de haver indícios de um rápido desenvolvimento, o Alecrim foi, por muito tempo, apenas uma passagem dos que vinham do interior do estado para negociar nos centros do comércio da cidade - Ribeira e Cidade Alta. Ao discorrer sobre a instalação destes equipamentos, Furtado (2004, p. 6, grifo do autor) esclarece que:

Quando, a 7 de setembro de 1882, o Presidente Francisco de Gouveia Cunha Barreto pôs a primeira pedra para construção do Lazarento da Piedade, Hospício dos Alienados, o Alecrim ainda era uma capoeira. Por volta de 1890, inaugura-se uma fábrica de sabão -

---

<sup>13</sup> Januário Cicco é a personalidade mais importante e emblemática da história da Medicina norte-rio-grandense. Publicou diversos livros e foi o criador de algumas das principais políticas e instituições de saúde da cidade. Cicco viveu de 30 de abril de 1881 a 12 de fevereiro de 1950 (LIMA, 2003).

“Moura e Borges” Cia Ltda, empregando operários que foram fixando-se nas proximidades, em área do Refoles.

No início do século XX, porém, antes da criação do bairro, era possível verificar alguns elementos importantes para a expansão do espaço alecrinense, como, por exemplo, a instalação da Escola de Aprendizes de Marinheiro, em outubro de 1908, pelo Ministério da Marinha, que ocupou uma grande área às margens do estuário do Potengi/Jundiaí. Logo após a construção da escola, foi providenciada uma estrada que dava acesso à edificação. Esta estrada era bastante utilizada pelos que circulavam pelo povoado (SOUZA, 2001).

Estes e outros aparatos logísticos serviram como confirmação da inclusão do então povoado nos planos da administração municipal de Natal, embora a área fosse dotada bem mais de características rurais que feições urbanas.

Na gestão do presidente da Intendência Municipal de Natal, Joaquim Manuel Teixeira de Moura, em exatos 23 de outubro de 1911, o bairro do Alecrim foi oficialmente criado, tomando para ele uma boa parte do bairro de Cidade Alta (SOUZA, 2001). No documento confeccionado pela Intendência Municipal de Natal, estava escrito:

Art. 1º - É criado o bairro do Alecrim desmembrado da Cidade Alta desta capital, tendo limite ao Norte uma linha que partindo da ponta de Areia Preta, se dirige pela rua Ceará-Mirim e Baldo, no rio Potengi. A Leste, o oceano até encontrar avenida Sul que demora no extremo do terreno patrimonial do município até o rio Potengi. E o mesmo rio Potengi, até encontrar o ribeiro que banha o sítio denominado Oitizeiro. Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário. Natal, 23 de outubro de 1911. Joaquim Manuel Teixeira Mouro, Presidente (CARVALHO, 2004, p. 11).

A toponímia<sup>14</sup> do lugar é baseada em diversos relatos. Uns contam que, na Praça Pedro II, morava uma velha que costumava enfeitar com ramos de alecrim os caixões dos anjinhos que eram levados a sepultar no cemitério. Outros dizem ter vindo da abundância do alecrim-de-campo espalhado pelo mesmo trecho (CASCUDO, 1999).

Sobretudo, era o quarto bairro a ser criado em Natal, após a Cidade Alta, a Ribeira e a Cidade Nova<sup>15</sup>. Na leitura de Cascudo (1999, p. 355-356, grifo do autor), o Alecrim “[...] era uma capoeira intercortada de tufos verdes de vegetação. Por ali passava a *estrada velha de Guarapes*”. O bairro encontrava-se ocupado somente pelos limites da Escola de Aprendizes de Marinheiro, à margem direta do estuário Potengi/Jundiaí, praticamente desabitado em 1916. Contudo, com a construção da ponte sobre o estuário e o crescente tráfego nas ferrovias que, de um lado, começavam a transpor a hidrografia do mesmo e, de outro, levavam até os estados limítrofes, sinais de povoamento vieram acompanhar a nova dinâmica apresentada pelo aumento do fluxo de comerciantes que atravessavam o Alecrim (Figura 4).

---

<sup>14</sup> “[...] muitos estudos de nomes de lugares continuam com a abordagem antiquada, coletando topônimos como objetos, utilizando um método tipo ‘alfinete no mapa’ que enfatiza uma coleta desamparada do contexto ou da textura profunda de uma perspectiva por dentro” (FAIR, 1997, p. 467, grifo do autor).

<sup>15</sup> O bairro de Cidade Nova foi criado em 1901 e, anos mais tarde, iria ocupar a área correspondida atualmente pelos bairros de Petrópolis e Tirol. Na época, o Alecrim era uma área dotada de algumas vivendas, quintas e granjas em seu território, contudo, não acompanhava o mesmo ritmo de crescimento do bairro mais novo. Atualmente, existe um bairro em Natal denominado Cidade Nova, localizado na zona administrativa Oeste da cidade, porém, este obteve sinais de ocupação somente no final da década de 1960, e somente criado em 7 de setembro de 1994, pela Lei nº. 4.328, de 5 de abril de 1993 (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).



**Figura 4** - Arquitetura original da ponte de Igapó construída em 1916.  
**Fonte:** Prefeitura da Cidade do Natal (1999).

Clementino (1995) coloca que a construção da ponte de Igapó constituiu uma importante ligação entre a capital e algumas cidades do interior, como Ceará-Mirim, Taipu, Macau e mais algumas localidades da região Nordeste e Norte do Rio Grande do Norte, o que intensificou o desenvolvimento econômico da cidade de Natal.

A edificação permitia, sobretudo, o escoamento da produção de açúcar do vale do Ceará-Mirim, e a estrada Ferro Sul, que permitia à economia estadual se interligar com Pernambuco, centro da economia regional, e complementava a produção/distribuição em larga escala. Assim, muitos são os que dizem que estes seriam os dois marcos importantes na relação de Natal como centro de uma economia local, na perspectiva interior-capital.

A partir de sua criação, o bairro do Alecrim passaria a acobertar grande parte dos refugiados e das pessoas que procuravam melhores condições de vida na cidade, sendo berço de diversos encaminhamentos socioeconômicos e culturais fundamentais para a produção do seu espaço. A cidade de Natal era privilegiada por alguns fatos, até de projeção mundial, que viriam impulsionar o seu crescimento urbano, refletido diretamente pelo papel do Alecrim em seu sítio.

### 3.3 AS BASES PARA A PRODUÇÃO DO ESPAÇO ALECRINENSE

Como podemos observar, a organização do espaço urbano alecrinense está intimamente ligada à produção socioespacial da cidade de Natal. Este exame persiste durante todo o processo de construção morfológica e social do bairro do Alecrim na cidade.

Natal mostrava-se movida por suas funções, semelhantes à situação posta em diversas cidades brasileiras, sobretudo, as encontradas em solo nordestino que, apesar de apresentarem um considerado crescimento, eram, até então, pouco expressivas, e se constituíam em extensão e domínio das oligarquias rurais. A burguesia local era frágil e:

[...] alicerçada nas pequenas fábricas de tecelagem, no comércio varejista e nos setores de exportação e importação, [a burguesia] era impotente para impor o seu poder sobre a cidade e sobre o Estado. Este poder era o espaço de exercício dos fazendeiros e comerciantes do algodão, especialmente daqueles oriundos da região do Seridó (LOPES JUNIOR, 2000, p. 25).

Em Natal, “[...] a urbanização não se deu de forma isolada e diferente dos demais centros urbanos nacionais; no entanto, alguns fatos que são ‘específicos’ da cidade marcaram esse processo, não corresponde de todo no quadro geral nacional” (COSTA, 2000, p. 95, grifo do autor).

Torna-se importante ressaltar também que, a exemplo de outros centros do país, o crescimento populacional de Natal esteve sempre atrelado ao elevado crescimento vegetativo e ao intenso fluxo migratório apontado do interior do estado, de Pernambuco, do Ceará e, principalmente, da Paraíba. Fluxo que, quase sempre, está interligado às fortes secas periódicas no Nordeste do país e pelo fato da cidade

se constituir, ao longo da história, fator de atração para essa população fugida em busca de melhores condições de vida. Assim, Natal tomou o papel como centro receptor deste contingente no Rio Grande do Norte, e o Alecrim o abrigo destes flagelados na cidade.

### *3.3.1 A influência dos retirantes na formação do Alecrim*

Segundo Lima (2003), o bairro do Alecrim já nascia como o mais populoso da cidade, abrigando 7.132 habitantes, distribuídos em 1.462 edificações dispostas esparsamente por um vasto terreno da cidade, localizado a Oeste de Natal.

O período da seca, que deixou arrasada grande parte do interior do Nordeste brasileiro, trouxe um contingente enorme de flagelados para Natal, colocando o Alecrim como o maior recebedor desta população fugida da fome. Cascudo (1999) ressalta com proeminência que, antes mesmo da criação oficial do bairro do Alecrim, 15.647 pessoas já haviam abandonado o interior do estado escapadas da situação calamitosa na qual se encontrava o Sertão. Grande parte destas pessoas migraram para a capital potiguar, exemplo disso foi que, no auge da seca, um grupo enorme de retirantes acamparam num improvisado barracão na praça Augusto Severo, entre terra enxuta e poça d'água salobra. No período compreendido entre 1900 e 1920, devido à migração dos flagelados da seca, a população natalense chegou a crescer quase que 100% (CUNHA, 1987).

A procura da capital por parte destes retirantes dava-se porque a cidade oferecia boas alternativas de sobrevivência para sua família. Além de abrigar a sede comercial, rica em alimentos e oportunidades de trabalho, em Natal, era possível ter

acesso aos organismos públicos e privados, e isso queria dizer que haveria possibilidade de trabalho, principalmente, na ajuda aos comerciantes ali presentes.

O Alecrim surge, neste cenário, como o bairro que recebia a maior parte destes retirantes, tendo em vista a facilidade no seu acesso, e por dispor de uma gama de elementos característicos ao ambiente interiorano dos alojados como, por exemplo, a presença de sítios, vacarias, currais, feiras e a simplicidade da vida rural do Sertão, tornando-se o espaço preferido por esses fluxos. Na interpretação de Cunha (1987), este seria o principal motivo pelo qual o bairro se tornaria o mais populoso da cidade.

O retrato desta situação foi que o Alecrim também ficou conhecido como “Cais do Sertão” devido ao gradual processo migratório de populações rurais que se fixaram naquele espaço muito conhecido, naquele momento, pela existência de um ancoradouro que as pequenas embarcações utilizavam para transportar os produtos comercializados na região (Figura 5).



**Figura 5** - O alistamento dos retirantes fugidos da seca chegando ao Alecrim na primeira metade do século passado.

**Fonte:** Souza (2001).

Mesmo estando inserido na extensão urbana da cidade, com alguns problemas como as más condições de transporte na época, o Alecrim passava a ser



visto, em Natal, como uma extensão do Sertão, observação percebida ainda hoje pelos valores e tradições<sup>16</sup> absorvidos pelos antigos moradores do bairro.

A vinda destes flagelados forçou o desenvolvimento de algumas políticas, que até então não eram necessárias à cidade, voltadas aos problemas gerados pela expansão do espaço urbano natalense que se encontrava abalada pelo ritmo de crescimento acelerado de sua população. Para isso, o governo municipal promoveu a instalação de inúmeras obras e alguns planos urbanísticos a fim de obter uma maior organização socioespacial da cidade.

O desenvolvimento urbano de Natal era notório e caracterizado por um conjunto de obras de infra-estrutura que modelaram a sua forma urbana. A construção do sistema viário, a instalação de iluminação pública nas ruas, o abastecimento de água e o esgotamento sanitário nos bairros foram políticas que deram margem à implementação de planos de ordenamento e embelezamento que ditaram o parcelamento e a ocupação do solo urbano em toda a cidade.

Neste sentido, ao longo do século XX, foram elaborados sete planos diretores e urbanísticos para Natal, sendo que os que trouxeram maiores transformações à cidade foram os desenvolvidos em 1903, pelo arquiteto Antônio Polidrelli, que submeteu os dois únicos bairros da cidade a um novo alinhamento de suas ruas, e o liderado pelo italiano Giacomo Palumbo, em 1929, que propôs articular as principais ruas da capital aos novos destinos de Natal. Porém, como a maioria desses planos não foi colocada em prática, uma cidade paralela foi sendo construída à revelia do que era definido em documentos. Os reflexos do processo de

---

<sup>16</sup> “O vocábulo *tradição*, de origem latina, *traditione*, pode ser entendido, em princípio, como o ato de transmitir ou entregar; com um significado um pouco mais elaborado, a transmissão oral de fatos, lendas, etc., de idade em idade, de geração em geração ou ainda enquanto conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados” (MAIA, 2000, p. 152, grifo do autor).

segregação se manifestam no sítio de determinados bairros adquirindo importância e condicionando sua forma de ocupação (SOUZA, 2001).

As medidas tomadas para a organização do espaço natalense também se deram pela inserção do país na Divisão Internacional do Trabalho que, segundo Cunha (1987, p. 18):

[...] durante todo o período em que esteve voltado para a economia agro-exportadora, liberou para o exterior, uma expressiva parcela excedente do produto social que aqui era gerado, significando que a economia não reinvestia no seu sistema produtivo, internamente.

Esta situação forçou o Brasil a queimar etapas significando, finalmente, fixar as bases de uma acumulação nitidamente capitalista, refletida pela produção do espaço urbano brasileiro. E, em Natal, não foi diferente, pois o poder público já iniciava a implantação de alguns serviços fundamentais para o desenvolvimento urbano da cidade.

Observando que o Alecrim apresentava-se como o bairro mais populoso de Natal, a prefeitura tratou de estender alguns serviços como as linhas de bonde, até então disponíveis em sua maioria na Cidade Alta e na Ribeira<sup>17</sup>. O intuito principal era de desafogar a demanda dos trabalhadores que precisavam se deslocar também para outros trechos da cidade. Esse transporte atravessava a Ribeira passando pela Cidade Nova (hoje, Petrópolis), estendendo-se até o bairro do Alecrim, nas proximidades do leprosário Lazarento da Piedade do hospital dos Alienados (MARINHO, 2003).

No entanto, no limiar desta política implantada pelo Estado, e concomitantemente a outras áreas da cidade, o Alecrim foi agraciado também com

outras obras importantes como, por exemplo, a construção do Grupo Escolar João Tibúcio, e das praças Pedro II, Gentil Ferreira e, posteriormente, a praça Almirante Tamandaré, empreendimentos construídos em 1939 e 1952, respectivamente (Figura 6).

Mesmo assim, os investimentos propostos pela prefeitura não acompanhavam o ritmo de crescimento populacional de Natal, e o Alecrim, que continuava recebendo os pobres, vindos principalmente do interior, era o bairro que mais sofria na cidade, devido à ausência de infra-estrutura básica para sua população.



**Figura 6** - A praça Almirante Tamandaré nos anos 1950 e a praça Gentil Ferreira na década de 1980 e atualmente (à direita).

**Fonte:** Prefeitura da Cidade do Natal (1999), acervo dos moradores e de Josué Alencar Bezerra, jan. 2005.

Este contingente tornou-se maior quando algumas empresas estrangeiras do ramo comercial observaram que Natal dotava de importantes fatores geográficos que nenhuma outra cidade brasileira dispunha. Uma posição estratégica invejável

<sup>17</sup> Mesmo assim, os primeiros bondes já começaram a circular no Alecrim em setembro de 1912, tendo como ponto final da viagem o Hospital dos Alienados, hoje, esquina da avenida Alexandrino de Alencar. Atualmente, no local, encontra-se um Centro de Saúde Reprodutiva (CARVALHO, 2004).

que viabilizava sua inserção nas rotas internacionais de aviação, fazendo dela ponto de escala de diversas empresas internacionais que realizavam os primeiros vôos comerciais e, sobretudo, intercontinentais, entre países da América do Sul, da África e da Europa (SOUZA, 2001).

Esse fato foi decorrente do desenvolvimento do correio aéreo, bem como do espírito de aventura dos pilotos da época, que encontraram resposta na particularidade de seu posicionamento geográfico, com relação àqueles continentes. Por sua posição estratégica, Natal é incluída no circuito militar mundial, na década de 1940, com o desenrolar da Segunda Grande Guerra. Estes fatores desencadearam profundas transformações socioespaciais na cidade de Natal e, em particular, no bairro do Alecrim, celeiro de inúmeros acontecimentos que se tornaram importantes para a expansão urbana da cidade.

### *3.3.2 As marcas da guerra para o desenvolvimento do Alecrim*

Com o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, ocorrida de 1939 a 1945, a cidade de Natal, por deter destes importantes fatores estratégicos observados fundamentalmente pelos E.U.A., líder dos Aliados no conflito, passou por importantes mudanças políticas e sociais no seio do seu desenvolvimento, o que representou um fato histórico de grande significado para a vida urbana da cidade.

A presença das tropas estadunidenses na cidade deu-se emparelhada à intensa e progressiva extensão demográfica no contexto urbano da capital. Esse fluxo migratório multiplicou-se movido, principalmente, pelo trabalho disponível nas obras empreendidas para assessorar os militares, como a construção da Base Naval, e pelo poder público local, responsável por acompanhar o ritmo desenfreado do crescimento urbano de Natal naquela década, abrindo ruas, oferecendo serviços

básicos de saúde, educação, segurança e, principalmente, de infra-estrutura urbana.

Mesmo assim, os investimentos não acompanharam a demanda da população, pois:

[...] o grande contingente de militares e a construção das bases atraíram a população civil motivada pela oferta de emprego, incentivada pela grande circulação de dinheiro que ocorria na cidade. Era grande o despreparo da capital potiguar para absorver esta atividade e estes contingentes, principalmente nos aspectos ligados ao abastecimento, disponibilidade de moradias, infra-estrutura urbana, (transportes, hotéis, pensões) custos de vida e defesa civil (CLEMENTINO, 1995, p. 22).

Com o objetivo de sanar todos os problemas advindos dessa nova dinâmica posta na cidade, novas transformações urbanísticas foram diligenciadas na cidade de Natal, tendo os bairros da Ribeira, Cidade Alta e do Alecrim como alvos principais destas políticas.

Calçamentos foram desenvolvidos, instalações elétricas e hidráulicas providenciadas e, principalmente, o sistema de transporte foi ampliado. Em decorrência disso, outros serviços também foram gradativamente surgindo naquela época, como bares, restaurantes, pousadas, hotéis, cabarés, delegacias etc.

Para se ter idéia da dimensão colocada pela presença dos militares naquele momento em Natal, Clementino (1995) coloca que diversas personalidades importantes estiveram presentes na cidade como os presidentes Getúlio Vargas (Brasil) e Franklin Roosevelt (E.U.A.), e os príncipes Bernard (Holanda) e Faisal (Arábia Saudita).

A implantação da Base Naval, na rua Silvio Pélico, em 1941, obra construída pelo governo brasileiro com auxílio do governo dos E.U.A., e instalada na mesma área onde se encontrava a Escola de Aprendizes de Marinheiros “[...] pode

ser considerada um marco para a mobilização militar verificada na década de 40 e seguintes” (CLEMENTINO, 1995, p. 203).

Com a vinda dos militares, foram trazidos, concomitantemente a este fato, outros adereços importantes, como novos equipamentos e funcionalidades para o espaço natalense, embora a cidade não estivesse preparada para receber todo este aparato em um curto período de tempo. Segundo Clementino (1995, p. 215):

A vinda para Natal de grande contingente de militares e mais a construção das bases, atrai de imediato a população civil motivada pela oferta de emprego civil e militar e também incentivada pela grande circulação de dinheiro que ocorria na cidade. O despreparo da capital potiguar para absorver esta atividade e estes contingentes faz-se de imediato, principalmente nos aspectos ligados ao abastecimento, disponibilidade de moradias, infra-estrutura urbana (transporte, hotéis, pensões) custo de vida e defesa civil.

Em um momento no qual o país pautava-se pelo crescimento econômico para dentro, ampliando a rede urbana e acentuando sua hierarquização, o setor terciário cresce e se fortalece, sustentando o processo de industrialização e promovendo a expansão urbana das cidades brasileiras. No entanto, cabe ressaltar que, no contexto local, o setor secundário não tenha sido a tônica principal da expansão urbana de Natal, pois os serviços mostraram-se mais eficientes no modelado do espaço da capital, principalmente, durante e após a Segunda Guerra Mundial, marco no desenvolvimento socioespacial na cidade.

O poder militar teve um papel importante para a expansão urbana de Natal. Segundo Cascudo (1999), a Base Naval, alojada na direção Sul das margens do estuário do Potengi/Jundiaí, era uma das três construídas na cidade, juntamente com a do Exército e da Aeronáutica, para dar suporte principalmente aos estadunidenses que se instalaram na cidade durante o período da Segunda Guerra Mundial (Figura 7).



**Figura 7** - A antiga Escola de Aprendizes de Marinheiro, local da atual Base Naval de Natal (Marinha do Brasil).

**Fonte:** Miranda (1999) e Lidiane de Moraes Diógenes, dez. 2003.

Em particular, o bairro do Alecrim foi a área em Natal que mais recebeu estes embates socioespaciais, advindos da influência militar. A instalação da Base Naval de Natal, no Alecrim, proporcionou, de início, por exemplo, a construção da Vila Naval, composta por 189 casas destinadas aos militares da Marinha, aumentando consideravelmente o fluxo de pessoas naquelas áreas até então desocupadas<sup>18</sup>.

A influência da Marinha no bairro promoveu a construção também de alguns dos principais clubes sociais da história da cidade, como o clube dos oficiais que funcionava na Base Naval; o Atlântico e o Camana (Casa de Marinheiro Natal), presentes ainda hoje na avenida Alexandrino de Alencar.

Clementino (1995) ressalta que o momento da guerra mostrou-se como um progresso mascarado, tendo em vista os altos custos que essa dinâmica de curto espaço temporal levou para a cidade. As transformações infra-estruturais e culturais eram bastante perceptíveis àqueles que viveram a época em Natal.

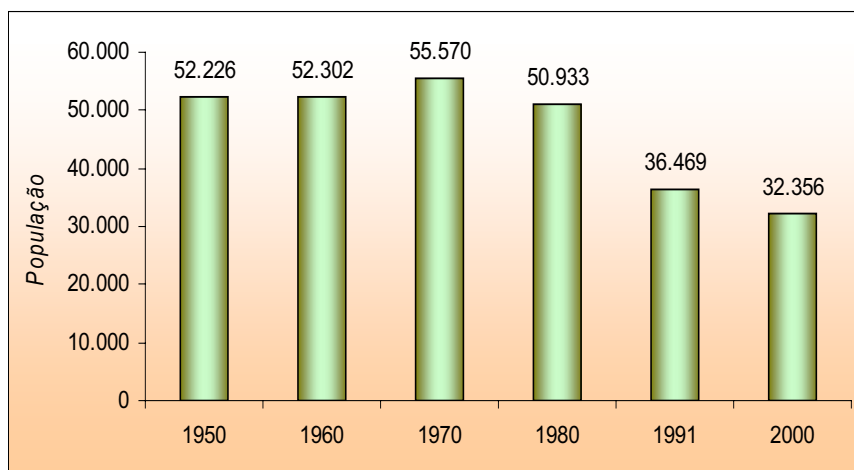
---

<sup>18</sup> A Vila Naval está localizada no quarteirão formado pelas avenidas Presidente José Bento, Presidente Sarmento, Coronel Estevam e pela rua dos Canindés. Posteriormente, outros conjuntos da Marinha foram construídos no bairro: em 1970, 75 casas foram erguidas na rua Olinto Meira e outro ao lado da Base Naval, na rua Sílvio Pélico (CARVALHO, 2004).

Assim, percebeu-se que a cidade, como um todo, vivenciou grandes alterações socioespaciais, as quais se incorporaram à paisagem da cidade, contribuindo para a redefinição dos rumos do futuro que a mesma tomou diante do crescimento urbano.

A cidade de Natal emergiu do conflito como uma verdadeira capital regional, afirmação constatada com os seus surpreendentes 103.215 habitantes, dos quais 50,6% viviam no Alecrim em 1950. A população existente em Natal, neste período, correspondia a quase o dobro (88,2%) do período que antecedeu a guerra (54.836 habitantes) - crescimento de quase 9% ao ano e uma cidade dotada de novos equipamentos e serviços urbanos expressivos em Natal (CLEMENTINO, 1995).

Seguindo a tendência nacional, a população natalense continuou crescendo: 1960: 160.253 hab.; 1970: 264.379 hab.; 1980: 416.898 hab.; 1991: 606.887 hab. e em 2000: 712.317 hab. Atualmente, estimasse que mais de 778 mil habitantes vivam na cidade de Natal (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2005). Desde sua fundação, foi somente na década de 1980 que o Alecrim deixou de ser o bairro mais populoso da cidade (Gráfico 1).





**Gráfico 1** - Evolução da população do Alecrim (1950-2000).

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1960, 1970, 1980, 1991, 2000) e Lima (2003).

Acreditamos que a perda de população observada neste período tenha relação com inúmeras políticas de habitação implementadas nas zonas periféricas da cidade, principalmente na zona Norte. Este fato acarretou a perda de população dos bairros centrais da cidade. Contudo, o Alecrim foi o que menos sofreu com esse processo.

Vale também salientar que, com a expansão da infra-estrutura física empregada na cidade no período do conflito, a guerra havia de proporcionar profundas transformações, sobremaneira, nas relações sociais dos seus habitantes, não só pela chegada do grande contingente populacional oriundo do estrangeiro, mas, sobretudo, nos costumes que marcariam a vida no bairro até os dias de hoje.

### 3.3.3 As ruas e avenidas

Durante o período colonial, a cidade de Natal, como as demais cidades brasileiras regidas pela coroa portuguesa, não passou por um controle de planejamento urbano que administrasse a criação de suas ruas e avenidas. Na oportunidade, as ruas dos centros brasileiros eram delineadas a partir do posicionamento das primeiras edificações da área. O lugar da praça e da igreja matriz era de maior expressividade, mas, além desses, restavam apenas ruas irregulares que se expandiam conforme iam se instalando as casas, os galpões e os estabelecimentos comerciais sem nenhuma continuidade (MAIA, 2000). Nesta perspectiva, as primeiras ruas foram criadas no Alecrim, exemplo disso foi a

construção do acesso à Escola de Aprendizes de Marinheiro, conhecida atualmente como rua Sílvio Pélico.

Diferentemente do que se imagina, a infra-estrutura urbana do bairro não foi diligenciada apenas no período da Segunda Guerra Mundial. Algumas ruas importantes para o bairro foram construídas antes mesmo da criação do Alecrim, como o caso da rua Amaro Barreto, criada no dia 16 de agosto de 1909, sob a Resolução nº. 132, baixada pelo então presidente da Intendência de Natal, Joaquim Manoel de Teixeira de Moura. Na oportunidade, o presidente ditava que a via começava na esquina da rua Sílvio Pélico, se estendendo até onde hoje se encontra o bairro das Quintas (CARVALHO, 2004).

No entanto, foi somente 14 anos depois de criado que parte do calçamento do bairro do Alecrim começou a ser providenciado. Segundo Souza (2001), foi em 1925, que o prefeito Omar O'grady veio a calçar a primeira rua do bairro, que seria a rua José Bernardo, no Baldo. Esta obra chegou até o cemitério e impulsionou, de certa forma, a construção de mais algumas casas naquela área, porém, o trecho calçado tinha por finalidade ligar a Cidade Alta ao Alecrim e, com isso, fornecer maiores condições de acesso ao único cemitério de Natal.

Dez anos mais tarde, na gestão de Gentil Ferreira de Sousa, o prefeito continuou o calçamento de paralelepípedo das ruas Fonseca e Silva e Amaro Barreto. A topografia do bairro do Alecrim apresenta algumas irregularidades no terreno, por isso, acreditamos que o poder público da época encontrou muitas dificuldades para desenvolver estas obras.

Entretanto, naquele momento, a maior preocupação dos administradores da cidade se resumia à saúde pública, pois era no Alecrim onde se concentrava a população mais pobre da cidade, além do único cemitério, que já se encontrava

bastante saturado, e do matadouro que não oferecia condições de higiene necessárias para um estabelecimento dessa natureza (LIMA, 2003). Todavia, todos estavam cientes de que, para sanar os problemas de saúde pública da cidade, era necessário investir num plano de reordenamento urbano de Natal.

Como já citado anteriormente, no final da década de 1920, o prefeito da cidade, Omar O'grady convida o arquiteto italiano Giacomo Palumbo para liderar o plano de sistematização para a urbanização de Natal, que promoveu, de início, a abertura de largas avenidas na cidade, atingindo diretamente os corredores do bairro. As marcas sociais deixadas pelas ruas e avenidas do bairro estão presentes até hoje no cotidiano dos natalenses.

Antes da organização urbana do bairro, os corredores viários do Alecrim já eram denominados por números. Populares e estudiosos do passado de Natal afirmam que o modelo dos estadunidenses de numerar as ruas na cidade vem antes mesmo da criação do Alecrim. Alguns autores dizem que, em toda a cidade, foram enumeradas dezoito ruas, outros falam em vinte, alguns colocam que foi no primeiro plano urbanístico de Natal, organizado por Antônio Polidrelli, em 1903, quando na cidade só existiam os bairros da Cidade Alta, Ribeira e Cidade Nova, que as ruas receberam a denominação. Mesmo assim, estas afirmações têm um pouco de controvérsia, tendo em vista que, naquele período, existiam pouquíssimas ruas no perímetro do bairro<sup>19</sup>.

Após pouquíssimos investimentos no bairro, no período que José Augusto Varela governou a cidade, o prefeito mandou calçar a rua Silvío Pélico para facilitar o acesso à Base Naval de Natal, parte das avenidas Presidente Sarmiento e

---

<sup>19</sup> Discussão retratada por Cascudo (1999), Souza (2001), Carvalho (2004) e por moradores que vivem há bastante tempo no bairro do Alecrim.

Presidente Quaresma, a praça da Feira do Alecrim e parte da avenida Coronel Estevam.

Durante a gestão de Mário Eugênio Lira, em homenagem ao almirante Ary Parreiras, responsável pela construção da Base Naval de Natal, o prefeito baixou o decreto Lei nº. 176, de 13 de dezembro de 1945, cujo artigo único diz o seguinte: “Passa a denominar-se Rua Ary Parreiras a atual rua Araguaia no bairro do Alecrim desta Capital, revogadas as disposições contrárias” (CARVALHO, 2004, p. 26).

Outra importante rua do Alecrim foi criada no primeiro ano da década de 1950. A rua Mario Negócio, implantada pelo prefeito Olavo Galvão, sob a Lei nº. 44, de 22 de abril de 1951. A via tomava um trecho da rua Amaro Barreto passando pela praça Gentil Ferreira, tornando-se um dos principais acessos à ponte de Igapó. Posteriormente, a rua Mário Negócio teve seu calçamento reconstruído, o que acarretou o alargamento da via, representando o aumento de 6 para 12 metros, facilitando ainda mais o tráfego para as zonas Norte e Oeste da cidade (CARVALHO, 2004).

Na gestão do prefeito Djalma Maranhão, as ruas Machado de Assis e Agostinho Leitão, parte da avenida Presidente Bandeira e uma área próxima ao então Mercado do Alecrim foram também calçadas. Sabe-se que, entre 1960 e 1980, quase todas as ruas do Alecrim haviam sido pavimentadas e algumas asfaltadas.

O prefeito Agnelo Alves foi um dos que mais desenvolveu este tipo de infra-estrutura no bairro, atingindo um total de 20 ruas: Ferreira Nobre, Alexandrino de Alencar, Vila dos Paianazes, Monsenhor Pegado, Calistrato Carrilho, parte da Olinto Meira, Canindés, parte da Presidente Bandeira, dentre outras. Além do

calçamento das ruas, foi providenciado um novo sistema de iluminação pública no bairro do Alecrim (CARVALHO, 2004).

Segundo relato de alguns moradores, outras ruas foram sendo criadas e, posteriormente, calçadas. No entanto, somente quando José Agripino Maia estava à frente da prefeitura da cidade foi que as travessas tiveram atenção do poder público. Todas estas vias localizadas entre a avenida Coronel Estevam e a rua Amaro Barreto foram atendidas. Durante sua estada na prefeitura, parte da rua Leão Veloso, dos Caicós, a João Carlos, a Álvaro Navarro e a Vila Chagas foram pavimentadas. As ruas do Alecrim foram traçadas em forma de xadrez, obedecendo ao sentido Norte-Sul a partir da avenida Presidente Quaresma (Figura 8).



**Figura 8** - Alguns dos principais corredores viários do Alecrim: rua Ary Parreiras (1); avenida Manoel Miranda (2); avenida Presidente José Bento (3); avenida Coronel Estevam (4); rua Dr. Mário Negócio (5) e avenida Presidente Bandeira (6).

**Fonte:** Josué Alencar Bezerra, jul./dez. 2004.

Era a partir da avenida Presidente Quaresma que se iniciava a numeração, continuando, assim, com a outra via que seguia. Neste primeiro sentido, as ruas foram enumeradas de um a cinco. Já no sentido Leste-Oeste, a contagem

continuava até chegar-se à avenida Doze, conhecida oficialmente como rua dos Paiatis. Mariz e Suassuna (2002, p. 335) colocam que:

[...] muitas ruas do bairro do Alecrim, que originalmente, têm nomes de presidentes da Província e tribos indígenas, como por exemplo a Av. Presidente Bandeira, a Presidente Quaresma, ou a Av. dos Caicós ou dos Panatís, entre outras, que foram numeradas por eles e assim ficaram conhecidas como, a Avenida Um; a Avenida Dois, a Seis, a Sete, a Nove, a Dez, etc, numeradas até 20. Entretanto, os cidadãos mais antigos de Natal, contestam essa informação, afirmando que o uso dessa denominação às ruas do Alecrim é anterior a chegada dos americanos em Natal.

Sabe-se que o prefeito O'grady sugeriu que os representantes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) listassem alguns nomes de personagens históricos do estado para atribuir às ruas do Alecrim. Alguns receberam nomes de tribos de índios que viveram no território norte-rio-grandense no decorrer do século XVIII, e outras adotaram denominações comuns às pessoas que governaram o estado durante o período colonial e do império (Quadro 1).

Denominação popular	Denominação oficial	Referência
Avenida 1	Rua Presidente Quaresma	João Quaresma Torrão
Avenida 2	Rua Presidente Bandeira	João Capistrano Bandeira de Melo
Avenida 3	Rua Presidente José Bento	José Bento da Cunha Figueiredo
Avenida 4	Rua Presidente Sarmiento	Cassimiro José de Moraes Sarmiento
Avenida 5	Rua Presidente Leão Veloso	Pedro Leão Veloso
Avenida 6	Rua dos Canindés	Índios Canindés
Avenida 7	Rua dos Caicós	Índios Caicós
Avenida 8	Rua dos Pajeús	Índios Pajeús
Avenida 9	Avenida Coronel Estevam	Estevam José Barbosa de Moura

---

Avenida 10	Rua Leonel Leite	Leonel Leite
Avenida 11	Avenida Manoel Miranda	Manoel Tavares da Costa Miranda
Avenida 12	Rua dos Paiatis	Índios Paiatis

---

**Quadro 1** - Referências das avenidas atingidas pelo Plano Palumbo no bairro do Alecrim.  
**Fonte:** Carvalho (2004) e pesquisa de campo.

As avenidas 9 e 11 receberam outras denominações, enquanto a rua Leonel Leite, que se chamava rua dos Paianazes, em homenagem aos índios da tribo Paianazes, tem esse nome em homenagem ao proprietário da Casa Leite Importadora de Ferragens LTDA que, durante muitos anos, funcionou no famoso edifício Leite, localizado na avenida presidente Bandeira. Os populares dizem ainda que a avenida Manoel Miranda era conhecida também como rua dos Espinhares, devido à enorme quantidade de espinha de peixe deixada pelos gatos no final da feira.

Torna-se ainda difícil deixar de referir-se às ruas do bairro pelo número. Os jovens, os meios de comunicação da cidade e até o poder público ainda utilizam a antiga denominação quando se remetem àquelas vias.

O conteúdo cultural inserido nestas vias resistiu aos vários serviços que se enquadravam como uma das medidas implantadas para atender ao crescimento da população que vivia no e do Alecrim, principalmente influenciada pelo comércio e pelos meios de transporte verificados no bairro, despontando como outras particularidades do Alecrim.

#### 3.3.4 O sistema de transporte no bairro

Uma outra característica importante do bairro ligada novamente à sua localização geográfica, e que retrata muito bem a dinâmica exercida atualmente nas

suas ruas, é o transporte público, representado, principalmente, pelos bondes, carros de aluguel, e, mais recentemente, pelos ônibus urbanos. Este serviço era fundamental no transporte do usuário que pretendia se deslocar do Alecrim para qualquer parte da cidade ou até mesmo para algumas localidades no interior do estado ou fora dele.

Segundo Souza (2001), o primeiro transporte coletivo organizado e que circulava com certa frequência foi executado pelos bondes. Contudo, inicialmente, este serviço somente era disponível nos bairros de Cidade Alta e Ribeira. No primeiro ano após a criação do bairro, os bondinhos já começaram a circular no Alecrim, porém, foi somente em 1926, no governo de José Augusto Bezerra de Medeiros, que a quantidade de usuários e bondes mostrou-se considerável.

Existiam 15 bondes circulando e fazendo o transporte em toda a cidade numa velocidade que girava em torno de 20 km/h, este era o principal meio de transporte público da cidade até os anos 1940 (SOUZA, 2001).

Com a influência de Natal no segundo conflito mundial, acarretando o crescimento acelerado da população da cidade, algumas empresas de ônibus surgiram para suprir a deficiência proporcionada pelo serviço de transporte de bonde na cidade, pois os mesmos não estavam dando mais conta das novas comunidades que surgiam e, principalmente, do número de pessoas que precisavam se deslocar em Natal. Foi então que, em 1946, por meio de uma Portaria da prefeitura da cidade, que o tráfego de ônibus foi regulamentado em Natal. Eram as jardineiras e Marinetes.

Os primeiros transportes coletivos, depois dos bondes, eram precários e a população os batizou com os nomes de: Jardineiras e Marinetes, pequenos ônibus, baixinhos e do tamanho dos atuais Alternativos (CARVALHO, 2004, p. 64).



Porém, naquela época, existia também uma espécie de transporte opcional bastante utilizado pela população que passava pelo Alecrim. Era o chamado Carro de Aluguel, que poderia ser comparado a um táxi, surgido em pleno período da Segunda Guerra Mundial, implantando a primeira praça de táxi na cidade. Isso quer dizer que o ponto de táxi localizado na avenida Presidente Bandeira, próximo da praça Gentil Ferreira, já detém mais de meio século de existência.

Segundo depoimentos de alguns antigos moradores do bairro, o transporte dos Carros de Aluguel era bem mais acessível do que hoje em dia, por isso, a popularidade deste tipo de veículo que circulava nas ruas da cidade, algumas destas ainda sem calçamento e, por isso, de difícil acesso. Era um período importante para a expansão urbana da cidade e, em particular, do Alecrim.

A grosso modo, pode-se dizer que a malha viária de Natal é o reflexo de sua expansão urbana, marcada pela presença de barreiras naturais como as dunas e o estuário do Potengi/Jundiaí. Estas barreiras são condicionantes do crescimento da cidade, caracterizado por vias radiocêntricas, através dos corredores convergentes para o centro, abrangendo os bairros do Alecrim, Cidade Alta, Ribeira e Rocas.

Exemplo disso é a oferta de linhas de ônibus urbano disponível atualmente no bairro, situação que supera qualquer trecho da cidade, sendo possível encontrar, nas suas ruas, 47 opções de trajetos (53% de todas as linhas existentes na cidade), proporcionando, principalmente, o fluxo de comerciantes e trabalhadores que transitam por este bairro popular de Natal (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).

A atuação do enorme fluxo do transporte urbano nas ruas do bairro, juntamente com outros elementos assentados no mesmo, fez com que o serviço não desenvolvesse. As questões de ordem viária na criação das ruas e avenidas no Alecrim e seu papel para a população, perpassam pelo quadro de desorganização e tumulto como uma das principais pautas da questão urbana no bairro. Esta situação sinaliza para a discussão acerca de um serviço historicamente absorvido pela sociedade e pelas unidades produtivas de Natal.

Deste modo, ressaltamos a importância do transporte público para a operação do desenvolvimento da cidade e, em particular, do Alecrim, tendo em vista que os serviços que este produz são absorvidos pela sociedade e pelas unidades produtivas. Sendo assim, surge a questão: como a sua função dentro do cenário urbano natalense devem ser pautadas como fatores preponderantes na construção do conteúdo socioespacial do bairro?

#### *3.3.4 A atividade comercial: uma ligação íntima com o Alecrim*

Sabemos que o comércio, no conjunto das atividades econômicas e sua relação com a ocupação de trabalhadores urbanos, é um tema um tanto polêmico. Mesmo assim, entender o bairro do Alecrim sem tecer considerações sobre a atividade comercial daquele espaço seria um pecado que não poderíamos cometer. Ainda mais que a flexibilidade da localização intra-urbana do comércio e dos serviços, juntamente com a rapidez dos sistemas de comunicação, têm posto o setor terciário como um veículo modelador do tecido urbano natalense.

Como podemos perceber, o crescimento populacional do Alecrim ocorreu paralelamente à expansão urbana de Natal, mesmo sendo claramente perceptível o

diferente esboço socioespacial, a partir do qual o bairro tomava frente aos outros espaços natalenses.

Ao longo desse período, ocorreram diversos fatores que contribuíram para o processo de expansão do Alecrim, sendo estes fundamentais para dotar o espaço de peculiaridades que o diferenciam dos demais bairros da cidade, principalmente com relação às funções que o mesmo vem desempenhando ao longo de sua história e que ainda permanecem fortes atualmente.

O recebimento de milhares de retirantes fugidos da seca e a instalação da Base Naval durante o período áureo da Segunda Guerra Mundial foram alguns fatores que trouxeram este perfil ao bairro. Contudo, a atividade comercial proporcionou (e ainda proporciona) um embate bastante representativo na dinâmica socioespacial da cidade de Natal.

O comércio do Alecrim, cartão postal do bairro, é considerado a maior concentração de estabelecimentos e de pessoas envolvidas na atividade comercial em todo o Rio Grande do Norte. É bastante comum encontrar pessoas oriundas de diversas cidades do estado comprando nas lojas e camelôs do Alecrim. No entanto, tudo teve seu início na feira popular fielmente presente aos sábados no percurso da avenida Presidente Quaresma e áreas adjacentes, basicamente entre as avenidas Coronel Estevam e Interventor Mário Câmara.

Segundo Souza (2001, p. 527), “A feira é uma instituição burguesa, criada na idade média, por volta dos séculos XI e XII. Existiu em toda a Europa e foi trazida pelos colonizadores portugueses para a então Brasil-Colônia”. A tradição na organização da feira é uma marca da cultura das pequenas cidades do interior

nordestino que ainda resistem às forças adversas do produto global, representado pelas grandes redes de supermercados instalados nos grandes centros brasileiros<sup>20</sup>.

O caso da feira do Alecrim mostra-se bastante particular. Autores e antigos moradores do bairro dizem que a feira foi criada através de uma conversa informal entre populares da área. Carvalho (2004, p. 33) revela:

[...] os comerciantes João Ferreira de Andrade, Francisco das Chagas Dantas se reuniram no prédio da esquina da Av. Presidente Quaresma (Av.1) com a Coronel Estevam (Av. 9) e resolveram criar uma feira livre para o bairro que estava em fase de desenvolvimento.

A feira do Alecrim vem sempre crescendo e se diversificando na venda de produtos como: carnes, legumes, frutas, produtos hortifrutigranjeiros, como também, utilidades domésticas e vestuário. A feira de hoje pouco lembra os seus primórdios nos meados dos anos vinte do século passado. Este espaço comercial vem resistindo à concorrência e à febre dos supermercados, *shoppings* e hipermercados, surgidos a partir da década de 1980 e difundidos por toda parte da cidade (NASCIMENTO, 2003).

Inicialmente, a feira ocorria aos domingos, era distribuída entre a rua Amaro Barreto até a avenida Coronel Estevam, local denominado popularmente de mangueirinha, devido a uma grande árvore frutífera que servia de abrigo do sol para os feirantes. Contudo, com o crescimento desenfreado da população após o segundo conflito mundial, a feira foi transferida, tomando conta, todos os sábados, de grande parte da avenida Presidente Quaresma, atraindo todos os tipos de consumidores, sendo esta também, termômetro dos preços dos produtos comercializados em Natal. A feira do Alecrim deixou cicatrizes na vivência da sua fiel

---

<sup>20</sup> Uma importante indicação no estudo da feira no país vem do trabalho de Pazera Júnior (2003) que

clientela, que sempre tem uma história para contar nas visitas de todos os sábados.

Em uma crônica sobre a feira do Alecrim, Umberto Peregrino<sup>21</sup> coloca:

Eis a feira do Alecrim, minha gente viva e ativa, pobre e hábil, com a habilidade ilude a pobreza, enquanto não deixa de ser iludida, ela própria, pelos dominadores seculares, agora assustados, a vista dos tempos novos, chegando, chegando, melhores e justos. Feira do Alecrim, convocada, neste sábado, para te mostrar, minha amada, o comer do povo, se vestir, seu cantar, as redes do seu sonhar, as graças do seu falar, as marcas de suas penas, as artes das suas mãos, o poder do seu suor (PEREGRINO, 1989, p. 210).

A feira ainda é a forma de comércio onde a população viabiliza o seu consumo. Quer pela quantidade dos produtos oferecidos, seja pela qualidade dos mesmos ou por sua duração. Por conta da não existência de uma estrutura para estocar as sobras da feira, os comerciantes são forçados a baixar os preços dos produtos ao se aproximar o fim da mesma.

Outro marco importante que trilhou o perfil comercial adquirido pelo bairro é o Mercado Público do Alecrim, criado no dia 10 de novembro de 1938, pelo então prefeito Gentil Ferreira de Souza. Segundo Carvalho (2004, p. 38, grifo do autor), durante o ato de inauguração:

[...] o Prefeito pronunciou um discurso mostrando a importância da obra inaugurada, porque a população alecrinense não podia viver com uma feira permanente ao redor da Mangueira, com um amontoado de quiosque, bares cobertos de lona velha, parede feita de lata, que ornamentava a principal Rodoviária improvisada da “Mangueira”.

---

estudou a feira de Itabaiana, no estado da Paraíba, em sua tese de doutoramento.

<sup>21</sup> Umberto Peregrino nasceu no dia 3 de novembro de 1911, na cidade de Natal, e é autor de diversos livros. Atualmente, faz parte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL, 2005).

O então mercado disponibilizava de 102 boxes para venda de peixes e carnes. O mesmo autor revela ainda que, após o incêndio do mercado localizado no bairro de Cidade Alta, em janeiro de 1967, e a demolição do antigo mercado do Alecrim, um novo foi construído em setembro de 1970, na esquina da avenida Presidente Sarmiento com a rua dos Canindés.

Este Mercado foi construído com a finalidade de receber os locatários do Mercado do Alecrim que foi demolido em 1972 para a ampliação da nova Praça Gentil Ferreira. Hoje, o Mercado chama-se 'Mercado Público do Alecrim, Antônio Carneiro', em homenagem ao ex proprietário do terreno (CAVALHO, 2004, p. 38, grifo do autor).

Atualmente, o mercado do Alecrim está abandonado, somente os clientes mais antigos são os que ainda freqüentam aquele espaço, como afirma o Seu Alcino Medeiros: *“[...] antes era um excelente mercado. Era bom até demais. Chegava lá, não dava nem tempo de abrir os pacotes que tudo já era vendido. Hoje estamos aqui, como um chiqueiro. A imundice... Hoje estou aqui porque não tenho para onde ir. Pra começar, naquele tempo não existia supermercado. Só o que existia era o de Zé Bezerra, na 9, aí tinha a cantina de Manoel Protásio, outra de Gabriela, só! Hoje cheio de supermercado, estamos aqui pra não ficar em casa. Mesmo assim, tem gente que vem comprar. Pouquinho, gente nossa. É melhor do que ficar em casa”* (informação verbal)<sup>22</sup>.

Dona Josefa Soares revela que as coisas mudaram muito, pra pior, desde quando começou a comercializar frutas no mercado antigo até hoje no novo. Mesmo com estes problemas, ela considera o Alecrim o melhor bairro de se viver na cidade: *“Ainda tem gente aqui que veio do outro mercado. O turista quando chega, balança a cabeça e sai. Faz uns 35 anos que estamos por aqui. Quando o Nordeste*

*chegou, nós já estávamos [...] Cheguei em 1953 no bairro... Trabalhei nas casas Golias. Para mim, o melhor bairro de se morar na cidade é o Alecrim. É perto de tudo. Estamos em cima de tudo. Para zona Norte, zona Sul. O problema é a limpeza” (informação verbal)<sup>23</sup>.*

Um outro ponto comercial conhecido do bairro foi o café-bar O Quitandinha, construído no ano de 1938, em frente ao primeiro mercado público do bairro. Este estabelecimento era o local que inúmeras pessoas, dentre comerciantes, viajantes e a população em geral, iam tomar uma cerveja, fazer um lanche ou beber um simples cafezinho (SOUZA, 2001).

Esse bar era um referencial do Alecrim e funcionava 24 horas por dia, recebendo um número considerável de viajantes vindos principalmente do interior. Dizem os mais antigos que, no local, eram realizados shows e comícios políticos famosíssimos que juntavam pessoas de toda parte. Segundo Carvalho (2004, p. 41):

Na parte superior do bar ficavam a observar o movimento do Centro do Alecrim. Durante a campanha política era usado para a realização de grandes comícios. Vários políticos passaram pelo Quitandinha, como o Presidente João Goulart que inaugurou a chegada da energia elétrica aqui no Rio Grande do Norte no dia 31 de dezembro de 1961. Outro Presidente João Café Filho, além de políticos do Estado, como Dinarte Mariz, Aluísio Alves e muitos outros.

O Quitandinha foi demolido juntamente com o mercado público para a ampliação da praça Gentil Ferreira. Um novo O Quitandinha foi construído no interior da praça, mas sem a tradição boêmia do antigo bar. A partir dos últimos 25 anos, percebeu-se que a instalação de novos atributos urbanos foi diligenciada em diversas áreas da cidade e, em especial, no trecho Sul, muitos destes destinados à

---

<sup>22</sup> Seu Alcino Medeiros (82 anos) comercializa artigos de limpeza e alimentação no Mercado Novo.

<sup>23</sup> Dona Josefa Soares (76 anos) é vendedora de furtas e verduras do Mercado.

promoção de Natal no cenário nacional e internacional, colocando a atividade turística como a grande impulsionadora deste fenômeno.

A descaracterização de diversos trechos da cidade de Natal tornou-se evidente perante o emprego de algumas políticas como, por exemplo, de habitação, sendo motivo para perda das funcionalidades de algumas das áreas tradicionais da capital.

Os bairros de Cidade Alta e Alecrim foram conhecidos tradicionalmente por abrigarem os principais focos da atividade comercial da cidade. O que os diferenciava era, principalmente, a estratificação socioeconômica de sua clientela. Segundo Gomes, Silva e Silva (2002, p. 299, grifo do autor):

A Cidade Alta era o espaço de consumo preferido da classe mais abastada e o Alecrim, da classe mais pobre. Com o surgimento do supermercado Hiper Bompreço na década de 80, a atividade terciária na Cidade Alta começou a passar por um processo de retração, sendo este consolidado com o surgimento dos *shoppings*.

Seguindo a mesma reflexão, percebeu-se que a nova estrutura espacial do terciário posta no Alecrim seguiu efeitos diferentes do bairro mais antigo (Cidade Alta). Além de oferecer produtos com preços mais populares, o comércio no bairro vem atender toda a classe social da cidade. Nesse sentido, nos prendemos a uma outra explicação para esta característica própria da vida urbana no Alecrim: o elevado adensamento populacional presente no bairro, situação que não vem sofrendo grandes variações durante a história da cidade.

Nos dias atuais, percebemos que o setor informal<sup>24</sup> é o grande atrativo do comércio do Alecrim, este tendo proporcionado grandes transformações

---

<sup>24</sup> O termo setor informal foi cunhado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e utilizado pela primeira vez nos relatórios sobre Gana e Quênia, elaborados no âmbito do Programa Mundial de Emprego,



socioespaciais ao bairro, sendo algumas não muito desejadas. De fato, a presença do terciário no bairro tem trazido alguns graves problemas para os que transitam por suas ruas. A desorganização, por parte dos órgãos públicos para com os comerciantes, trouxeram o encadeamento de complicações urbanas como, por exemplo, a desordem no sistema de trânsito local, observada na falta de estacionamentos para os veículos e nos freqüentes acidentes registrados nas suas ruas, estes causados, basicamente, pelas irregularidades das barracas que ocupam áreas impróprias para a prática do comércio, ou seja, as ruas e calçadas, esgotando o espaço dos pedestres e veículos que circulam no bairro.

O enorme número destes comerciantes encontrados fixos ou em movimento pelas ruas tem trazido alguns problemas para os que trabalham na legalidade. Baseados na opinião de alguns consumidores que compram nas lojas do comércio do bairro, observamos que a confusão seguida da desorganização proporcionada pelos ambulantes tem dificultado o acesso dos consumidores a esses estabelecimentos. Mesmo já existindo uma área destinada a abrigar a maior parte dos que trabalham no setor informal (camelódromo), uma grande quantidade destas bancas improvisadas ainda permanece espalhada pelas calçadas e ruas do bairro (Figura 9).

---

em 1972. Posteriormente, outros termos passaram a ser utilizados para identificar as ocupações informais, como setor não-estruturado, setor não-organizado, ou setor não-protegido, revelando a existência de divergências conceituais para a definição dessas ocupações. Uma outra definição do setor informal é que é um conjunto de atividades geradoras de renda desregulamentadas pelo Estado em ambientes sociais em que atividades similares são regulamentadas (ROCHA, 2001).



**Figura 9** - Cruzamento das avenidas Coronel Estevam com Presidente Bandeira: área de concentração comercial no bairro do Alecrim.

**Fonte:** Josué Alencar Bezerra, dez. 2003.

A criação dos camelódromos do Alecrim e do Centro Comercial da Cidade Alta, em 1997, durante a gestão da prefeita Wilma de Faria, não veio resolver a questão da presença dos camelôs nas calçadas da cidade. A obra causou muita discussão entre o poder público e a população da cidade, pois sua localização e a forma como foi construída trouxeram profundas implicações socioespaciais para o bairro do Alecrim. No final, percebemos que a iniciativa não alcançou os resultados almejados.

Enquanto vários boxes do Shopping Popular da Cidade Alta permaneciam fechados, ambulantes migraram para trabalhar nas ruas da Cidade Alta e, principalmente, do Alecrim. Mesmo com todos os boxes do Shopping de Pequenos Negócios do Alecrim estando em funcionamento, as calçadas continuam invadidas por barracas e carrinhos que vendem de tudo: CD's, DVD's, roupas, mini-eletrônicos, capa de celular e até ventiladores, o que dificulta a passagem dos pedestres e dá ao centro comercial do bairro uma imagem de desorganização.

O setor formal<sup>25</sup>, amplamente presente no bairro, instala inúmeras lojas voltadas para a venda de produtos e para a prestação de serviços em vários ramos do comércio, proporcionando, assim, a elaboração do perfil dinâmico da espacialidade no Alecrim.

No bairro, são encontradas diversas ruas especializadas no comércio de determinados produtos, como a rua Dr. Luiz Dutra, especializada no comércio de ferramentas e insumos para o campo, o extremo Norte da avenida Presidente José Bento, pela venda de equipamentos de som e imagem, e um pequeno trecho da avenida Manoel Miranda, responsável pela venda de peças de reposição para automóveis, oferecendo também uma grande quantidade de lojas especializadas no comércio de tintas. De um lado, esta situação favorece ao consumidor que procura o serviço ou produto desejado em uma única área da cidade, por outro, favorece a prática de cartel por parte dos comerciantes.

A ligação do Alecrim com o comércio popular prova que a presença maciça deste setor faz emergir a grande popularidade adquirida ao longo do tempo no bairro, movida pelo grande fluxo de pessoas que transitam pelas suas ruas, vindas de toda parte do estado.

Segundo Cunha (1982), este é o bairro do povão, tendo em vista a disputa dos comerciantes pelo freguês, oferecendo suas mercadorias através do grito, situação que ocasiona um desconforto tanto para os moradores quanto para quem trafega pela área comercial do bairro. Esse aspecto popular é uma demonstração viva da atração que o bairro exerce sobre um tipo de população que termina por caracterizá-lo.

---

<sup>25</sup> Entre inúmeras definições de setor informal, decidimos trabalhar com Mathias (1985, p. 5), que revela ser “[...] as atividades protegidas pela legislação trabalhista”.

Como já dissemos, a atividade comercial no Alecrim vem resistindo aos atrativos dos grandes magazines construídos em toda a cidade, e esta oposição também tem sido uma forte característica desde sua origem, no momento que abrigou grande parte dos moradores da cidade e que estes o transformaram em um bairro residencial, apesar de, nas últimas décadas, as antigas casas de moradia terem sido cedidas para dar lugar a alguns estabelecimentos comerciais. Este fator foi influenciado também pela mudança acelerada no tipo de uso do solo na cidade, nos últimos anos, e o Alecrim foi, de certa maneira, uma vítima deste processo.

Esta situação reforçou a prática de um estilo de vida das pessoas que persistiram em morar no Alecrim, pois, apesar de tudo, criaram afinidade com o bairro e, às vezes, por uma questão de necessidade, optaram em viver em uma das muitas vilas que existem no bairro.

### *3.3.5 As vilas: um estilo próprio de se viver no bairro*

O rápido crescimento da população natalense após a Segunda Guerra Mundial reforçou ainda mais a pressão do poder público em implementar investimentos na infra-estrutura da cidade para acompanhar este ritmo. A questão da moradia era o ponto visto como prioridade, principalmente, para o Governo Federal, pois, como ocorria em Natal, a população que vivia nas cidades estava também aumentando rapidamente, dando margem para a criação de alguns programas para amenizar esta situação.

O Subprograma de Desenvolvimento Institucional Habitar Brasil (SDIHB), financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e desenvolvido pela Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (2001, p. 21) revela que:

A crise econômica conduziu a deterioração das condições de vida de importantes segmentos da população e exige uma ação eficaz como forma de se evitar uma maior regressão social. Frente a esta situação, cabe aos órgãos governamentais e a sociedade como um todo colocar alternativas que ultrapassem o campo das intenções e dos diagnósticos pessimistas, propondo soluções que estejam fundamentadas teoricamente e se apoiem, além disso, na análise dos êxitos e fracassos do passado.

A política de habitação tomou força na cidade quando o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Sistema Financeiro da Habitação (SFH) surgiram em Natal, em 1964, promovendo o acesso à moradia para grande parte desta população que surgia na cidade<sup>26</sup>. A construção de casas populares, através da Companhia de Habitação Popular do Rio Grande do Norte (COHAB-RN) e da Caixa Econômica Federal (CEF), destinadas à população de baixa renda, proporcionou a expansão urbana segregadora em algumas áreas de Natal. O Alecrim participou deste processo recebendo alguns conjuntos habitacionais em seu perímetro, o maior deles seria o da Marinha, com 75 casas (332 moradores), seguido pelo da CEF, abrigando 45 casas (303 pessoas) e, por fim, o conjunto Santa Maria, compreendendo 26 habitações (117 habitantes) (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).

O processo de urbanização de Natal, ocorrido não muito diferente das demais cidades brasileiras, foi intercalado por fatores comuns aos outros centros brasileiros, como no desenvolvimento da atividade industrial, no incremento da infraestrutura de serviços, como já dissemos na política nacional de habitação e, em algumas cidades, na presença de grandes estatais, como a PETROBRAS. Estes fatores, frente ao movimento migratório no sentido campo-cidade, intensificado a

---

<sup>26</sup> Até o surgimento do BNH e da SFH, existiam somente 34 mil habitações na cidade. No início da década de 1980, esse número já ultrapassava os 100 mil. Atualmente, Natal possui 117 conjuntos habitacionais,

partir da segunda metade do século passado, consumaram mais ainda o poder da cidade frente ao campo.

Remetendo-nos ao processo da política de habitação em Natal, podemos dizer que foi somente a partir do final da década de 1960 e do início dos anos 1970 que o cenário urbano iria empregar a construção dos grandes conjuntos habitacionais na cidade, construídos pela política nacional de habitação - o primeiro deles seria a Cidade da Esperança, dando origem a um grandioso bairro que, atualmente, possui mais de vinte mil habitantes e está localizado na zona Oeste da cidade de Natal (SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, 2003).

A localização destes conjuntos no espaço urbano gerou grandes vazios na cidade, provocando a interrupção do crescimento contínuo do seu espaço urbano. Em decorrência destas políticas habitacionais, percebeu-se a mudança da funcionalidade da área central da cidade, principalmente no que diz respeito à Cidade Alta e o que se pensava que iria ocorrer também no Alecrim.

A Cidade Alta sofreu uma perda considerável de habitantes que foram seduzidos pelas vantagens oferecidas pelos conjuntos habitacionais caracterizados principalmente por casas maiores e bem confortáveis com um preço próximo da realidade dos moradores do bairro.

Diferentemente do que ocorreu com a Cidade Alta, o Alecrim adaptou-se às fortes transformações socioespaciais verificadas na cidade, não comprometendo a característica residencial, adquirida desde sua ocupação. A grande quantidade de vilas é um retrato da resistência à expansão urbana, trilhada, principalmente, na zona Sul da cidade, movida pela construção de grandes conjuntos habitacionais,

como Candelária, Mirassol, Neópolis e Cidade Satélite. As vilas do Alecrim mantêm-se em contraponto com o avanço do comércio imobiliário enfrentado há 30 anos em Natal.

Com o acentuado crescimento urbano, os espaços segregados pelas elites, a angústia gerada pela violência urbana e o crescente processo de verticalização, observado principalmente nas últimas décadas, dentre outros fatores, surge o isolamento, a indiferença e o estranhamento entre as pessoas, situação praticamente inexistente no cotidiano destes pequenos meios de moradia.

Sobre as vilas, Castells (1983, p. 131, grifo do autor) diz ser um:

[...] agrupamento de habitações às quais está associada uma atividade e que constitui, no sentido próprio do termo, uma comunidade quer dizer “a extensão espacial concreta que representa a esfera viva da vida de cada um” onde encontramos, por exemplo, equipamentos coletivos comuns e onde o espaço está na escala do pedestre.

No entender da prefeitura municipal de Natal, as vilas seriam um conjunto de casas organizadas contiguamente destinadas para habitação, estas seriam “[...] caracterizadas por sua implantação encravada no interior de quarteirões, ou no fundo dos quintais, possuindo um acesso que é feito por uma das laterais do lote”. (SECRETARIA MUNICIPAL DE TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2001, p. 28).

De acordo com a prefeitura municipal:

Uma vila apresenta no mínimo, 03 (três) casas iguais ou semelhantes, geminadas dos dois lados, na maioria com um acesso comum que é uma vila de veículos ou pedestres nunca superior a 3,00m, ou inferior a 1,00m, a qual articula-se em um único ponto com uma única via de circulação existente. De acordo com o Plano Diretor (Lei Complementar n.º 7/94) as vilas de Interesse Social refere-se ao "conjunto de casas contíguas no mesmo lote, destinadas predominantemente à habitação de aluguel, caracterizada pela

implantação encravada no interior dos quarteirões ou no fundo dos quintais". Normalmente, a casa, voltada para a via de circulação, é do proprietário de toda a vila, que constrói, no interior do seu terreno, um conjunto de casas contíguas com um único vão e um banheiro coletivo (SECRETARIA MUNICIPAL DE TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2001, p. 29, grifo do autor).

Escondidas em meio ao vai-e-vem das pessoas, as vilas são encaradas como fatores para que o Alecrim continue constituindo-se como um bairro residencial, representado, atualmente, segundo a fonte supracitada, por um conjunto de 270 vilas, o que corresponde a 49,7% do total da região administrativa Leste e 12,2% de Natal, segunda maior concentração deste tipo de moradia da cidade<sup>27</sup>.

Sobre o surgimento das vilas no Alecrim, Furtado (2004, p. 12) revela que:

A década de 1960 para o bairro foi decisiva, no tocante à ocupação total de sua área. Nessa fase houve uma grande incidência de escrituras de desdobramentos de lotes e de compra e venda de casas, nas mais diversas localidades do bairro. Isso permitiu o surgimento de uma enorme quantidade de vilas e travessas, dando ao Alecrim um aspecto bem peculiar e característico de áreas densamente povoadas.

As vilas mais antigas do bairro dão guarida a famílias que se estruturaram nas habitações apertadas com certa falta de privacidade, embora acreditem que, neste espaço, seja possível a convivência e a formação de uma grande família entre todos os moradores.

---

<sup>27</sup> Segundo a Secretaria Especial de Meio Ambiente e Urbanismo (2003), o bairro das Quintas é o que detêm o maior número de vilas na cidade de Natal, com um total de 295 vilas. Na cidade, são contabilizadas 2.217 destas unidades habitacionais que abrigam uma população estimada em 40.394 habitantes (5,6% de todos os habitantes de Natal). Somente no ano de 1993, por meio de estudos que subsidiaram a elaboração do Plano Diretor, é que se obteve informações sobre essa forma de moradia, não se tendo registro de nenhuma iniciativa de intervenção pública, no sentido de reduzir a precariedade desse tipo de assentamento.



Independente das condições habitacionais, existe uma identificação do morador com esse espaço, onde ele desenvolve a sua sociabilidade, adquirida com o passar do tempo. Apesar de ser conhecido por muitos como *locus* de insegurança, as vilas são consideradas, para grande parte de seus moradores, como um espaço onde o cotidiano entre os vizinhos é baseado entre a auto-ajuda e a cooperação, ou seja, o assistencialismo, o que faz com que muitos optem em continuar morando neste tipo de residência, mesmo tendo a possibilidade de viver numa casa um pouco melhor, porém, longe das áreas mais providas de equipamentos e serviços, como é o caso do Alecrim. Tecendo considerações sobre as funções das vilas, Bonduki (1998, p. 60, grifo do autor)<sup>28</sup> ressalta que:

A abertura de uma viela de penetração para aproveitar o miolo dos quarteirões foi uma característica comum dos empreendimentos rentistas, dos cortiços às vilas destinadas à classe média. Criava-se, assim, um espaço de circulação semipúblico envolvido por fileiras de casas “porta-e-janela”, onde se desenvolveriam atividades coletivas: brincadeiras de criança, área de lavar e secar roupas, rodas de cantorias e bate-papo, festas de São João. As reduzidas dimensões das moradias e a identidade étnica reforçavam a sociedade e o uso deste espaço público.

É assim que vimos o Alecrim, um bairro eminentemente comercial, mas com características originais de abrigo e disseminação de população. Os órgãos oficiais mostram, por meio dos seus dados, que o Alecrim é um espaço com uma grande massa de habitantes, com uma população superior a 92,8% de todas as cidades existentes no Rio Grande do Norte, o que reafirma a sua herança histórica baseada em características populares de forte cotidianidade e aparato residencial (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000).

---

<sup>28</sup> Sobre a noção de vilas, aconselhamos consultar também Blay (1985) e Vaz (2002).

### 3.3.6 Os incrementos religiosos do bairro do Alecrim

O bairro do Alecrim tem uma forte ligação histórica com a religiosidade representada na instalação de igrejas, capelas, cemitérios ou conventos eclesiásticos, os quais tiveram uma participação importante na expansão urbana do bairro. E isso é uma característica da formação de muitas cidades brasileiras que, a exemplo de Natal, receberam estas edificações inicialmente pela igreja católica a fim de garantir aos portugueses um papel preponderante para a expansão urbana colonial.

No Alecrim, esta intencionalidade foi utilizada desde quando o cemitério passou a ser o primeiro espaço reservado à cultura da adoração religiosa na área, sendo construído meio século antes da criação do bairro.

A construção do cemitério também era justificada quando se percebeu que a cidade de Natal ainda não possuía um lugar onde os cadáveres fossem enterrados, portanto, os enterros eram realizados nas igrejas ou em volta delas. Em 11 de abril de 1855, o presidente Antônio Bernados de Passos, sob a Resolução nº. 323, autorizou a construção do primeiro cemitério público da cidade no terreno que mais tarde seria preenchido pelo bairro do Alecrim (CASCUDO, 1999).

A construção da principal igreja do bairro teve início cinco anos após a fundação do Alecrim, sob a regência do Monsenhor Alfredo Pegado Cortez, que adotou São Pedro Apóstolo<sup>29</sup> como padroeiro daquela paróquia, em 28 de novembro de 1916. Porém, somente com a visita do bispo da cidade, Dom Antônio dos Santos Cabral, que nomeou o padre Fernando Nolte como pároco da igreja, foi que o templo tomou o formato semelhante ao atual (CASCUDO, 1999).

---

<sup>29</sup> A Bíblia (1980) testifica que Pedro era um pescador (Mt. 4:18) e o principal dos doze apóstolos de Jesus, (Mt.10:2); No tempo de dúvida e confusão, declara abertamente que Jesus é o Cristo (Mt. 16:16).

Como era de costume na época, tanto o governo quanto a população católica do bairro ajudaram na construção da igreja e, em 29 de junho de 1919<sup>30</sup>, dia consagrado ao Apóstolo Pedro no calendário cristão, Monsenhor Alfredo Pegado Cortez proferiu a primeira bênção da igreja (Figura 10).



**Figura 10** - Igreja de São Pedro em vários momentos: missa campal em 1916 (1); desenrolar de sua construção em 1918 (2); primeiras décadas do século passado (3); a estrutura da igreja atualmente (4).

**Fonte:** Souza (2001) e Josenardo Alencar Bezerra, mar. 2003.

Cascudo (1999) destaca ainda que, ao lado de onde se encontra hoje a praça Pedro II, foi que se deu início à povoação do Alecrim, marcada tipicamente por pequenas casas feitas de taipa. Naquele tempo, o Alecrim era apenas uma capoeira. Alguns anos após a construção da igreja de São Pedro, capelas foram surgindo pelo bairro a fim de assessorar a paróquia, mas, em 19 de março de 1935, uma destas

<sup>30</sup> Sob Decreto Episcopal de 15 de agosto de 1919, a paróquia de São Pedro Apóstolo havia de ser criada oficialmente, tendo, assim, São Pedro como padroeiro da população alecrinense (CASCUDO, 1999).

capelas haveria de emancipar-se, sendo uma igreja independente. A Igreja de São José foi construída entre duas vias que cortavam o bairro: a Gred Western, que levava ao município de Nova Cruz e, do outro lado, a Estrada de Ferro do Rio Grande do Norte.

Posteriormente, outros templos vieram a ser construídos no bairro, o que impulsionou ainda mais a ocupação do espaço urbano alecrinense: a igreja de São Sebastião, criada em 1949, e a capela de Nossa Senhora da Conceição, em 1956, dentre outras (CARVALHO, 2004).

Quando a capela de Nossa Senhora da Conceição foi criada, o prefeito Wilson de Oliveira Miranda baixou a Portaria N<sup>o</sup>. 349, criando o bairro da Conceição, todavia, a criação foi reclamada pela população que conseguiu que a área voltasse a pertencer ao Alecrim sob a legislação seguinte (CARVALHO, 2004).

As casas maiores, nas quais residiam as elites do bairro, encontravam-se ao lado das igrejas, enquanto as casas mais humildes ficavam mais distantes. O que mostra a influência da igreja católica na formação do bairro.

A influência da igreja no bairro proporcionou a criação de instituições tradicionais de ensino na cidade. Estes colégios religiosos tiveram, de certa forma, uma participação na formação do bairro. O tradicional Colégio Nossa Senhora das Neves, instalado ao lado da igreja de São Pedro, em 1932, e o Instituto Sagrada Família, localizado desde 1954 na avenida Coronel Estevam, são referências de ensino para a população natalense.

No bairro, pode ser encontrado também o maior templo da igreja evangélica Assembléia de Deus do Rio Grande do Norte. Este prédio fica localizado na avenida Manoel Miranda, quase em frente à praça Gentil Ferreira, e simboliza a enorme influência religiosa dos moradores do bairro.

O patrimônio religioso impregnado no bairro mostra-se como um conjunto de edificações importantes para a formação do espaço urbano alecrinense, que ainda hoje alimenta um conjunto de tradições herdadas por grande parte da sociedade natalense.

Sabemos que deixamos de pautar outros empreendimentos importantes para o bairro como, por exemplo, os vários cinemas e teatros que trouxeram à tona a memória daquele bairro, além do clube de futebol do bairro, campeão várias vezes do certame estadual. Mas, como já dissemos, não é nosso objetivo traçar detalhadamente todos os momentos percorridos durante a vida do bairro.

No Alecrim, a apropriação destes fatos concretos incorporou costumes ao cotidiano dos moradores e freqüentadores do espaço alecrinense. O conjunto destas discussões verificadas até aqui serviram para sanear os problemas que tivemos para o entendimento do bairro do Alecrim.

## 4 ALECRIM: A REAFIRMAÇÃO DO BAIRRO

*Estamos ligados a este lugar pelas lembranças...  
É pessoal, isto não interessaria a ninguém [...] é  
esse o bairro do Alecrim.*

*Morador do bairro (desconhecido)*

A abundância de elementos geo-históricos que explicam a produção do espaço alecrinense incorpora o íntimo da vida cotidiana dos seus habitantes. A relação de pertencimento ao bairro sintetiza a sinuosidade do tempo percorrido durante os anos de sua construção, retratada por aqueles que vivenciaram a essência do Alecrim durante muito tempo.

A contribuição dos seus moradores constitui a essência do bairro e essa faceta reúne, em níveis diferentes, as experiências de cada indivíduo participante deste processo, seja pelos seus talentos, habilidades ou mesmo dádivas herdadas de seus antepassados, sendo os imigrantes, vindos principalmente do interior, os que mais lapidaram e deram essa essência ao Alecrim. Por isso, que o estudo da vida cotidiana vem trazer subsídios na tentativa de compreender o espaço alecrinense, identificando a permanência de características originais remontadas ao longo do tempo. Deste modo, a dimensão do vivido não foi negligenciada, sendo, então, a procura de uma aproximação desta importante perspectiva analítica uma saída para o entendimento do bairro do Alecrim.

Neste caso, entendemos que as entrevistas e análises mostram-se como uma ponte para o entendimento do conteúdo epistemológico do espaço alecrinense.

Aliás, foram os relatos dos moradores mais antigos que ajudaram, de forma preponderante, a resgatar os indícios de pertencimento deste indivíduo ao bairro.

Foram também estes depoimentos que auxiliaram a compreensão da dissolução do bairro em torno da sua existência no cenário natalense, tendo em vista as transformações nas relações econômicas e sociais, verificadas na cidade no decorrer dos anos, o que não impactou os moradores que viram no Alecrim um reduto capaz de oferecer condições de (re)produzir suas práticas sociais.

O estudo da vida cotidiana e a reflexão teórica acerca da reafirmação do bairro como uma categoria de análise na Geografia trilharam, a nosso ver, a fundamentação para o entendimento da dimensão espacial no estudo do bairro. Sendo assim, os espaços assumem diferentes significados e são diversamente utilizados pelos moradores e usuários em seus vários momentos históricos. Esta metamorfose de personagens poderia descaracterizar ou até excluir a essência de bairro no Alecrim.

A reafirmação do Alecrim como um bairro, apesar das sobreposições temporais dos fatos pretéritos que o acompanharam no decorrer da história, se faz saber devido aos costumes residuais, ou seja, da vivência de cada morador disposto a reafirmar sua existência, como uma unidade de vida imediata pelas experiências, pelas relações e objetos contidos nos elementos que compõem o seu conjunto.

Diante disso, abriremos esta última parte do trabalho pontuando, de forma ideográfica, porém, analítica, as informações colhidas na pesquisa de campo, agrupando-as de forma que prestigiem as questões levantadas neste estudo, no qual as mesmas estão diretamente análogas à vivência observada nos moradores do bairro.

Dessa forma, reforçaremos nossa argumentação, explicando a configuração socioespacial do bairro do Alecrim na cidade, analisando-o como sendo ainda um espaço de centralidade em Natal.

#### 4.1 OS MORADORES E UM INDICATIVO DE PERMANÊNCIA DO BAIRRO

Os condicionantes teóricos e de cunho geo-histórico discutidos no início deste trabalho são a base para o entendimento do processo de definição do perfil do Alecrim, em particular, por meio das transformações urbanas verificadas nas diferentes áreas encontradas em Natal.

O contato com os que residem no bairro do Alecrim veio confirmar algumas suspeitas lançadas durante a investigação, sobretudo, quando elegemos a área de estudo como um espaço de resistência aos processos de crescimento e à dinâmica socioespacial observados na cidade nos últimos anos.

Para um melhor entendimento, voltemos ao início do século passado, quando um contingente considerável de pessoas, vindas principalmente do interior do Rio Grande do Norte e de estados vizinhos, migrou em busca em busca de melhores condições de vida e tomou o bairro do Alecrim como abrigo na cidade de Natal. Processo esse, que pode ser observado ainda hoje entre seus moradores.

A presença destes migrantes favoreceu o estabelecimento de práticas sociais no dia-a-dia desses indivíduos, com costumes semelhantes aos de um povo vindo do interior, com um rico acervo cultural próprio da região Nordeste do Brasil.

Naquele momento, as pessoas vindas do interior reproduziam suas relações, arraigando sentimentos e práticas sociais que, na época, não promoviam, de imediato, uma separação das suas atividades e necessidades, como trabalhar, cuidar da família e até mesmo ter o lazer, comum à sua terra de origem.



Entendemos que foi basicamente através destes indivíduos que a vida de bairro pode desenvolver-se e reafirmar-se até hoje no Alecrim. Assim, é fundamental considerar que as famílias, basicamente vindas do interior, eram quase sempre numerosas, centralizadas em torno da figura do pai, conforme os padrões das sociedades tradicionais (Figura 11).



**Figura 11** - Estrutura de uma família patriarcal, típica do interior do nordeste brasileiro e vinda para o Alecrim no século XX.

**Fonte:** Arquivo dos moradores do bairro do Alecrim.

**Nota:** Família Oliveira originária do município de Pombal-PB, em 1945.

Daí por diante, a continuidade histórica, com a reprodução social, principalmente da cultura daquele povo, era transmitida em contradição com a disposição dos meios de vida e das formas de uso do tempo promovidos pelas transformações socioeconômicas, em meados do século passado na cidade de

Natal. Restava para a população alecrinense o drama de viver nas determinações da urbanização, que é social por excelência.

A identificação de cada um com o Alecrim derivava da condição de morador, este que, enquanto tal, pertencia a uma família e, por isso, tinha um lugar na hierarquia prestigiosa inserida no contexto do bairro, situação presente no depoimento de uma moradora do Alecrim: *“Hoje o mundo tá muito mudado. No meu tempo, papai não deixava sair de casa à noite. Tínhamos o nome a zelar. [...] E namorar... Imagine só como era! Passei minha criação para meus filhos e agora passo pra meus netos. Mas está tudo mais complicado. Os jovens não respeitam mais ninguém”* (informação verbal)<sup>28</sup>.

Os depoimentos colhidos vêm reafirmar que o alecrinense tem, em sua vivência, circunstâncias que dotam o bairro de características residuais que, de certa maneira, divergem da média da realidade verificada atualmente na cidade.

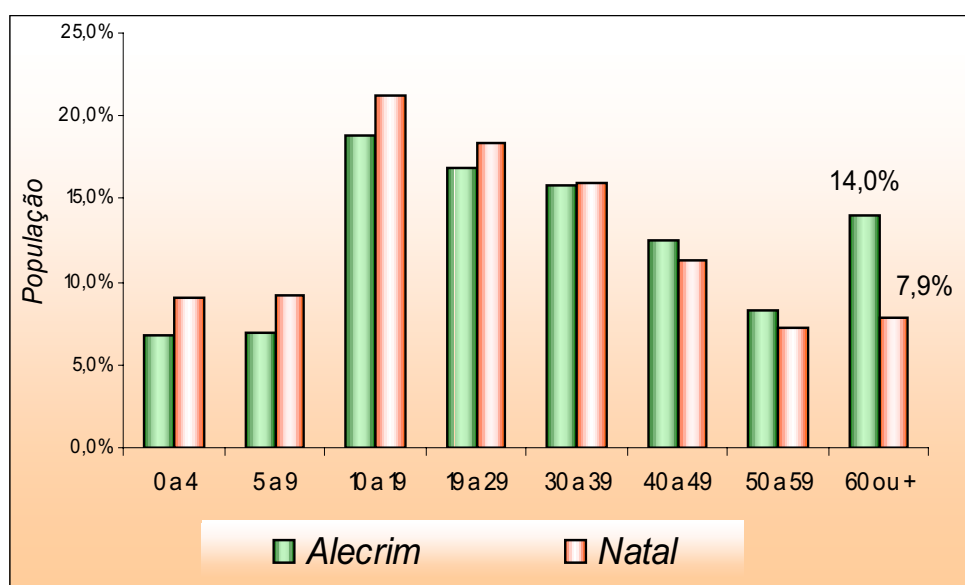
Isso posto, através dos dados colhidos durante nossa pesquisa de campo, viemos, de certa maneira, incorporar as afirmativas supracitadas, na tentativa de entender o tempo e o espaço alecrinenses, ressaltando os ritos comuns a esse bairro, tendo em vista o crescimento urbano de Natal promovido pelo avanço do capitalismo monopolista, pois é na cidade onde se reúnem as melhores condições para o desenvolvimento deste capitalismo; cenário ideal para a produção espacial (SPÓSITO, 2001).

Inicialmente, podemos lançar este enredo tendo por base um número considerável de pessoas com idade bastante elevada vivendo no Alecrim, sendo estes indivíduos, a nosso ver, considerados reprodutores das características comuns ao conteúdo do bairro. No Alecrim, praticamente 35% de toda população já atingiu

---

<sup>28</sup> Dona Doralice Alves Santos (78 anos), moradora da rua Silvio Pélico.

40 anos ou mais de idade, enquanto que o percentual natalense chega a apenas 26,4% e no Brasil pouco mais de 27% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000). Nesta mesma comparação, observamos que, à medida que nos voltamos para o topo da pirâmide etária (idade igual ou superior a 60 anos), o número de pessoas idosas residindo no bairro do Alecrim é bastante considerável, pois representa quase o dobro do percentual verificado em Natal (Gráfico 2).



**Gráfico 2** - Estrutura etária da população do bairro do Alecrim e da cidade de Natal.

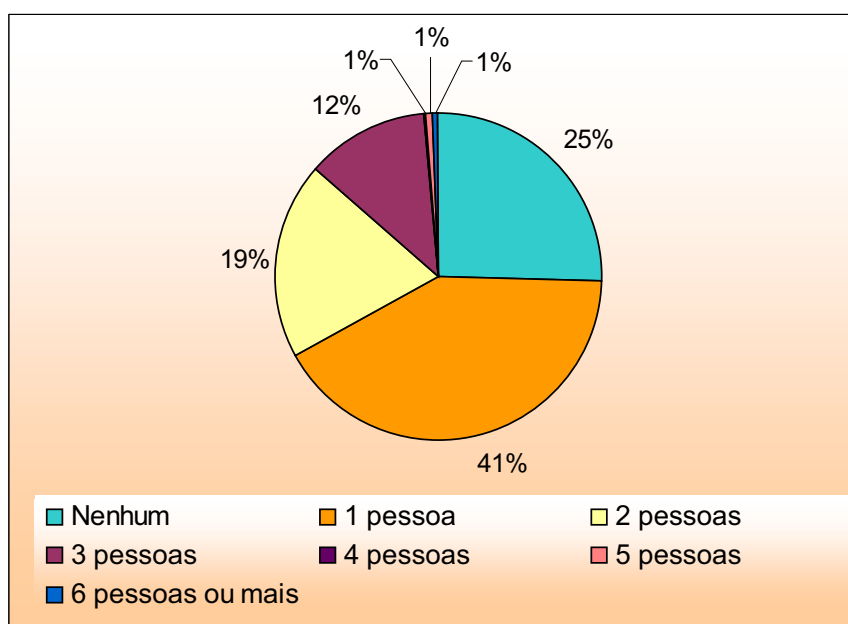
**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000).

Este fato mostra também que a representação das pessoas seguradas pela previdência é, conseqüentemente, bastante significativa. Das 200 residências abordadas na pesquisa, em 139, existe pelo menos uma pessoa aposentada ou recebendo uma pensão.

Estes dados mostram que parte do orçamento familiar advém dos inativos da maioria das famílias visitadas. E, ainda, 40% dos entrevistados disseram que os aposentados e/ou pensionistas detêm uma grande participação no orçamento da

casa, o que podemos comprovar a partir do relato de Dona Rita Antônia: “[...] as coisas estão muito difíceis hoje em dia. Meu filho voltou para dentro de casa junto com a mulher e meu neto [...], ele está sem serviço. Agora o que temos certo é só o salário que o pai dele deixou pra gente quando morreu. Um salário que só dá para comer, as contas estão todas sem pagar” (informação verbal)<sup>29</sup>.

O desemprego é um fenômeno bastante presente entre as famílias visitadas no bairro. Constatamos que os moradores de aproximadamente  $\frac{1}{4}$  das casas visitadas estariam desempregados. Em 40% do total, era possível encontrar apenas uma pessoa trabalhando (Gráfico 3).



**Gráfico 3** - Número de pessoas empregadas nas residências do bairro do Alecrim.

**Fonte:** Pesquisa de campo, dez. 2004.

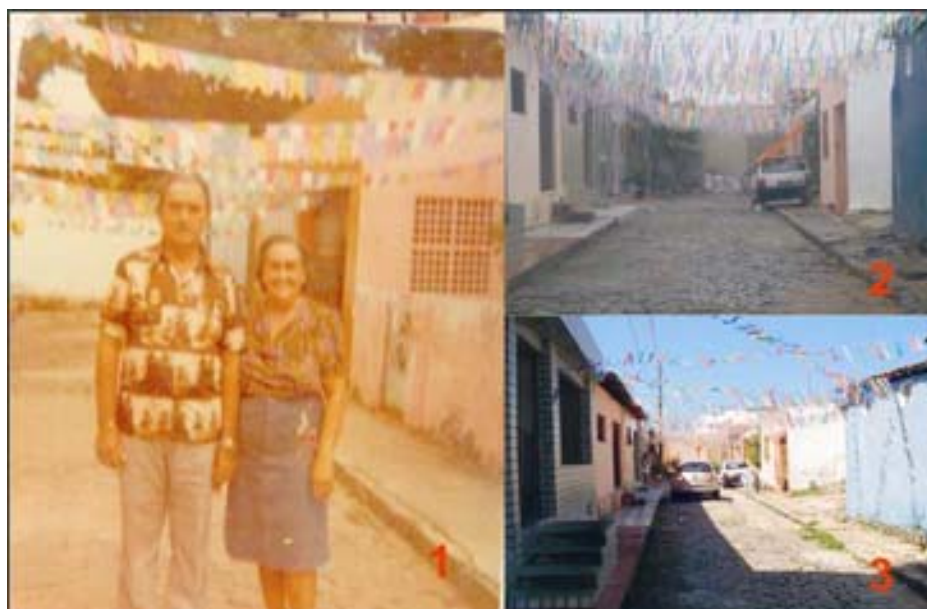
A renda familiar da população pesquisada no Alecrim atinge percentuais bastante equilibrados: 26% dos entrevistados possuem um rendimento domiciliar

<sup>29</sup> Dona Rita Antônia Silva (57 anos), moradora da Vila Estevam, no Alecrim.

que ultrapassa 4 salários mínimos<sup>30</sup>, entretanto, 20% dos domicílios detêm um rendimento inferior a um salário mínimo.

A partir da pesquisa de campo, pudemos constatar que alguns destes que sobrevivem com menos recebem ajuda de parentes e amigos próximos, seja na forma do pagamento de uma conta de água e/ou energia elétrica no final do mês, ou mesmo com uma pequena feirinha no decorrer da semana. A ajuda para com estas famílias mais pobres do bairro é uma característica comum da população interiorana nordestina e absorvida pelos moradores do bairro.

Uma parte destas pessoas que vivem no Alecrim há muitos anos são sustentadas por filhos ou netos que não moram mais com seus pais, mas que sempre estão reunidos em algumas datas comemorativas e/ou algumas festas populares como, por exemplo, os festejos juninos, promovidos pela comunidade ou pelos grupos de moradores de uma vila, travessa ou rua do bairro (Figura 12).



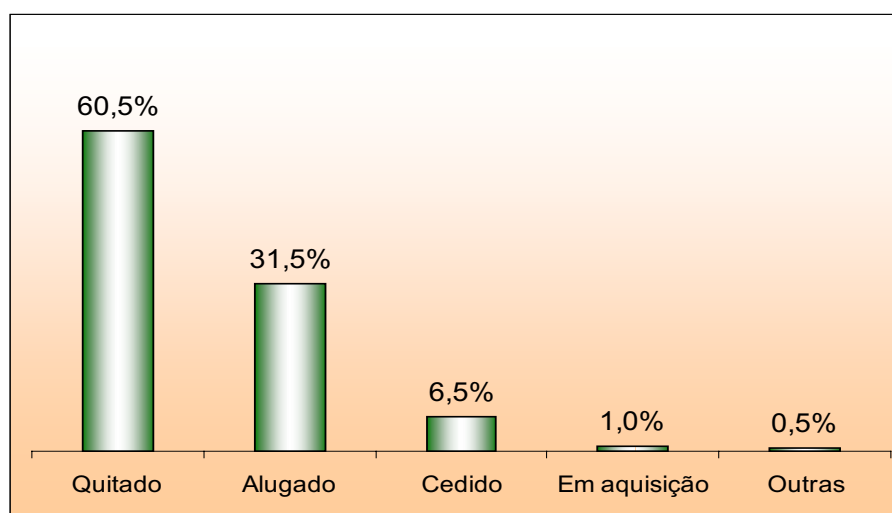
**Figura 12** - Festejos juninos entre os moradores da travessa Manoel Miranda; (1) 1979, (2) 2003; (3) 2005.

**Fonte:** Arquivo dos moradores e de Josué Alencar Bezerra, 2005.

<sup>30</sup> É importante salientar que, durante a pesquisa de campo, a política econômica do governo brasileiro

Contudo, o mais comum de se observar são os pais que recebem um benefício da previdência e ajudam seus filhos, em grande parte desempregados, com alimento e moradia. Este é um fato retratado nas características de uma parte das edificações residenciais encontradas no bairro. Há um processo de fragmentação do terreno do imóvel, com o objetivo de dar lugar a uma pequena moradia construída que, na maioria das vezes, recebe um filho que se casa e não tem condições de adquirir um local para morar.

Através deste e de outros fatores, uma informação importante a ser acrescentada é que a maioria dos imóveis do bairro foram adquiridos há bastante tempo pelos atuais moradores. Constatamos que mais de 60% das residências visitadas já foram quitadas, enquanto 31,5 % são ocupadas por meio de contrato de aluguel (Gráfico 4). A grande maioria das casas alugadas no Alecrim são encontradas nas vilas, cuja parte destas são, às vezes, de propriedade de uma única pessoa.



**Gráfico 4** - Situação dos imóveis residenciais visitados no bairro do Alecrim.

**Fonte:** Pesquisa de campo, dez. 2004.

Durante a pesquisa de campo, observamos que uma boa parte dos espaços de moradia encontrados no Alecrim são utilizados como uma forma flexível de acesso à casa, fugindo do mercado formal das imobiliárias. Parte destas casas encontradas nas vilas do bairro são da mesma propriedade dos pequenos granjeiros onde se encontra hoje o terreno do Alecrim. No decorrer do tempo, as granjas e currais foram dando lugar às pequenas pensões e aos quartos de aluguel destinados àqueles que chegavam para viver na capital.

Atualmente, os proprietários e os inquilinos possuem uma relação bastante próxima, pois ambos participam de algumas comemorações familiares. O simples motivo de o cliente atrasar o aluguel do imóvel não significa necessariamente que este deverá entregar imediatamente a moradia. Existe uma conversa informal entre as partes que, geralmente, encontram uma solução para o problema (Figura 13).



**Figura 13** - Estrutura das residências na rua Cabugy e na travessa Regis, no Alecrim.  
**Fonte:** Acervo de Josué Alencar Bezerra, mar., 2005.

No bairro do Alecrim, as casas são geralmente pequenas e bastante compartimentadas, dependendo do número de moradores que residem nelas. Em alguns casos, mostram-se como um verdadeiro habitar comprimido. Segundo o

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000), o percentual referente ao número da população residente nos domicílios particulares no bairro era de 3,7 hab./casa. Esse dado aproxima-se da média na cidade que gira em torno de 4 pessoas, mas quem conhece o estilo das casas existentes no Alecrim percebe que a maioria delas são bastante pequenas e um tanto compartimentadas. São verdadeiros cubículos onde vivem famílias numerosas como a da Dona Sebastiana Cavalcante, que aloja mais 11 pessoas tanto dentro de casa como em pequenos quartos construídos em seu quintal.

Quase a metade das casas abordadas (42%) eram divididas entre 4 a 6 cômodos, contabilizando, inclusive, o banheiro. Percebemos, ainda, que um número considerável de moradias visitadas detinha apenas 2 ou 3 cômodos (28%). Na maioria dos casos, são casas bastante humildes, nas quais residem casais de idosos que vivem no bairro há muitos anos. Como afirmado por Dona Raimunda: *“Moro aqui no Alecrim há muito tempo com meu esposo. Meus filhos já se casaram e moram fora, em outros lugares da cidade. Somos velhos e daqui não pretendemos sair mais. Temos nossa casinha e é isso o que importa”* (informação verbal)<sup>31</sup>.

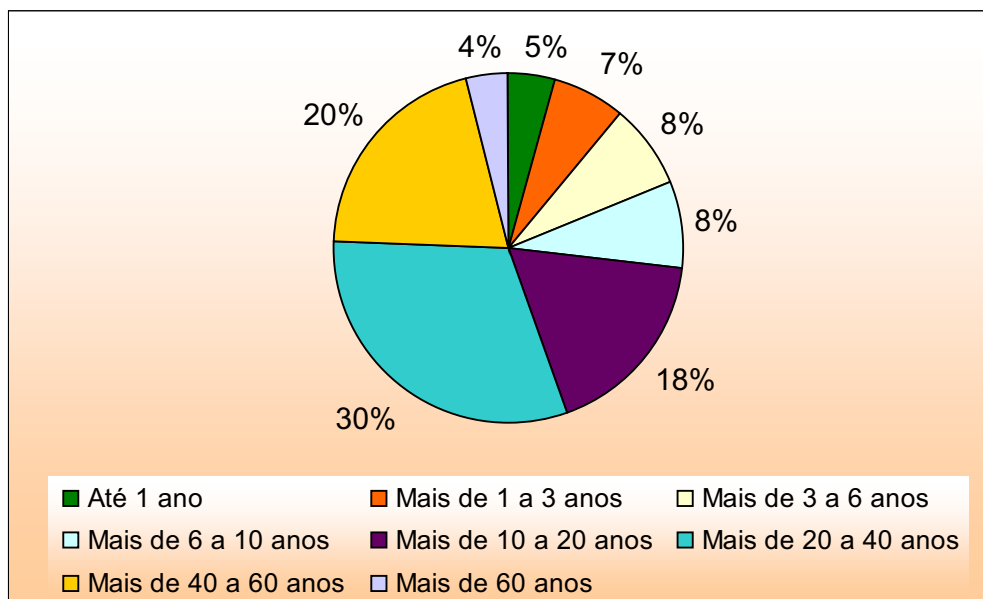
O estilo de morar no bairro do Alecrim está intrinsecamente ligado à história de vida do morador perante o espaço que o rodeia e foi construído por ele. Esta é a essência de se viver no bairro, adquirida durante muitos anos no convívio e reproduzindo-se socialmente no mesmo espaço.

Isso é constatado nos 58% dos entrevistados residentes há pelos menos 20 anos no bairro do Alecrim (Gráfico 5). A produção e o conhecimento do espaço, a vida de bairro, adquirida no decorrer de vários anos fizeram do Alecrim um reduto de tradições frente às transformações socioespaciais verificadas na cidade.

---

<sup>31</sup> Dona Raimunda (75 anos), moradora da rua Oscar Siqueira, no Alecrim.





**Gráfico 5** - Percentual correspondente ao tempo de moradia da população do bairro do Alecrim.

**Fonte:** Pesquisa de campo, dez. 2004.

É o caso de Dona Eulália Ferreira que viveu todos os seus 77 anos de vida em uma casinha na travessa Presidente Mascarenhas, próximo à avenida Bernardo Vieira. A moradora viu tudo acontecer, pelo menos na sua rua, entre os seus vizinhos. A briga com o colega do lado; as filhas que saíram de casa para estudar e casar; o seu amigo de frente, que chegou à mesma época e que faleceu. São fatos que a história encarregou-se de mostrar para essas pessoas, ricas em experiência a repassar.

Grande parte dos moradores do Alecrim teve o bairro como *locus* de sua reprodução enquanto habitante da capital potiguar. Este fato é a raiz da função social manifestada no tempo através de saberes e de habilidades desenvolvidas neste espaço ou trazidas de uma outra localidade de origem. O entendimento do bairro do Alecrim passa por estes indicativos. Uma parcela representativa dos alecrinenses veio do interior do Rio Grande do Norte ou de outros pequenos municípios do interior nordestino.

Este fato traz, como já ressaltado anteriormente, características comuns ao espaço originário daquele indivíduo. Mesmo durante os últimos anos, com o crescimento da dinâmica urbana observada na cidade, as práticas destes espaços interioranos têm permanecido no bairro, dando-se de forma semelhante às realizadas no rural, sendo repassadas, muitas vezes, por seus pais e avós, tendo o espaço como o principal mostruário das dinâmicas impostas por esse conjunto de agremiações vindas do interior (Figura 14).



**Figura 14** - Costumes rurais trazidos do interior para o bairro do Alecrim.

**Fonte:** Arquivo dos moradores e de Josué Alencar Bezerra, set. 2004.

Os fatos históricos foram comprovados pelos moradores do bairro. Os mais antigos revelaram a aventura que era a viagem até a capital. Muitos grupos de famílias organizavam-se, saíam em caravanas vindas de um município do interior e encontraram, no Alecrim, o *locus* de seu ambiente de origem, com um aspecto rural e com a circulação de equipamentos comuns ao Sertão<sup>32</sup>.

Estas viagens, que hoje duram horas, levavam, há 40 ou 50 anos, dias, tendo em vista as más condições da estrada e do meio de transporte da época. *“Viemos de Pedro Velho em 1964. [...] um colega nosso nos chamou para vir morar em Natal, pois a situação onde nós morávamos era muito difícil e o Alecrim foi a*

<sup>32</sup> Segundo Cunha (2000), o sertanejo é o homem do interior, que ficou também conhecido, segundo a sua região, pelos nomes de caipira, tabaréu, matuto, caboré, corumba, roceiro, jeca etc. O sertanejo,

*opção que nós tivemos na época, porém, deu certo até hoje [...] Aqui no Alecrim, conseguimos mudar de vida. Não sei o que seria se não tivéssemos vindo para cá”* (Informação verbal)<sup>33</sup>.

Verificamos grupos vindos da região do Seridó Potiguar (Acari, Caicó, Parelhas e Currais Novos), do Oeste Potiguar (Apodi e Martins), como também do litoral setentrional do estado, principalmente do município de Macau, fugidos da crise da produção salineira na região<sup>34</sup>. Um número de entrevistados disse ter vindo de outros estados do país (15%), principalmente, da Paraíba e do Ceará, fugidos dos longos períodos de estiagem, como também de alguns grandes centros nacionais, escapando da violência urbana crescente nas metrópoles brasileiras. Estes observaram a possibilidade de melhoria nas condições de vida e foram ficando no Alecrim (Mapa 3).

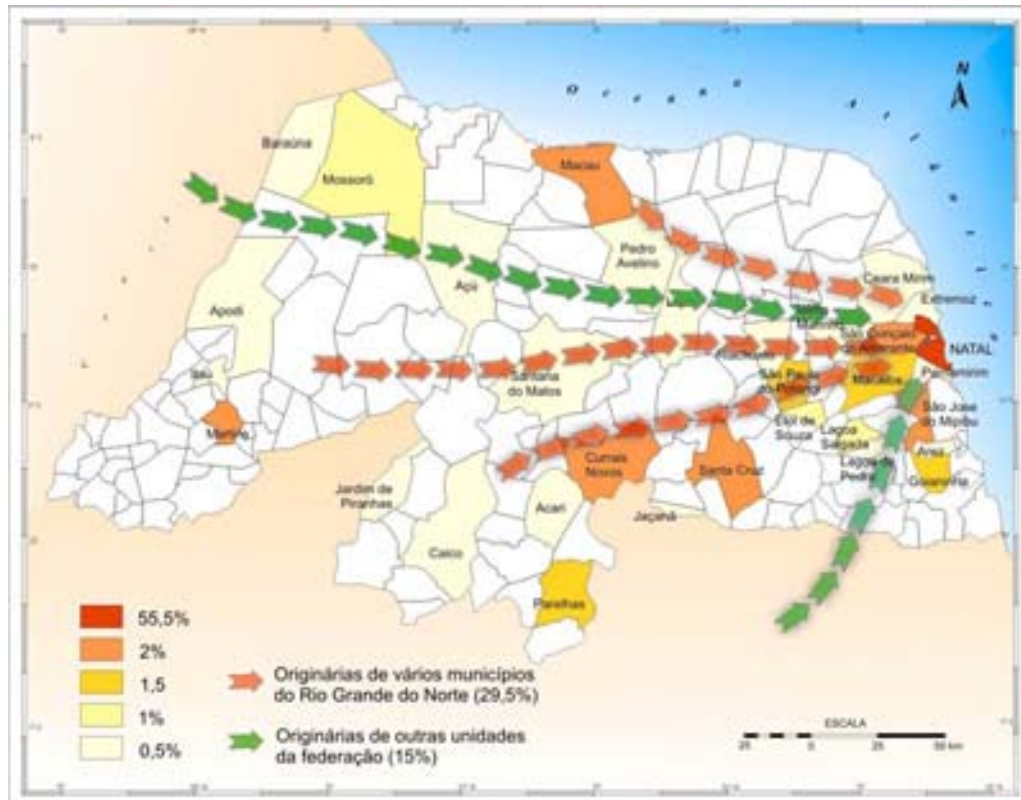
A discussão acerca da migração campo-cidade torna-se presente na medida em que tentamos entender a opção destes que vieram do interior para viver na cidade de Natal, e escolheram o bairro do Alecrim para se alojar. São fatores que nos permitem refletir que a cidade parece surgir, para os seus habitantes, como um espaço autônomo, de dinâmica própria e de uso restrito a grupos destinados à acumulação de capital.

Natal surge como uma cidade onde os maiores e melhores serviços são oferecidos, passando a se apresentar como um espaço formado por elementos independentes dos demais formadores das áreas rurais. Contudo, os traços rurais são trazidos para a cidade e têm permanecido como práticas importantes para muitos que vivem em suas áreas.

---

submetido a este processo de urbanização e desculturação rural, mostra-se como uma figura popular brasileira que tenta preservar e valorizar a identidade cultural do seu povo.

<sup>33</sup> Dona Maria das Dores, residente na travessa Ary Parreiras e natural do município de Pedro Velho-RN.



**Mapa 3** - Fluxo migratório dos moradores do bairro do Alecrim segundo os municípios do Rio Grande do Norte e de outras unidades da federação.

**Fonte:** Pesquisa de campo, dez. 2004.

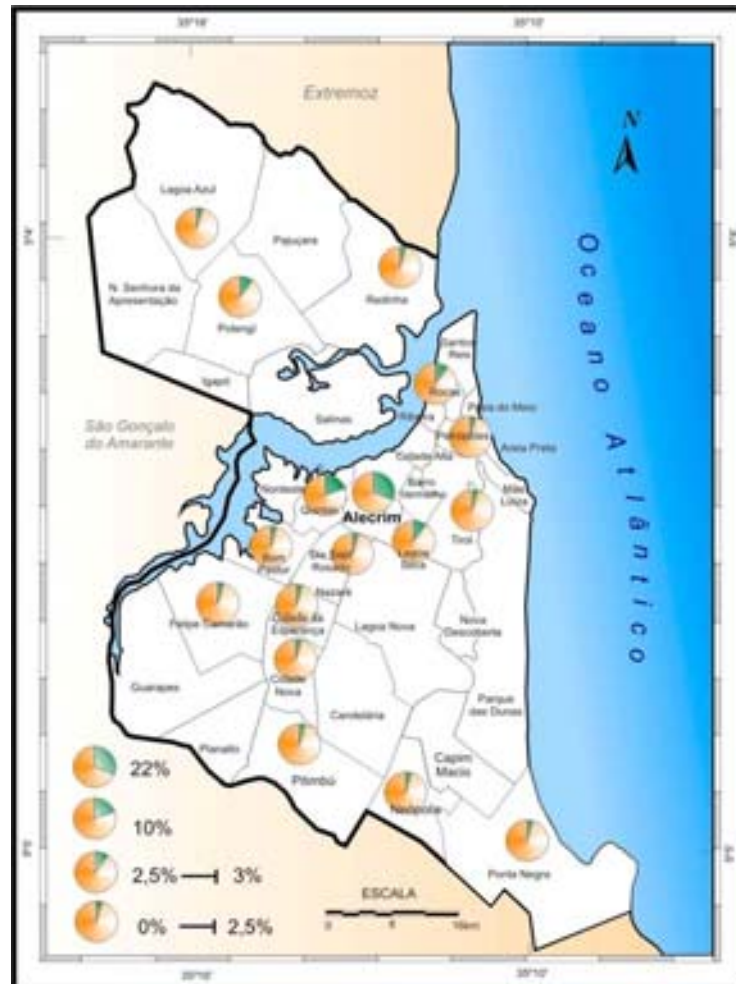
**Nota:** Cartografia e organização de Josué Alencar Bezerra, 2005.

Entretanto, podemos perceber, ainda no mapa anterior que, apesar de boa parte dos entrevistados sempre ter residido na cidade de Natal, seja no Alecrim (22%) ou em outros bairros da capital (33,5%), muitos deles são de origem interiorana (Mapa 4).

O Alecrim aparece como um espaço na cidade que não abriga somente correntes migratórias originárias do interior nordestino, mas também grupos provenientes de antigas periferias da cidade, agora valorizadas e que eliminam parte de seus moradores. Em uma pesquisa realizada nas residências de 8 bairros,

<sup>34</sup> Sobre o processo de reestruturação produtiva e desemprego na região salineira do Rio Grande do Norte, ver o trabalho de Costa (1993).

distribuídos nas 4 zonas administrativas da cidade de Natal, constatamos que 38,2% das famílias vieram de outros municípios do interior do Rio Grande do Norte<sup>35</sup>.



**Mapa 4** - Percentual dos moradores do Alecrim, segundo o bairro de origem em Natal.

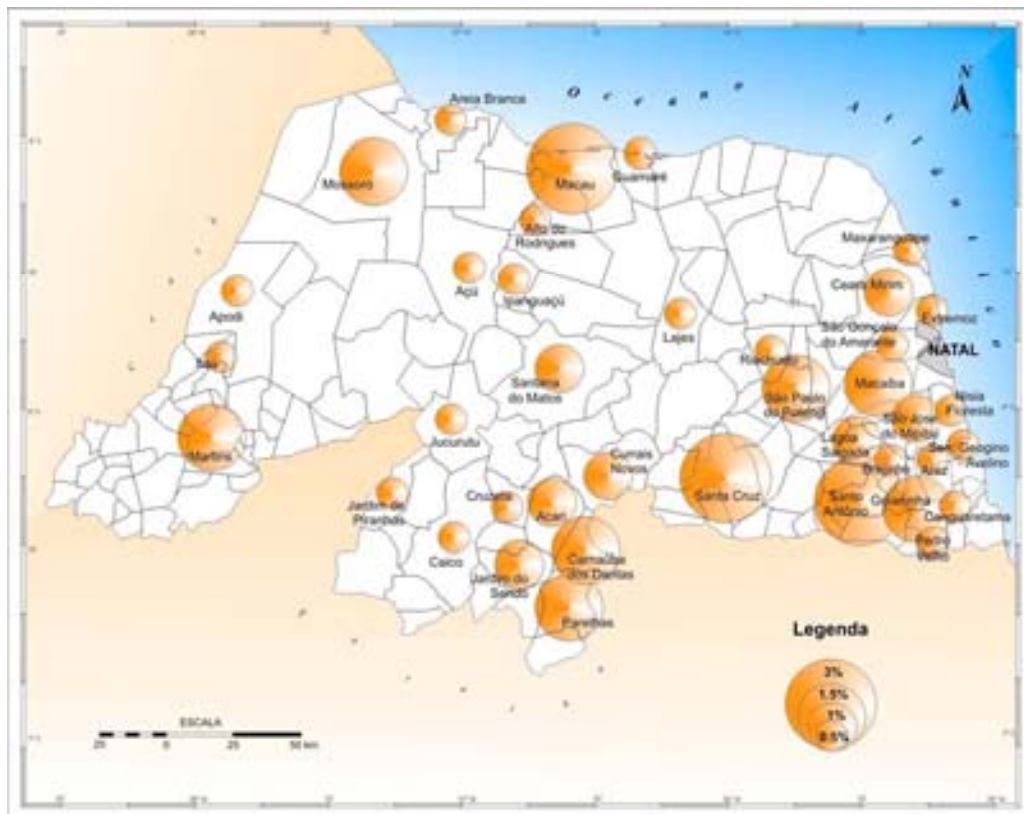
**Fonte:** Pesquisa de campo, dez. 2004.

**Nota:** Cartografia e organização de Josué Alencar Bezerra, 2005.

Este fato novamente é retratado quando perguntamos a naturalidade dos entrevistados no bairro do Alecrim. Praticamente, a metade dos entrevistados disse

<sup>35</sup> Esta pesquisa foi desenvolvida pelos alunos da disciplina Geografia da População, no período de 10 de dezembro de 2004 a 05 de janeiro de 2005, nos bairros das Quintas e Planalto (zona Oeste), Nossa Senhora da Apresentação e Pajuçara (zona Norte), Ponta Negra e Capim Macio (zona Sul) e Tirol e Alecrim (zona Leste), onde foram aplicados 546 formulários nas residências dos bairros, obedecendo à mesma metodologia utilizada no presente trabalho.

ter nascido na cidade de Natal (47,5%), porém, constatamos que 37,5% dos moradores são naturais de um dos outros 166 municípios do Rio Grande do Norte (Mapa 5).



**Mapa 5** - Distribuição dos moradores do bairro do Alecrim por naturalidade nos municípios do interior do Rio Grande do Norte.

**Fonte:** Pesquisa de campo, dez. 2004.

**Nota:** 47, 5% das pessoas abordadas disseram ter nascido em Natal;  
Cartografia e organização de Josué Alencar Bezerra, 2005.

Este fator induz nosso diagnóstico, embasado nas características cotidianas do Alecrim frente ao aparato segregador do atual nível do sistema capitalista de produção, a uma cisão das classes sociais reproduzidas no estilo de vida do natalense, caracterizado, em muitos casos, pela segregação residencial, incrementada nos últimos anos na Grande Natal pela difusão dos condomínios fechados e pelas áreas subnormais, representada pelas favelas instaladas na

cidade<sup>36</sup>. Corrêa (2003) revela que a reprodução através da segregação residencial só é possível:

Pelo fato de as diversas áreas residenciais, diferenciadas entre si, mas razoavelmente homogêneas quando consideradas internamente, configurarem meios distintos para a interação social, da qual os indivíduos derivam seus valores, expectativas, hábitos de consumo e estado de consciência. A partir do bairro enxerga-se a cidade e o mundo (CORRÊA, 2003, p. 74).

Desta forma, percebemos, através dos depoimentos dos moradores, que o alecrinense preza pelo espaço que foi construído e é mantido sob sua tutela através do sentimento de pertencimento do seu bairro, aquele que não se resume apenas ao sentido de abrigo, mas que absorve a reprodução do espaço em que se insere.

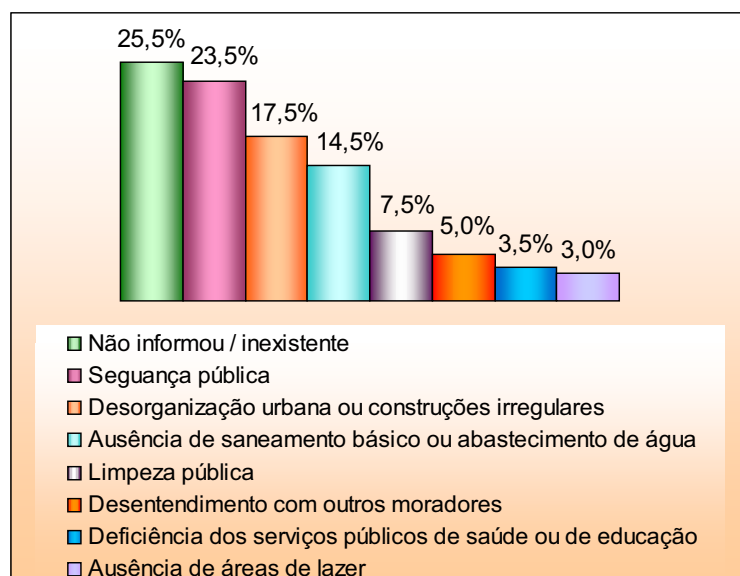
As reivindicações e promoções dos que residem no bairro foram retratadas quando perguntado quais eram os principais problemas encontrados no Alecrim. A partir deste questionamento, cerca de ¼ dos entrevistados disseram não haver nenhum problema para ser solucionado no bairro. Estes estavam plenamente satisfeitos em viver no Alecrim. Esta satisfação pode ser relacionada ao prazer de estar no espaço preferencial da festa e do encontro, onde todos absorvem a idéia da valorização da área em que vivem.

Entretanto, outros apontaram alguns graves problemas, principalmente de infra-estrutura básica, que precisa ser sanada pelos gestores públicos. Como pode ser observado no gráfico 6, a preocupação com a violência está refletida diretamente naqueles que vivem em um bairro localizado numa área que serve como passagem de grande parte dos que cruzam a cidade. A violência, caracterizada principalmente

---

<sup>36</sup> Segundo a Secretaria Especial de Meio Ambiente e Urbanismo (2003), atualmente, a cidade de Natal

pelo crescimento do número de furtos às suas casas, é ressaltada como uma grande preocupação dos comerciantes e moradores do bairro. Muitos dizem que as pessoas que vêm praticar os delitos no Alecrim são oriundas de outras localidades da cidade, pois, segundo os entrevistados, apesar do bairro abrigar bastante gente, eles acreditam que nele só existam pessoas boas, inaptas para a prática do crime.



**Gráfico 6** - Maiores problemas do bairro do Alecrim, apontados pelos moradores.

**Fonte:** Pesquisa de campo, dez. 2004.

O problema da insegurança pode ser acompanhado freqüentemente nos diversos mecanismos de notícia da cidade, que apontam o bairro do Alecrim como abrigo de traficantes de drogas, de freqüentes rixas entre gangues, localizadas principalmente nas proximidades da linha do trem - área conhecida como Guarita.

Apesar destes problemas comuns da sociedade urbana moderna, o apego dos alecrinenses ao bairro tem sobressaído quando nos referimos à forte identidade que os moradores detêm com o Alecrim, caracterizado no depoimento de



Dona Severina Bezerra<sup>37</sup>: “[...] moro no Alecrim desde que nasci, conheço todo mundo. Me criei, casei e tive meus filhos aqui. Não me vejo fora daqui. Daqui só saio morta” (informação verbal). Neste âmbito, a memória da moradora mostra-se como a base para o apego e como prova da construção individual e social do seu espaço.

Assim, entendemos que a identidade e o patrimônio cultural do alecrinense configuram-se como um sustentáculo de resistência do bairro, tendo em vista a modernização atribuída pelo processo de urbanização da cidade de Natal, frente às tradições mantidas desde um outro tempo histórico.

O Alecrim é um exemplo de um espaço construído socialmente no decorrer de sua história em que os laços temporais estão arraigados na vida cotidiana do bairro. O seu entendimento presume a compreensão dos indivíduos que compõem a sociedade que o construiu ou, de certa maneira, viu ser construído, sendo que a identidade daqueles que ainda permanecem no Alecrim estabelece a memória viva do espaço alecrinense. Suas tradições e costumes formam uma base para o entendimento do cotidiano daqueles que vivem este importante bairro de Natal, pois, apesar das quebras de continuidade propostas pelo regime econômico implementado atualmente, “[...] as tradições são evocadas freqüentemente, nos períodos de mudança social, de crises, de perda de poder econômico e/ou político” (OLIVEN, 1980 *apud* MAIA, 2000, p. 156).

Assim, as leituras nos mostram que o tradicionalismo não é ignorado, pelo menos totalmente, mas utilizado como ferramenta reguladora do processo de produção do espaço e reprodução deste na sociedade moderna, formando bolsões de resistência que à ciência geografia caberá de investigar a problemática destas sociedades.

---

<sup>37</sup> Dona Severina Bezerra (63 anos), moradora da rua Baião de São Marco, no Alecrim.

Em seu trabalho, Moraes (2004) trata a Geografia da Resistência como uma construção coletiva em que a política, a economia e a cultura mostram-se como cenários para a consolidação ou desaparecimento da sociedade dos resistentes.

Em nossa perspectiva, o bairro do Alecrim mostra-se como um arcabouço de vivência que vem resistindo ao processo de reestruturação urbana observada na cidade de Natal, gerando uma seqüência de permanência a um processo composto pela urbanização contemporânea.

Sendo assim, a base cultural adquirida durante o tempo de bairro é um complexo de comportamentos que constituem o modo principal que o homem tem de adaptar-se ao meio em que vive, mudando-o, transformando-o, perpetuando através dos modos acumulados (SEABRA, 2003).

Como afirma Seabra (2003), as mudanças culturais ou de comportamento não estão armazenadas nos genes, porém, no meio feito pelo homem, na parte apreendida, na cultura, nos instrumentos, nos costumes, nas instituições, nas lembranças etc.

Para entender o alecrinense, devemos seguir este raciocínio, ou seja, todo ser humano nasce com possibilidades de aprendizagem. Dentre outras necessidades, ele trouxe os gestos, a linguagem, os hábitos alimentares, o comércio, os costumes, as práticas religiosas, enfim, a herança que advém de um outro tempo; uma infinidade de relações sociais que compõem a cultura na qual o indivíduo constrói e reconstrói seu espaço, mesmo que para isso venha realizar a manutenção de sua tradição e criar permanências no espaço.

#### 4.2 O BAIRRO DO ALECRIM: UM ESPAÇO DE CENTRALIDADE NA CIDADE

O bairro do Alecrim pode ser considerado como foco de permanências oriundas de outro tempo histórico na cidade de Natal. Entretanto, suas tradições

passadas têm sido ameaçadas pela crescente dinâmica urbana observada na cidade, advinda dos agentes públicos e, principalmente, privados, instalados nos últimos anos.

Estes agentes têm impulsionado o processo de urbanização verificado em Natal, proporcionando significativas transformações socioespaciais na cidade, caracterizado pelo efetivo crescimento do seu contingente populacional, representado pela ininterrupta produção do espaço natalense. Neste ponto, entendemos que a cidade “[...] é um fazer-se intenso, ininterrupto. No Brasil este ‘fazer-se’ aniquila o que já está produzido a fim de criar mais e, infinitamente, formas novas” (CARLOS, 2005, p. 67, grifo do autor).

Segundo Faissol (1994, p. 149), no Brasil:

O processo de urbanização é mais complexo que o simples funcionamento de mecanismos de escala e aglomeração, pois implica mudanças sociais importantes, num verdadeiro modo de vida urbano, com seus valores próprios.

Sendo assim, a cidade, dirigida pelo homem, surge como celeiro das mudanças econômicas, políticas e sociais. Um local onde ocorrem as maiores desigualdades socioespaciais caracterizadas pelas formas da divisão social do trabalho.

Assim, aprendemos que o conteúdo da cidade não se realiza homogeneamente em todo o espaço, mas interfere indiretamente na reprodução de uma totalidade. E essa interferência, fruto das transformações do espaço urbano da cidade, mediante o processo de urbanização, caracteriza-se pela negação do antigo, do tradicional e do velho. Em seu lugar, surgem o moderno e o novo; as edificações

modernas e os novos espaços comerciais; os instrumentos para promoção do lazer como os restaurantes, os teatros, os parques, os *shoppings* etc.

A velocidade destas transformações socioespaciais compromete as áreas tradicionais e historicamente importantes das cidades, como é o caso de Natal, local de profundas mudanças na sua estrutura interna e no papel dos bairros centrais, impondo novas centralidades na cidade.

Neste contexto, o bairro do Alecrim está fadado como mais uma vítima deste processo contemporâneo de mutação da cidade. As formas espaciais inseridas na explicação do funcionamento do urbano, mais precisamente, através da sua organização espacial, sugerem o entendimento das nuances da dinâmica da cidade, organizando, assim, o estudo dos espaços centrais como o bairro do Alecrim.

Isso posto, de acordo com Corrêa (1999), os processos espaciais e as formas que dão origem ao espaço urbano são constituídos da descentralização e dos núcleos secundários; da coesão e das áreas especializadas; da segregação e das áreas sociais; da inércia e das áreas cristalizadas e, finalmente, do processo de centralização e das áreas centrais. Neste último, pode ser feita uma leitura do bairro do Alecrim, foco de nossas preocupações.

O Alecrim é historicamente conhecido como um bairro de convergência na cidade de Natal. Os efeitos das mudanças implementadas e refletidas pelo reflexo do processo de urbanização sobre sua dinâmica urbana e no cotidiano dos moradores revelam-se através da configuração de uma nova paisagem retratada nas formas espaciais produzidas e na caracterização de um modo de vida em que valores, usos e costumes (re)definem novos sentidos para o urbano local. Em âmbito geral, o processo de centralização urbana tem sido uma característica das cidades

modernas. Seria “[...] a existência de uma área onde se concentram as principais atividades comerciais e de serviços, bem como os terminais de transportes interurbanos e intra-urbanos” (CORRÊA, 2001, p. 123).

Entretanto, segundo Corrêa (2001), o processo de descentralização tem se apresentado com uma maior constante no cenário urbano, aparecendo como uma medida, espontânea ou planejada, com objetivos de diminuição massiva da centralização.

A professora Maria Encarnação Beltrão Spósito, no minicurso Urbanização contemporânea e lógicas espaciais, ministrado no VI Congresso Brasileiro de Geógrafos<sup>38</sup>, apontou que o modelo implantado atualmente nos centros urbanos brasileiros promove a redefinição do par centro-periferia, gerando a multiplicação de áreas centrais, o reforço e difusão da centralidade e a reconcentração e recentralização dos espaços urbanos da cidade. Assim, para a redefinição do centro-periferia, é necessário considerar a economia da urbanização juntamente com uma economia política da cidade.

O processo de urbanização propôs a redefinição das cidades como a capital potiguar, condicionando o surgimento de novas áreas centrais em seu sítio. Nos últimos anos, a cidade de Natal adquiriu um perfil de cidade mercadoria, com rearranjos espaciais típicos de grande parte dos centros urbanos brasileiros, como a especulação imobiliária e a instalação de grandes redes de hipermercados e de inúmeros *shopping centers*, com magazines de marcas famosas no mundo como o Carrefour, Hiper Bompreço e outros empreendimentos bastante conhecidos no país (Figura 15).

---

<sup>38</sup> O VI Congresso Brasileiro de Geógrafos foi realizado na cidade de Goiânia-GO, no período de 18 a 23 de julho de 2004, no *campus* da Universidade Federal de Goiás.



**Figura 15** - Empreendimentos comerciais construídos nos últimos 15 anos ao longo da zona Sul da cidade de Natal.

**Fonte:** Josenardo Alencar Bezerra, jul., 2005.

As interpretações sobre o crescimento urbano da cidade de Natal para as áreas afastadas do centro, especificamente, a expansão acelerada em direção à zona Sul, são associadas ao processo de especulação imobiliária, ao crescimento de atividades comerciais e, em grande medida, à diversidade de serviços pontuais diretamente ligados e requeridos pela atividade turística.

No cenário natalense, o surgimento das novas centralidades é caracterizado pelas paisagens urbanas cada vez mais iguais, seja com a prática comercial difundida pelos novos empreendimentos comerciais e pela especulação imobiliária, tendo o processo de verticalização dos prédios como fenômeno mais visível e, no outro extremo, a ausência de infra-estrutura básica como a inexistência de esgoto tratado e predominância de buracos nas vias públicas. Esse é o plano que possibilita as desigualdades socioespaciais, discriminado, assim, grande parte da população que não tem acesso a estes equipamentos implementados principalmente pelo capital privado.

Os condomínios residenciais, alojados em grande parte fora do perímetro do município de Natal, muitas vezes construídos sem a menor infra-estrutura (ruas

sem calçamento e ausência de iluminação pública), multiplicam-se sem nenhum controle, atropelando as legitimidades ambientais e as identidades locais construídas durante o tempo.

Todavia, as principais vias expressas da cidade dão ensejo aos corredores que impulsionam este novo quadro urbano da cidade, conduzindo para as áreas privilegiadas, mas também para as áreas marginalizadas de Natal. Estes corredores margeiam alguns dos bairros antigos da cidade, como é o caso do Alecrim, que possui instrumentos socioespaciais que o diferenciam dos demais.

Embora grande parte dos residentes do Alecrim sintam-se indignados com o papel atual do bairro no cenário da cidade, o fator geográfico pesa na representação socioespacial e, conseqüentemente, na reafirmação do Alecrim como um espaço central da cidade, que não se dá pela localização geográfica, mas pelas funções que ele desenvolve na cidade (Mapa 6).

Neste contexto, o bairro do Alecrim surge como um espaço de resistência ao processo de marginalização socioespacial observado na cidade. A instalação de novos atributos urbanos proporcionou, conseqüentemente, o surgimento de novas centralidades em Natal.

Este processo acarretou a perda da funcionalidade de alguns bairros tradicionais localizados nas áreas centrais da cidade, como o que vem ocorrendo no bairro de Cidade Alta, o primeiro de Natal, espaço onde, tradicionalmente, as lojas de grife da cidade, como também algumas das importantes redes de lojas do país encontravam-se concentradas, como as Brasileiras, as Pernambucanas, as Casas Cardoso, a Rio Center e as Lojas Americanas, esta última ainda presente no bairro.



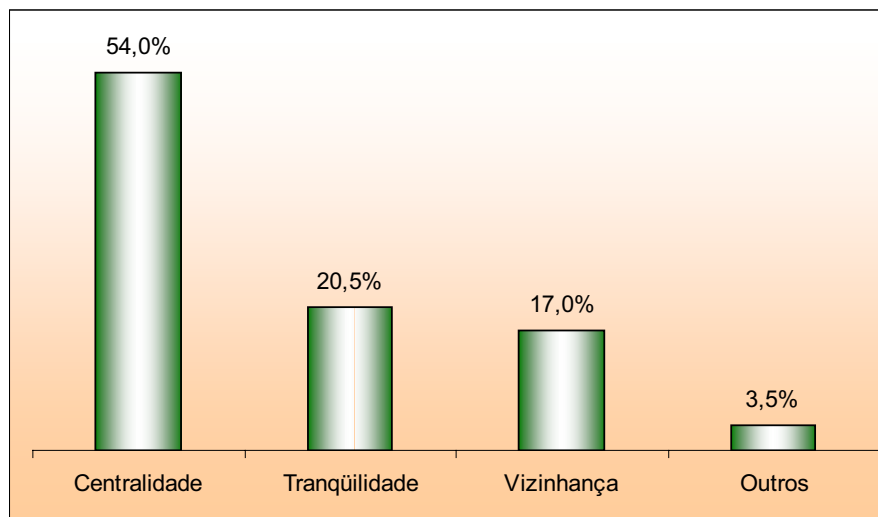


centralidade tomando como referência o território da cidade ou da aglomeração urbana, a partir de seu centro ou centros” (SPÓSITO, 1998, p. 27).

O que deve ser entendido acerca da lógica da centralidade do bairro do Alecrim, lugar de encontro e de práticas socioespaciais da população natalense, deriva da sua localização geográfica, o que disponibiliza a existência de importantes corredores de circulação de veículos e de pessoas que cruzam a cidade diariamente. Estas são atraídas pela oferta de serviços urbanos disponibilizados, em grande parte, pelos moradores do bairro.

Em decorrência, o povoamento sucessivo do bairro deriva da existência e do crescimento dos empregos nessas direções. Isso comprometeu, em tempos passados, a necessidade da disposição de terras de uso rural para serem transformadas em terras para uso urbano, ou seja, as antigas granjas e currais foram dando lugar aos mercadinhos, mercearias e feiras populares, que hoje deram origem a um grandioso comércio e ponto de convergência e de centralidade urbana na cidade de Natal.

Quando perguntado a alguns moradores se estariam satisfeitos em viver no bairro, 94% dos entrevistados responderam que sim. Dentre os maiores motivos, foram citados: a vizinhança amigável e presente há bastante tempo nas proximidades de sua casa; a tranquilidade social do bairro, embora nos últimos anos a violência tenha crescido e tomado o sossego de parte dos que trabalham e vivem no bairro; e, com a maioria das verificações, a centralidade sujeita no Alecrim, caracterizada pelos moradores como uma vantagem no acesso a alguns serviços necessários para a sua reprodução social (Gráfico 7).



**Gráfico 7** - Qualidades do bairro apontadas pelos moradores do Alecrim.

**Fonte:** Pesquisa de campo, dez, 2004.

Sobre a discussão conceitual de centralidade, Silva (2001, p. 107)<sup>39</sup> ressalta que o entendimento “[...] das diferentes concepções teóricas que abordam a noção de centro e centralidade são indispensáveis para o entendimento da forma urbana [...]”, que analisa o conceito de estrutura e estruturação urbana, ou seja, a reestruturação urbana, promovida pelo processo de urbanização das cidades.

Essa reestruturação pode ser vista na cidade quando há o adensamento da integração da rede urbana natalense à economia capitalista. Nesse contexto, a invasão dos grandes empreendimentos nacionais e internacionais impõe padrões de produção e, principalmente, de consumo, enquanto o espaço econômico, social, político, cultural e ideológico é afetado por essa mudança.

Dentro dessa dinâmica, são várias as redefinições da centralidade urbana no interior das cidades, dentre as quais destacamos as que apontam para o surgimento de novos equipamentos comerciais e de serviços concentrados em

<sup>39</sup> Entretanto, foi Walter Christaller quem elaborou a teoria dos lugares centrais no seu trabalho: *Central Places in Southern Germany*, escrito originalmente em 1933.

outras localidades, determinando, assim, grandes mudanças de impacto no papel e na estrutura do centro principal ou tradicional (SPÓSITO, 1998).

Quando nos remetemos aos bairros tradicionalmente centrais da cidade de Natal, novamente destacamos o papel do Alecrim, como espaço de resistência a este processo de reestruturação urbana na cidade. Como já foi dito, a estrutura construída ao longo dos anos proporciona o surgimento e a manutenção de alguns atributos urbanos importantes para a reprodução do espaço urbano natalense.

Algumas destas estruturas foram surgindo antes mesmo da criação do bairro, como o primeiro cemitério da cidade, marco importante na viabilização e expansão urbana da cidade de Natal, assim como a Base Naval e as igrejas de São Pedro e São Sebastião, verdadeiros símbolos da consolidação e ocupação do bairro. Das construções mais recentes, podemos citar o hospital da Policlínica, situado na rua Sílvio Pélico, e o surgimento do grandioso comércio popular, que traz consigo um contingente enorme de pessoas diariamente ao bairro.

As espacialidades em Natal vêm afirmar que o capital que rege a formação e a manutenção dos produtos urbanos promove a acentuação da diferenciação e segregação entre as pessoas e lugares.

Numa sociedade de classes, esta espacialidade contém a lógica e o sentido dado pela diferenciação social e econômica, e o poder de produzir / transformar / consumir esta espacialidade está também determinado por esta diferenciação (SPÓSITO, 2005, s.p.).

Mesmo aqueles que migraram de outros estados ou do interior do Rio Grande do Norte encontraram o Alecrim como um reduto para sua reprodução avessa aos condicionantes representados nos espaços detentores de novos atributos urbanos aportados na cidade.

Conforme pode ser observado nos itens anteriores, os instrumentos da reprodução social dos assentamentos urbanos no bairro do Alecrim constituem nucleações relativamente antigas, datadas de meados do século passado. As heterogeneidades infra-estruturais são um tanto perceptíveis, contudo, a estratificação social mostra-se ainda adormecida.

O importante a ser colocado sobre este fato é que o tempo próprio do bairro, o tempo comum e o seu cotidiano confundem-se com a vivência do seu morador mais antigo, o que incide determinações no processo social de diversas modalidades de produção do espaço.

Esse processo de reconhecimento do espaço do bairro como seu viés de semelhança e histórico de produção tem como escala de representação o papel posto à cidade de Natal, como local da administração, da política e da ordenação formal do espaço, deixando distante, neste caso, o bairro do Alecrim como o espaço do pobre, da desordem, do feio.

Nesta relação, pode-se observar que as continuidades históricas foram atributos da cultura adquirida desde a origem dos seus moradores, sendo transmitidas em contradição com a disposição dos meios de vida e das formas de uso do tempo e do espaço imposto pelo processo de urbanização observado na cidade.

A Geografia da Resistência aos usos exacerbados do espaço e a reafirmação do Alecrim como bairro passa pela idéia de preservação, tradição da não aceitação do novo ou do chamado moderno. Em uma de suas maiores produções literárias, Castells (2000) ressalta que a origem da construção das identidades está distribuída como identidade legitimadora, de projeto e de resistência. Esta última é:

Criada por atores sociais que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos [...] (CASTELLS, 2000, p. 24).

Sabemos que a identificação de cada um com o lugar em que esteja instalado deriva da condição de cada morador que pertence a uma família e nutre a continuidade da vida cotidiana no bairro. O Alecrim adquiriu este papel através de práticas concretas que o projetaram para a sociedade natalense segundo a premissa da vida coletiva desempenhada durante muito tempo, dentre outros elementos socioculturais.

Através do emprego do urbano, como, por exemplo, a experiência no estilo de morar, na atividade comercial, tendo o ambulante como um ícone, entre outros elementos que deram forma ao bairro. As novas formas de uso do tempo tiveram que descrever um longo processo, para que certos elementos, enraizando-se na vida local, fossem sendo adaptados na medida em que o Alecrim chega a ser um bairro extremamente popular.

As formas de resistência impostas pelo Alecrim emergem amparadas nas contradições impostas pelo capital, dando-se no estreito limite da produção do espaço urbano enquanto reprodução da vida humana em sua plena dimensão. Não custa lembrar que “O espaço urbano é o espaço da reprodução das relações sociais que envolvem várias dimensões da vida humana” (CARLOS, 2005, p. 91).

São estes elementos que tentamos, através da observação direta, das entrevistas e de uma vasta pesquisa bibliográfica, resgatar ao longo deste estudo com o objetivo de caracterizar o bairro do Alecrim a partir de uma base geo-histórica,

rica e complexa que contribuiu na modelagem do espaço urbano que se articula com o todo que compõe a cidade de Natal.

Talvez não tenha sido possível pesquisar todo o inventário do bairro, mas resgatamos e analisamos os grupos que sustentam a sua existência. Segundo Lefebvre (1975, p. 202, grifo do autor), existem diferentes tipos de bairros:

[...] os que se mantêm, os que se consolidam e os que desaparecem. Esta classificação exige um estudo das imbricações e relações internas e externas entre os bairros e os que lhe rodeiam. Pode ser que seja decisiva a relação “centro - periferia”. Pode ser também que determine a tendência às vias de acesso e circulação.

Por isso, o estudo do bairro na cidade, do indivíduo no bairro. Aquele que absorveu o tempo é o operário deste cotidiano no Alecrim. A permanência deste indivíduo e da sociedade como um todo que interage mútua e reciprocamente, para se servir, manter, sustentar e desenvolver um ao outro, no mesmo lugar, durante muitos anos, espelha a identificação daquele que abrigou este espaço por um longo processo histórico.

Torna-se importante frisar que as possibilidades de estudo do bairro, diante de sua totalidade, são bastante amplas e complexas, visto que, nesta pesquisa, procuramos abordar apenas alguns aspectos desta extensa gama de conteúdos. Sendo assim, lembramos que o processo geo-histórico do bairro está contido num conjunto maior da cidade de Natal, que possui um conteúdo de teor mais exaustivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período e o conjunto de estudos e pesquisas compreendidos nas partes apresentadas neste trabalho vieram tratar da reafirmação do Alecrim como um importante bairro no cenário socioespacial da cidade de Natal. E, para o entendimento destes estudos e pesquisas, foi necessário discernir algumas teorias trabalhadas pela Geografia, como também por outras discussões até então esquecidas na academia.

O estudo do espaço e, sobretudo, do espaço urbano, é um adendo que não poderíamos deixar de prestigiar neste trabalho, ainda mais que pretendíamos estudar a vida cotidiana de um espaço repleto de instrumentos construídos no decorrer do tempo pelo habitante do bairro. Embora estivéssemos um tanto familiarizados com a discussão desta importante categoria de análise da Geografia, confessamos que a reflexão não tenha sido enfadonha, mas um passeio às primeiras aulas de teoria geográfica desenvolvidas nas cadeiras da universidade.

Nesse contexto, o estudo realizado sobre o espaço, aliado ao entendimento do processo de urbanização verificado nas cidades brasileiras, em particular na cidade de Natal, nos revelou que a produção do espaço no bairro do Alecrim foi marcada por momentos distintos, caracterizando-se de acordo com cada fase do desenvolvimento urbano na capital potiguar.

E, para o entendimento destes fatos, nos utilizamos dos ensinamentos fornecidos pela Geografia Histórica, pois, apesar de muitos a desconhecerem, seu conteúdo sempre esteve presente na história e na interpretação da produção dos espaços.

Assim, uma incursão no estudo do processo histórico do bairro, no contexto da cidade de Natal, permitiu a ampliação do entendimento da formulação lógica da vida cotidiana do alecrinense, da realidade histórica dos processos e, por conseguinte, contribuiu para substanciar nossa pesquisa.

Além disso, nos deparamos com a procura e o entendimento do conceito de bairro em uma vasta literatura cadastral e teórica da realidade desta importante unidade do espaço. Esta busca tinha com objetivo reafirmar o Alecrim como um bairro de grande representatividade socioespacial na atual configuração urbana da cidade de Natal, dando, assim, um suporte para nossa investigação e possibilitando a descoberta de algumas fontes e trabalhos com temáticas semelhantes ao que estamos desenvolvendo atualmente na ciência geográfica.

Isso posto, descobrimos que, para entender a organização espacial do bairro do Alecrim, torna-se importante traçar as constatações gerais de seu aparato social e físico-concreto instalado no decorrer de sua história. O comportamento atribuído aos que fazem o Alecrim está diretamente ligado a este aparato de vivência e apego ao bairro.

Cooptamos que o processo histórico é o fator primordial da atual organização espacial do bairro do Alecrim, e esta mostra-se intimamente vinculada à produção espacial da sociedade, verificada no seu âmbito e influenciada, sobretudo, pelos grupos de pessoas vindas do interior dos estados nordestinos que trouxeram um estilo de vida próprio para aquele bairro.

Sua origem populacional é categoricamente formada por imigrantes provenientes, principalmente, do Sertão, o que resultou num bairro cuja população construiu um modo de ser próprio, fruto da diversidade cultural que aí se instalou e vem se mantendo até os dias atuais.



Esta configuração engendrou a construção de uma forte identidade do povo com o bairro, caracterizada pela consolidação de alguns espaços de resistência no Alecrim, como a herança comercial, vinda desde a instalação da feira que, em sua amplitude, tem certa representatividade na cidade. Assim, reforçamos a idéia de que não podemos analisar o bairro isoladamente, mas sim, dentro de uma escala maior em que está inserido, pois a única maneira de estudar o bairro é ter a cidade como referência para ele e, enquanto totalidade, a cidade é a sociedade (SEABRA, 2003).

Isso posto, ficou claro para nós que o entendimento do processo geo-histórico do bairro do Alecrim está inserido no contexto maior da cidade de Natal, justificando, assim, a análise, por exemplo, da influência do segundo grande conflito mundial e a vinda dos imigrantes fugidos da seca para a cidade.

Entendemos que a evolução urbana tem mais conteúdo que uma simples listagem da história de um espaço. No Alecrim, a apropriação destes fatos concretos incorporou costumes ao cotidiano socioespacial do alecrinense.

Assim, o conjunto de discussões pautadas serviu para sanear os problemas que tivemos para o entendimento do Alecrim. E estas foram cruzadas no estudo do seu espaço composto pelos moradores que representam o *corpus* do bairro.

As conclusões vêm reafirmar o estudo geo-histórico como fator primordial para o entendimento da atual organização espacial do bairro do Alecrim: sua localização geográfica, não apenas resultante da expansão urbana, mas, sobretudo, a passagem das comunicações campo-cidade que se desenvolveram e ainda se desenvolvem para formação do alicerce alecrinense.

Neste sentido, concluímos que o bairro do Alecrim, como todo espaço urbano de uma cidade, está em constante transformação. Contudo, o mesmo manteve, desde os primórdios, uma função residencial voltada para as camadas proletárias da população que se instalava na cidade de Natal. Mesmo com essa tradicional função, consolidada no decorrer dos anos, a característica residencial adotada pelo bairro do Alecrim começa a dar sinais de desaparecimento, principalmente pelo surgimento de outras áreas na cidade que desenvolvem esse mesmo papel de forma mais eficiente, com moradias mais modernas e confortáveis. E ainda, com o intenso crescimento de seu comércio, o preço do solo passou a ser bastante elevado para os setores sociais antes nele residentes.

O bairro continua com seu caráter popular, mas os processos espaciais encarregaram-se de criar novas formas, as quais vêm proporcionando, no decorrer do tempo, uma gradual substituição e adaptação de funções, antigamente mais salientes, como, por exemplo, a particularidade do Alecrim que não perdeu a sua centralidade no contexto local, ao passo que o bairro de Cidade Alta vem passando por um período de decadência na cidade.

Por fim, consideramos que seja preciso repensar os espaços da cidade de modo que as transformações oriundas da evolução do capitalismo se dêem de forma menos agressiva, criando mecanismos através de um planejamento adequado que preserve a memória urbana construída no decorrer do tempo e proporcione a criação de melhores condições para os que vivem nestes espaços antigos da cidade.

Sem a pretensão de formalizar conclusões, salientamos a importância deste estudo, como mais um trabalho que poderá servir como ponto de partida para outros que por ventura surgirem sobre a temática, cujos conteúdos estão inseridos no contexto da Geografia ou das demais ciências humanas. A riqueza de elementos

socioculturais que o bairro do Alecrim apresenta constitui-se, pois, num largo e profundo campo de pesquisa nesta área do conhecimento.

É importante frisar que o referencial teórico utilizado neste trabalho é bastante extenso e complexo e, por isso, as teorias não foram abordadas em sua totalidade. Sendo assim, o processo de conhecimento do tema não está esgotado enquanto existirem o conhecimento científico e aqueles que apostarem na sua busca.

Não é possível deixar de relatar a figura do bairro do Alecrim que proporcionou inúmeras discussões em vários eventos que participamos pelo Brasil, como pessoas comuns ao cotidiano daquele espaço que muito nos instiga até hoje e que proporcionou o surgimento de novas questões no término deste trabalho.

Como: quais serão as novas espacialidades que o processo de crescimento urbano verificado na cidade de Natal tratará de criar no bairro do Alecrim? O bairro do Alecrim conseguirá efetivamente resistir ao ritmo crescente da dinâmica socioespacial verificada em Natal e, com isso, continuar a ser um espaço de características residenciais e significadamente de comércio popular? Até que ponto e de que maneira poderemos analisar o bairro do Alecrim como um espaço importante para a configuração socioespacial de Natal? Estas são algumas questões que ficam para serem abordadas em futuras pesquisas, mas lembramos que, no contexto em que redescobrimos o bairro do Alecrim, em qualquer espaço geográfico, é necessário sempre partir da realidade do presente para buscarmos respostas do passado.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.ablc.com.br/historia/hist\\_ablc.htm](http://www.ablc.com.br/historia/hist_ablc.htm). Acesso em: 20 abr. 2005.

ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1988.

\_\_\_\_\_. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, p. 5-26, jan./jun. 1998.

ALMEIDA, Antônio Alves de. **Nova Enciclopédia de Pesquisa Fase**. Rio de Janeiro: Editora Fase, 1981. v. 2.

ANDRADE, Margarida Maria de. **Bairros Além-Tamanduatei: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho**. 1991. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1948. v. 1.

AZEVEDO, Aroldo de. Vilas e cidades do Brasil colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva. **Geografia, espaço e memória**. **Terra Livre**, São Paulo, n. 10, p. 23-78, jan./jul. 1994.

BANDEIRA, Lucia Batista. **Mallet** - um bairro eleito e demarcado afetivamente. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

BARROS, Sandra Augusta Leão. Que recorte territorial podemos chamar de bairro? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. **Revista de Urbanismo**, Santiago de Chile, n. 9, mar. 2004. Disponível em: <<http://revistaurbanismo.uchile.cl/>>. Acesso em: 20 abr. 2004.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar**: vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

\_\_\_\_\_. “Novas” contradições do espaço. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; DAMIANI, Amélia Luisa; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (Org.). **O espaço no fim do século**: nova raridade. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação de vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001b.

\_\_\_\_\_. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005. (Repensando a Geografia).

CARVALHO, Evaldo Rodrigues de. **Alecrim**: ontem, hoje e sempre. Natal: Nordeste Gráfica, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. 3. ed. Natal: Instituto Histórico e Geográfico, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. Sociedade em rede. In: **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. v. 1. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. O poder da identidade. In: **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. v. 2. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Economia e urbanização**: o Rio Grande do Norte nos anos 70. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Edart, 1972.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. Espaço, um conceito chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias geográficas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Ademir Araújo da. **Tecnologia e Desemprego**: o caso da região salineira de Macau-RN. Natal: UFRN/CCHLA, 1993.

\_\_\_\_\_. **A verticalização e as transformações do espaço urbano de Natal-RN**. 2000. 354 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. 39. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

CUNHA, Gersonete Sotero da. **Alecrim**: o bairro do povão. Rio Claro: UNESP, 1982. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. **Natal**: o processo de expansão territorial urbana. 1987. 196 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 1987.

DAMIANI, Amélia Luisa. **O espaço no fim do século**. São Paulo: Contexto, 1999.

DUARTE, Cláudio Roberto. **Estilhaços da experiência urbana moderna**: dois bairros na metrópole de São Paulo: Tatuapé e Vila Aimoré. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ENCYCLOPAEDIA Britannica do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

ERTHAL, Rui. Geografia Histórica - considerações. **Geographia**, Niterói, ano 5, n. 9, p. 29-39, 2003.

FAIR, Susan. Inuqiat naming and community history: The Tapqaq and Saniniq Coasts near Shismaref, Alaska. **Professional Geographer**, v.49, n.4, 1997.

FAISSOL, Speridião. **O Espaço, território, sociedade e desenvolvimento brasileiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FRANBACH, Tereza Cristina Arouca. **São Cristóvão**: da opulência à refuncionalização: um bairro do entorno periférico da área central do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

FURTADO, Edna Maria. O bairro do Alecrim: a construção de um estilo próprio para sobreviver. **Sociedade e Território**, Natal, 2004. No prelo.

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. Tradução do Grupo de Estudos Franceses de Interpretação e Tradução. São Paulo: Difel, 1983.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Anieres Barbosa da; SILVA, Valdenildo Pedro da. O setor terciário em Natal. In: VALENÇA, Márcio Moraes; GOMES, Rita de Cássia da Conceição (Org.). **Globalização e Desigualdade**. Natal: A. S. Editores, 2002. p. 289-310.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 1993.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HIKUNA, José Carlos. **O bairro do Brás: o espaço do comércio ambulante**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico do Rio Grande do Norte 1960**. Rio de Janeiro, 1960.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico do Rio Grande do Norte 1970**. Rio de Janeiro, 1970.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico do Rio Grande do Norte 1980**. Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico do Rio Grande do Norte 1991**. Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico do Rio Grande do Norte 2000**. Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. **Portal Cidades@**: O Brasil município por município. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 14 jul. 2005.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAMAS, José Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1993.

LEFEBVRE, Henri. Barrio y vida de barrio. In: \_\_\_\_\_. **De lo rural a lo urbano**. 3. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975, p. 195-203.

\_\_\_\_\_. **Espacio y política**. Barcelona: Península, 1976.



LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LIMA, Pedro de. **Saneamento e modernização em Natal**: Januário Cicco 1920. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

LOPES JÚNIOR, Edmilson. **A construção social da cidade do prazer**. Natal: EDUFRN, 2000.

MAIA, Doralice Sátyro. **Tempos lentos na cidade**: permanência e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB. 2000. 364 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARINHO, André Luiz Santana. **A praça, de novo, volta a ser do povo**: um estudo etnográfico do espaço e da prostituição na Praça Gentil Ferreira. 2003. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MARTIN, André Roberto. **O bairro do Brás e a deterioração urbana**. 1984. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

MATHIAS, Gilberto. Urbanização e sub-desenvolvimento: setor informal e estratégias de sobrevivência. **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 14, 1985.

MEDEIROS FILHO, Olavo. de. **Terra natalense**. Natal: José Augusto, 1991.

MENDES, Renato Silveira. Os bairros da Zona Norte e os bairros orientais. In: AZEVEDO, Aroudo de (Org.). **A cidade de São Paulo**: estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. v 3, p. 183-255.

MIRANDA, João Maurício Fernandes de. **Evolução urbana de Natal em 400 anos 1599-1999**. Natal: IATE, 1999. Produção independente.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. 2004. 448 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

NASCIMENTO, Gerson Gomes do. **Shopping-centers**: elementos de (re)produção urbana na Zona Sul de Natal-RN. 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

PREFEITURA DA CIDADE DO NATAL. **Natal 400 anos**. Natal: Prefeitura da Cidade do Natal / SEMURB, 1999. 1 CD-ROM.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Agricultura brasileira: transformações recentes. In: ROSS, Jurandir Luciano Sanches. (Org.). **Geografia do Brasil**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 465-534.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno Urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 26-67.

PAZERA JÚNIOR, Eduardo. **A feira de Itabaiana - PB**: permanência e mudança. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PEREGRINO, Umberto. **Crônicas de uma cidade chamada Natal**. Natal: Clima Edições. 1989.

RAMOS, Aluísio Wellichan. **Fragmentação do espaço da/na cidade de São Paulo**: espacialidades diversas do bairro da Água Branca. 2001. 196 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Os aspectos sócio-econômicos do trabalhador/trabalho informal na cidade do Natal**. Natal: PPGGe - DGE, 2001.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, Carlos Nelson dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: EDUFF, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**: técnica e tempo razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2005a.

\_\_\_\_\_. As cidades locais no Terceiro Mundo: o caso da América Latina. In: SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005b. p. 85-92.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCARLATO, Francisco Capuano. **O real e o imaginário no Bexiga**: autofagia e renovação urbana no bairro. 1988. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. População e urbanização brasileira. In: ROSS, Jurandir Luciano Sanches. (Org.). **Geografia do Brasil**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 381-463.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996, p.71-86.

\_\_\_\_\_. **Urbanização e fragmentação**: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. 2003. 397 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. **Cidades**. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, v. 1, n. 1, p. 181-206, jul./dez. 2004.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL.  
**Subprograma de Desenvolvimento Institucional**: município de Natal-RN. Natal: Programa Habitar Brasil, 2001. 1 CD-ROM.

SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO. **Natal 2003:** conheça melhor a nossa cidade. Natal: Prefeitura do Natal, 2003. 1 CD-ROM.

SILVA, Armando Corrêa da. **A metrópole ampliada e o bairro metropolitano, o caso de São Paulo:** o bairro da Consolação. 1982. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. **As singularidades do bairro na realização da cidade** - um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre na cidade de João Pessoa-PB. 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SILVA, Willian Ribeiro da. Centro e centralidade: uma discussão conceitual. **Formação**, Presidente Prudente, n. 8, p. 107-115, 2001.

SOARES, Terezinha Segadas. O conceito de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 3/4, p. 1938-1972, 1958.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUSA, Antônio Candido Mello. **Os parceiros do rio Bonito.** São Paulo: Duas Cidades, 1987.

SOUZA, Bernardinho José de. **Dicionário da terra e da gente do Brasil.** 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

SOUZA, Itamar de. Nova História de Natal. **O Diário**, Natal, maio/out. 2001, Caderno especial, 734p.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O que pode o ativismo de bairro?** Reflexão sobre as limitações e potencialidades do ativismo de bairro à luz de um pensamento autonomista. 1988. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, 1988.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaio e abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n.2, p.139-172, abr./jun. 1989.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, p. 25-37, jan./jun. 1998.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo e urbanização**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando a Geografia).

\_\_\_\_\_. Espacialidade, cotidiano e poder. **Revista Paranaense de Geografia**. Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, Curitiba, n. 1, Disponível em: <<http://www.agbcuritiba.hpg.ig.com.br/Revistas/Rpg1/>>. Acesso em: 11 jul. 2005.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **A produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém: EDUFPA / NaEA, 1997.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Dois séculos de pensamento sobre a cidade**. Ilhéus: Editus, 1999.

VAZ, Lilian Fessler. **Modernidade e moradia**: habitação coletiva no Rio de Janeiro séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

WILHEIM, Jorge. **O bairro, unidade urbana**. Projeto São Paulo: propostas para a melhoria da vida urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

**Apêndice A** - Formulário de pesquisa aplicado aos moradores do bairro do Alecrim.

(continua)

FORMULÁRIO DE PESQUISA		Nº		
<b>DOMICÍLIOS DO BAIRRO DO ALECRIM EM NATAL-RN (DATA BASE: 31/12/2004)</b>				
NOME DO ENTREVISTADO: _____				
NATURALIDADE: _____		IDADE: _____		
ENDEREÇO: _____				
INFORMAR LOCALIDADE (RUA, VILA, COMUNIDADE ETC)				
SEXO:	<input type="checkbox"/> MASCULINO	<input type="checkbox"/> FEMININO		
ONDE RESIDIA ANTES DE MORAR NO BAIRRO DO ALECRIM?		INFORMAR		
<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="font-size: 2em; margin-right: 5px;">{</div> <div> <p>TEMPO DE RESIDÊNCIA NO BAIRRO</p> </div> </div>	<input type="checkbox"/> OUTRO BAIRRO	_____		
	<input type="checkbox"/> OUTRA CIDADE	_____		
	<input type="checkbox"/> OUTRO ESTADO	_____		
	<input type="checkbox"/> OUTRO PAÍS	_____		
	<input type="checkbox"/> RESIDE TODA A VIDA NO BAIRRO			
<input type="checkbox"/> ATÉ 1 ANO	<input type="checkbox"/> MAIS DE 3 A 6 ANOS	<input type="checkbox"/> MAIS DE 10 A 20 ANOS		
<input type="checkbox"/> MAIS DE 1 A 3 ANOS	<input type="checkbox"/> MAIS DE 6 A 10 ANOS	<input type="checkbox"/> MAIS DE 20 ANOS		
		QUANTOS? _____		
CONDIÇÕES SANITÁRIAS:				
FOSSA SANITÁRIA	<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO		
ESGOTO	<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO		
DESTINO DO LIXO:	<input type="checkbox"/> COLETADO	<input type="checkbox"/> ENTERRADO	<input type="checkbox"/> JOGADO	<input type="checkbox"/> QUEIMADO
ABASTECIMENTO D'ÁGUA:	<input type="checkbox"/> ENCANADA	<input type="checkbox"/> POÇO	<input type="checkbox"/> CACIMBA	<input type="checkbox"/> OUTRO
SITUAÇÃO DO IMÓVEL:				
<input type="checkbox"/> QUITADO	<input type="checkbox"/> ALUGADO	<input type="checkbox"/> HERDADO		
<input type="checkbox"/> EM AQUISIÇÃO	<input type="checkbox"/> OUTRA	_____		
TIPO DA CONSTRUÇÃO DA MORADIA:				
<input type="checkbox"/> ALVENARIA	<input type="checkbox"/> TAIPA	<input type="checkbox"/> OUTRO		
NÚMERO DE CÔMODOS DA CASA:				
<input type="checkbox"/> ENTRE 2 A 4	<input type="checkbox"/> ENTRE 4 A 6	<input type="checkbox"/> 6 OU MAIS		
EXISTE MORADIA ANEXA DE PARENTES:				
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	TIPO: _____		
NÚMERO DE PESSOAS QUE HABITAM NA CASA?				
<input type="checkbox"/> →	<input type="checkbox"/> TOTAL HOMENS	<input type="checkbox"/> TOTAL MULHERES		

(continua)

BENS DE CONSUMO QUE DISPÕE EM CASA:

<input type="checkbox"/>	VENTILADOR	<input type="checkbox"/>	RÁDIO	<input type="checkbox"/>	BICICLETA	<input type="checkbox"/>	MAQ. DE LAVAR
<input type="checkbox"/>	GELADEIRA	<input type="checkbox"/>	VÍDEO	<input type="checkbox"/>	BATEDEIRA	<input type="checkbox"/>	FERRO ELÉTRICO
<input type="checkbox"/>	COMPUTADOR	<input type="checkbox"/>	DVD	<input type="checkbox"/>	FOGÃO	<input type="checkbox"/>	MAQ. FOTOGRÁFICA
<input type="checkbox"/>	TELEVISÃO	<input type="checkbox"/>	MOTO	<input type="checkbox"/>	CARRO	<input type="checkbox"/>	APR. SOM
<input type="checkbox"/>	ANTENA PARABÓLICA	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	LIQUIDIFICADOR		

GRAU DE ESCOLARIDADE DO ENTREVISTADO:

<input type="checkbox"/>	ANALFABETO	<input type="checkbox"/>	ENSINO MÉDIO COMPLETO
<input type="checkbox"/>	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	<input type="checkbox"/>	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
<input type="checkbox"/>	ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	<input type="checkbox"/>	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
<input type="checkbox"/>	ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	<input type="checkbox"/>	PÓS-GRADUAÇÃO

PARTICIPA DE CONSELHO COMUNITÁRIO:

SIM  NÃO

FILIAÇÃO PARTIDÁRIA:

SIM  NÃO PARTIDO: \_\_\_\_\_

QUAL É SUA RELIGIÃO?

NÃO TEM  EVANGÉLICA  CATÓLICA  OUTRA

OCUPAÇÃO:

COMERCIANTE  APOSENTADO  SERV. PÚBLICO  
 AUTÔNOMO  OUTRA ATIVIDADE  
QUAL? \_\_\_\_\_

RENDA FAMILIAR MENSAL

ATÉ 1 SALÁRIO  MAIS DE 1 E ATÉ 2  MAIS DE 2 E ATÉ 3  
 MAIS DE 3 E ATÉ 4  MAIS DE 4 SALÁRIOS \* SALÁRIO: R\$ 260,00

POSSUI OUTRA FONTE DE RENDA?

SIM  NÃO QUAL? \_\_\_\_\_

EM SUA RESIDÊNCIA MORA ALGUM PARENTE APOSENTADO? (Recebendo o benefício previdenciário)

SIM  NÃO GRAU DE PARENTESCO? \_\_\_\_\_

QUANTAS PESSOAS DA FAMÍLIA (UNIDADE HABITACIONAL) TRABALHAM?

1  2  3  
 4  5  6 OU MAIS

(conclusão)	
VOCÊ ESTÁ SATISFEITO EM MORAR NO BAIRRO DO ALECRIM?	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
POR QUÊ? _____	
QUAIS OS PRINCIPAIS PROBLEMAS NO BAIRRO? _____	
O QUE NECESSITA NO BAIRRO? _____	
OBSERVAÇÕES: _____	
DATA: ____ / ____ / ____	PESQUISADOR: _____



**Apêndice B - Relação com as vias e datas de aplicação dos formulários.**

(continua)			
Vias	Categoria	Data da aplicação do formulário	Número do formulário
Maristela Lopes de Farias	Rua	23/12/2004	1
Presidente Sarmento	Travessa	23/12/2004	2
Rocha Pombo	Rua	23/12/2004	3
Rocha Pombo	Rua	23/12/2004	4
Maestro Valdemar de Almeida	Rua	23/12/2004	5
Maestro Valdemar de Almeida	Rua	23/12/2004	6
Coronel José Domingues.	Rua	23/12/2004	7
Coronel José Domingues.	Rua	23/12/2004	8
Copacabana	Rua	23/12/2004	9
Copacabana	Rua	23/12/2004	10
Copacabana	Rua	23/12/2004	11
Copacabana	Rua	23/12/2004	12
Maestro Valdemar de Almeida	Rua	23/12/2004	13
Tororós	Rua	23/12/2004	14
Tororós	Rua	23/12/2004	15
Baía de São Marco	Rua	23/12/2004	16
Baía de São Marco	Rua	23/12/2004	17
Torres Galvão	Rua	23/12/2004	18
Mirabeau Pereira	Rua	23/12/2004	19
Cícero Mendonça	Rua	23/12/2004	20
Cícero Mendonça	Rua	23/12/2004	21
São Luiz	Travessa	23/12/2004	22
Filhas de Santana	Rua	23/12/2004	23
Francisco Gonzaga	Rua	23/12/2004	24
Filhas de Santana	Rua	23/12/2004	25
Francisco Gonzaga	Rua	23/12/2004	26
Francisco Gonzaga	Rua	23/12/2004	27
Castro Alves	Rua	23/12/2004	28
Canindés	Travessa	23/12/2004	29
São José	Travessa	23/12/2004	30
Maestro Valdemar de Almeida	Rua	23/12/2004	31
Epitácio Pessoa	Avenida	27/12/2004	32
Epitácio Pessoa	Avenida	27/12/2004	33
Presidente Mascarenhas	Travessa	27/12/2004	34
Presidente Mascarenhas	Travessa	27/12/2004	35
Presidente Mascarenhas	Travessa	27/12/2004	36
Presidente Mascarenhas	Travessa	27/12/2004	37
Monteiro	Rua	27/12/2004	38
Doze de outubro	Travessa	27/12/2004	39
Dr. Alfredo Lira	Rua	27/12/2004	40
Epitácio Pessoa	Avenida	27/12/2004	41
Epitácio Pessoa	Avenida	27/12/2004	42
Presidente Mascarenhas	Travessa	27/12/2004	43
Presidente Mascarenhas	Travessa	27/12/2004	44
Monteiro	Rua	27/12/2004	45
Dr. Alfredo Lira	Rua	27/12/2004	46
Dr. Alfredo Lira	Rua	27/12/2004	47
Franklinn	Vila	27/12/2004	48

(continua)

Vias	Categoria	Data da aplicação do formulário	Número do formulário
Maristela	Vila	27/12/2004	49
Franklinn	Vila	27/12/2004	50
Maristela	Vila	27/12/2004	51
Santo Antonio	Vila	27/12/2004	52
Torres	Vila	27/12/2004	53
Jerusa Maria	Vila	27/12/2004	54
Presidente Dutra	Avenida	27/12/2004	55
Viana	Vila	27/12/2004	56
Tenente Roque	Vila	27/12/2004	57
Nunes	Vila	27/12/2004	58
Nunes	Vila	27/12/2004	59
Cabugi	Rua	29/12/2004	60
Tocantins	Rua	30/12/2004	61
Jerusa Maria	Vila	27/12/2004	62
Santo Antonio	Vila	27/12/2004	63
Torres	Vila	27/12/2004	64
Presidente Dutra	Avenida	27/12/2004	65
Viana	Vila	27/12/2004	66
Tenente Roque	Vila	27/12/2004	67
Tenente Roque	Vila	27/12/2004	68
Nunes	Vila	27/12/2004	69
Nunes	Vila	27/12/2004	70
São Vicente	Rua	28/12/2004	70
São Vicente	Rua	28/12/2004	71
Presidente José Bento	Travessa	28/12/2004	72
Desembargador Oscar Siqueira	Rua	28/12/2004	73
Desembargador Oscar Siqueira	Rua	28/12/2004	74
João Machado	Travessa	28/12/2004	75
Doutor João Machado	Rua	28/12/2004	76
João Machado	Travessa	28/12/2004	77
Bulhões	Travessa	28/12/2004	78
Elói de Sousa	Rua	28/12/2004	79
São Vicente	Rua	28/12/2004	80
São Vicente	Rua	28/12/2004	81
Desembargador Oscar Siqueira	Rua	28/12/2004	82
Desembargador Oscar Siqueira	Rua	28/12/2004	83
Desembargador Oscar Siqueira	Rua	28/12/2004	84
João Machado	Rua	28/12/2004	85
João Machado	Rua	28/12/2004	86
Bulhões	Travessa	28/12/2004	87
Elói de Sousa	Rua	28/12/2004	88
Pastor Antonio Andrade	Rua	28/12/2004	89
Pastor Antonio Andrade	Rua	28/12/2004	90
São Francisco	Rua	28/12/2004	91
São Francisco	Rua	28/12/2004	92
Artur Dumaresq	Rua	28/12/2004	93
Luzinete	Vila	28/12/2004	94
São Francisco	Rua	28/12/2004	95

(continua)

Vias	Categoria	Data da aplicação do formulário	Número do formulário
Fábio Rino	Rua	28/12/2004	96
Fábio Rino	Rua	28/12/2004	97
Presidente Gonçalves	Rua	28/12/2004	98
São Francisco	Rua	28/12/2004	99
Pastor Antonio Andrade	Rua	28/12/2004	100
São Francisco	Vila	28/12/2004	101
Artur Dumaresq	Rua	28/12/2004	102
São Francisco	Vila	28/12/2004	103
Fábio Rino	Rua	28/12/2004	104
Fábio Rino	Rua	28/12/2004	105
São Francisco	Vila	28/12/2004	106
Artur Bernardes	Rua	28/12/2004	107
Artur Bernardes	Rua	28/12/2004	108
São José	Vila	28/12/2004	109
Joaquim Fonseca	Rua	28/12/2004	110
Nossa Senhora de Nazaré	Travessa	28/12/2004	111
Nossa Senhora de Nazaré	Travessa	28/12/2004	112
Agostinho Leitão	Rua	29/12/2004	113
Artur Bernardes	Rua	28/12/2004	114
Artur Bernardes	Rua	28/12/2004	115
Assunção	Vila	28/12/2004	116
São José	Vila	28/12/2004	117
Joaquim Fonseca	Rua	28/12/2004	118
Estevão	Vila	28/12/2004	119
Cabugi	Rua	29/12/2004	120
Soares	Vila	29/12/2004	121
João Carlos	Rua	29/12/2004	122
João Carlos	Rua	29/12/2004	123
João Carlos	Rua	29/12/2004	124
Ferreira Nobre	Rua	29/12/2004	125
Ferreira Nobre	Rua	29/12/2004	126
4ª Sátiro Dias	Travessa	29/12/2004	127
4ª Sátiro Dias	Travessa	29/12/2004	128
3ª Sátiro Dias	Travessa	29/12/2004	129
Ferreira Nobre	Rua	29/12/2004	130
Vereador Pereira Pinto	Rua	29/12/2004	131
Vereador Pereira Pinto	Rua	29/12/2004	132
Cabugi	Rua	29/12/2004	133
Cabugi	Rua	29/12/2004	134
Ferreira Nobre	Travessa	29/12/2004	135
João Carlos	Rua	29/12/2004	136
João Carlos	Rua	29/12/2004	137
João Carlos	Rua	29/12/2004	138
Ferreira Nobre	Rua	29/12/2004	139
Ferreira Nobre	Travessa	29/12/2004	140
4ª Sátiro Dias	Travessa	29/12/2004	141
4ª Sátiro Dias	Travessa	29/12/2004	142
3ª Sátiro Dias	Travessa	29/12/2004	143
Ferreira Nobre	Travessa	29/12/2004	144
Vereador Pereira Pinto	Rua	29/12/2004	145

(continua)

Vias	Categoria	Data da aplicação do formulário	Número do formulário
Vereador Pereira Pinto	Rua	29/12/2004	146
Ferreira Nobre	Travessa	29/12/2004	147
Ary Parreira	Rua	29/12/2004	148
Ary Parreira	Rua	29/12/2004	149
Ary Parreira	Rua	29/12/2004	150
Ary Parreira	Travessa	29/12/2004	151
Ary Parreira	Travessa	29/12/2004	152
Presidente Sarmento	Avenida	29/12/2004	153
Presidente Sarmento	Avenida	29/12/2004	154
Américo Vespúcio	Rua	29/12/2004	155
Gomes	Vila	29/12/2004	156
Gomes	Vila	29/12/2004	157
Ary Parreira	Avenida	29/12/2004	158
Ary Parreira	Rua	29/12/2004	159
Ary Parreira	Travessa	29/12/2004	160
Ary Parreira	Travessa	29/12/2004	161
Ary Parreira	Travessa	29/12/2004	162
Ary Parreira	Travessa	29/12/2004	163
Presidente Sarmento	Rua	29/12/2004	164
Américo Vespúcio	Rua	29/12/2004	165
Gomes	Vila	29/12/2004	166
Gomes	Vila	29/12/2004	167
Gomes	Vila	29/12/2004	168
Gomes	Vila	29/12/2004	169
Gomes	Vila	29/12/2004	170
Tocantins	Rua	30/12/2004	171
Aracan	Vila	30/12/2004	172
Manoel Vitorino	Rua	30/12/2004	173
Manoel Vitorino	Rua	30/12/2004	174
Tenente Alberto Gomes	Rua	30/12/2004	175
Tenente Alberto Gomes	Rua	30/12/2004	176
Ocidental de Cima	Rua	30/12/2004	177
Ocidental de Cima	Rua	30/12/2004	178
Borborema	Rua	30/12/2004	179
Borborema	Rua	30/12/2004	180
Ary Parreira	Rua	30/12/2004	181
Borborema	Rua	30/12/2004	182
Fonseca e Silva	Rua	30/12/2004	183
Sílvio Pélico	Rua	30/12/2004	184
Sílvio Pélico	Rua	30/12/2004	185
Manoel Vitorino	Rua	30/12/2004	186
Manoel Vitorino	Rua	30/12/2004	187
Manoel Vitorino	Rua	30/12/2004	188
Tenente Alberto Gomes	Rua	30/12/2004	189
Ocidental de Cima	Rua	30/12/2004	190
Manoel Vitorino	Rua	30/12/2004	191
Borborema	Rua	30/12/2004	192

Vias	Categoria	Data da aplicação do formulário	(conclusão)
			Número do formulário
Borborema	Rua	30/12/2004	193
Ary Parreira	Rua	30/12/2004	194
Ary Parreira	Rua	30/12/2004	195
Borborema	Rua	30/12/2004	196
São Pedro	Vila	30/12/2004	197
Sílvio Pélico	Rua	30/12/2004	198
Sílvio Pélico	Rua	30/12/2004	199
Manoel Miranda	Travessa	30/12/2004	200

**Fonte:** Pesquisa de campo, dez. 2004.

